

Defesa Nacional



DE AGOSTO

9 4 2

NÚMERO
339

Diretores responsáveis

Gen. Heitor A. Borges

Cel. Orozimbo M. Pereira

Gen. Cel. Lima Figueirêdo

Gen. Cel. Djalma Dias Ribeiro

Maj. Batista Gonçalves

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

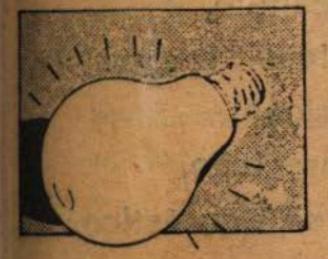
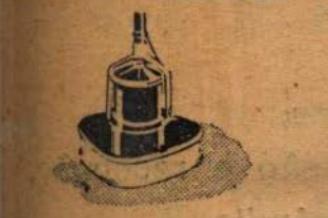
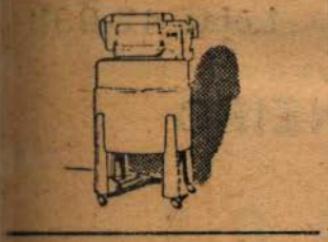
Ano XXIX

Brasil — Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1942

N.º 339

SUMÁRIO

	Pág
A atuação de Caxias como pacificador — Cel. Ascânio Viana	15
Conflito de sentimentos — Cap. Danilo da Cunha Nunes	15
Caxias — Ten. João Lannes Leal	16
Mobilização Nacional — Cel. Onofre Muniz Gomes de Lima	17
Correções dos quadros de Tática de Cavalaria — Maj. Heitor de Paiva	17
Combate em localidades — Major Augusto Maggessi	17
A economia na guerra total — Ten.-Cel. Armando P. Vasconcellos	19
Meios de defesa anti-carro — Cap. Argemiro de Assis Brasil	22
Reflexões sobre a doutrina de emprego dos carros de combate — Maj. Olimpio Mourão Filho	23
As missões da Cavalaria na guerra moderna — 1.º Ten. Fernando Belfort Bethlem	24
“Esta é a verdade sobre a cavalaria” — Ten.-Cel. Arthur Carnaúba	25
O gás de iluminação, carburante econômico — Cap. Gilberto Pessanha	26
Notas do meu caderno — O “trepador” — Cap. Valmir de Araripe Ramos	26
Livros do Exército — 1.º Ten. Umberto Peregrino	27
Noticiário e Legislação	27



A Eletricidade

defende a sua saúde, conservando os alimentos nos refrigeradores. Aspira a poeira do chão, dos móveis e dos tapetes. lava e passa a roupa de toda a sua família. Encera todos os pavimentos da casa com um dispêndio mínimo de energias físicas. Põe ao alcance do receptor do seu rádio, as músicas, as canções e as notícias vindas de todo o mundo. Dá à sua casa uma iluminação perfeita e adequada. Todos esses serviços e inúmeros outros, a eletricidade executa com rapidez e economia, deixando-lhe ainda horas livres para cuidar das suas obrigações sociais e dos prazeres do espírito.



PROVENDAS

EMPRESA PROMOTORA DE VENDAS

ASSEMBLÉIA, 39/41

TELEFONES:

Gerencia: 42-9653

Contabilidade: 42-9521

Loja: 42-9311

RIO DE JANEIRO

•••

Radios,

Refrigeradores,

Material de radiotransmissão e recepção,

Extintores de incêndio,

Grupos eletrogeneos a Diesel e gasolina,

Máquinas elétricas,

Ferramentas de precisão,

Artigos elétricos para uso doméstico,

etc.



INDANTHREN

311
lem-se applicado para fingir o BRIM VERDE
OLIVA, a tricoline cinzenta, a MESCLA e as LO-
NAS. para o uso do EXERCITO E MARINHA
Os corantes

INDANTHREN

— As cores dos tecidos tintos com —

INDANTHREN

— Satisfazem plenamente as condições de solidez e
resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e
Marinha — — —



As noites



mais felizes da

cidade,

são passadas

no

“golden-room”

do

CASINO

COPACABANA

EDITORIAL

E'nos grato este mês rememorar a figura simpática do impávido Duque de Caxias.

A 25 do corrente teremos todos os quartéis engalanados e em festas os corações dos soldados brasileiros.

Todos os dias do Exército são dias de Caxias, mas, na data que marca a nossa magna efeméride — a do nascimento do nosso grande patrono — o nosso fervor é maior e maior é a lembrança de tudo que o emérito marechal Luiz Alves de Lima levou a bom termo para consolidar a unidade nacional e espargir de louros brilhantes as páginas de nossa história.

O ano de 1942 marca a passagem do primeiro centenário de dois feitos gloriosos do destemido cabo de guerra, os quais podem se confundir num só — a pacificação das Províncias de São Paulo e Minas Gerais.

Depois de vencer a campanha prenhe de atrocidades praticadas pelos "balaios", com curto descanso, foi designado a levar a paz e a se-

gurança ao Estado bandeirante, como fizera no Maranhão.

O padre Diogo Antônio Feijó, esquecendo do tempo em que fazia respeitar, por todos os meios e modos, a vontade governamental, fóra das funções de mando dera o apoio a uma rebelião que estourou em Sorocaba, por motivos mais pessoais do que políticos.

Caxias que fora fiel cumpridor das ordens que dele emanara, em nome da regência, quando Ministro da Justiça, a 3 e 17 de abril de 1832, ao receber a missão de destroçar os amotinados, agiu da mesma maneira e com o mesmo entusiasmo.

Seguiu do Rio para São Paulo. Em São Sebastião deixou um contingente que, por terra, deveria ocupar Guaratinguetá, impedindo que a Capital do Império ficasse ao azar de qualquer investida. Desembarcou em Santos, galgou a serra do Cubatão, entrou celeremente em São Paulo, adiantando-se ao adversário que ainda se concentrava na região de Sorocaba. Tomou um dispositivo em três colunas. Travou nutrido combate em Venda Grande nas proximidades de Campinas. No fim de um mês e três dias reduzia a nada grande fogueira para a qual os revoltados haviam juntado tanta lenha e faziam tal alarde que só era o temor nos meios aulicos.

Sem perda de tempo é nomeado para outra empreza de maior vulto, pois maior era o número dos sublevados e mais decidida a vontade dos mesmos em combater, na defesa da causa que os havia colocado fora da lei.

Nessa campanha Caxias revela formidável resistência física. Faz a cavalo o percurso de São Paulo a Paratí, descansa dois dias no Rio e, sem delongas, segue para Minas. O percurso Rio de Janeiro - Ouro Preto é vingado em 11 dias! Que belo "raid"! Que belo exemplo para a nossa infantaria hodierna! A formidável marcha do nosso imarcescível patrono é uma das muitas provas de que o nosso soldado sabe marchar. Bem exercitada a nossa infantaria pode palmilhar mais de 30 km de chão diariamente e por várias jornadas. Temos bons elementos para fazer em qualquer campo de batalha o que militares de outras plagas estão levando a efeito nas arrancadas que caracterizam as ofensivas relâmpagos.

Caxias fez da velocidade seu principal triunfo, quer quando procurou chegar primeiro a São Paulo, quer quando não regateou esforços para atingir, rapidamente, Ouro-Preto, capital de Minas Gerais. Trava o combate de Santa Luzia, no qual a boa estrela pareceu querer faltar-lhe. Com tenacidade a tudo enfrenta afim de colher retumbante

triunfo que pôs ponto final no chamado levante de Barbacena.

Apaziguados os ânimos em Minas, vai Caxias, ainda, sustar a sangueira farroupilha, restituindo, por completo, a paz à família brasileira.

Hoje, em que o mundo se encontra em dores, sentimos que o nosso Brasil, mesmo sem querer, está sendo arrastado para o vórtice tremendo da carnificina.

Para sairmos galhardamente de tudo que nos possa acontecer, precisamos de segurança interna de modo absoluto, necessitamos que todos os brasileiros, sejam quais forem as suas origens étnicas, estejam unidos pelo mesmo sentimento e dispostos a lutar e morrer pela intangibilidade da soberania nacional.

Nesses momentos aflitos e tumultuosos lembramo-nos do grande Duque — do homem que uniu, integrou, argamassou o povo brasileiro, de sorte que na guerra sustentada no estrangeiro, houvesse o Brasil imposto sua vontade a-pesar-do caudal de dificuldades que teve de vencer.

Mais do que nunca Caxias terá que orientar os filhos desta grande Pátria, porque ela não se esfacele nem minada pela confusão de doutrinas reinantes, nem dominada por qualquer agressor, venha ele donde vier.

Marechal Luiz Alves de Lima
Duque de Caxias



Homenagem de “A DEFESA NACIONAL”
ao Patrono do Exército



A ATUAÇÃO DE CAXIAS COMO PACIFICADOR

"O primeiro na guerra, o primeiro na paz..."

Cel. ASCÂNIO VIANA

SE O ESTUDO DA HISTÓRIA nos permite deduzir dos acontecimentos do passado diretrizes que nos orientem no presente, os ensinamentos colhidos na atuação de Caxias em suas intervenções político-militares nas províncias do Império, outrora conflagradas pelas paixões partidárias, constituem normas de conduta que não devem ser esquecidas por nós outros soldados brasileiros.

O decenio 1835-1845 integra a época decisiva da formação da nossa Pátria, porque nele é o Brasil abalado por cataclismos políticos que espalham a desordem de norte a sul, ameaçando a unidade e a integridade do território nacional.

Primeiramente, o banditismo truculento e assolador no Maranhão desencadeia uma tempestade de malefícios sobre a família sertaneja, enchendo de suprema angustia e de inenarrável pavor as cidades depredadas e os lares violados.

Perto de dez mil jagunços, instigados pela politicagem do partido local da posição, haviam-se sublevado, cometendo toda sorte de atrocidades, sem que o governo regional, enfraquecido pelas competições facciosas, pudesse por termo a anarquia reinante.

O Regente do Império nomeia, então, presidente da província e comandante das armas com plenos poderes para jugular a sedição, o Coronel Luiz Alves de Lima que, colocando-se sobranceiro às competições partidárias, acomete os bandoleiros

a ferro e fogo, destroça-os, priva-os de todos os recursos e obriga-os, finalmente, a depor as armas.

Depois, a turbulência das paixões políticas arrasta os paulistas à *Revolta de Sorocaba* e os mineiros ao *Levante de Barbacena*.

Mal irrompe a primeira, é designado Luiz Alves de Lima, agora Brigadeiro e Barão de Caxias, para comandar as forças expedicionárias contra os rebeldes. Cinco dias após já se acha ele na capital bandeirante.

O movimento sedicioso, improvisado pelos proceres liberais, conta para enfrentar as forças legalistas com dois mil civis mal armados, sem disciplina nem coesão.

Caxias surpreende-os pela audácia e rapidez de ação, fazendo-os recuar desordenados até Sorocaba, onde se dispersam sem qualquer resistência.

Apenas de regresso à Corte, corre Caxias a dominar o *Levante de Barbacena*, pois os mineiros também se haviam sublevado pela mesma causa dos paulistas de Sorocaba.

Em Minas, entretanto, as dificuldades se lhe deparam maiores, porque os insurretos, mais numerosos e melhor armados, ocupam terreno propício à defesa e estão dispostos a bater-se a fundo. Caxias encrerra-os, porém, no arraial de Santa Luzia do Sabará e lhes destroça o grosso das forças, de mais de três mil homens, atacando-o com a metade apenas desse efetivo.

Estas três campanhas enchem de prestígio e dão experiência ao ínclito pacificador para enfrentar a mais temerosa e difícil de todas elas — a da *Revolução Farroupilha*.

Há perto de sete anos que a província do Rio Grande do Sul se achava conflagrada, quando Caxias lhe assume a presidência e o comando das armas, encontrando as forças imperiais quasi inativas e os revolucionários senhores de toda a Campanha.

Depois de lançar em vão um veemente apelo ao patriotismo dos gaúchos rebeldes concitando-os à paz, Caxias marcha com o seu exército para a fronteira e procura atraír as hostes farroupilhas à batalha, para batê-las.

Estas, porém, compostas de bravos e destros guerrilheiros, comandados por caudilhos experimentados em constantes correrias pelas coxilhas e descampados, não se deixam tão facilmente spanhar.

Dispersos em partidas volantes, exímios conhecedores do terreno em que operam, os rebeldes fogem prestes ao embate se o inimigo lhes é superior, ou caem de surpresa sobre elementos mais fracos que procuram esmagar.

Caxias, percebendo a dificuldade em aferrar tropas tão erradias, descentraliza o seu pequeno exército e lança destacamentos em ações convergentes, num esforço continuado, sobre os grupos mais importantes do adversário, os quais ou lhe evitam o choque, passando as fronteiras, ou são batidos e dizimados, como Canabarro em PORONGOS, cuja derrota põe termo à revolução.

* * *

O vulto enérgico e magnânimo de Caxias surge de um a outro extremo do País, no meio do turbilhão das desordens e lutas fraticidas que ensanguentam as províncias combalidas. E, quando o terror e o desalento parecem culminar no desespero das populações flageladas, ele abate o opressor, domina a anarquia, dissipá e angustia, restabelece o sossego, distribui justiça.

A absoluta imparcialidade partidária do grande general fá-lo vêr o adversário apenas no subversor da ordem, que arrependido ou vencido acha logo proteção.

As faculdades excepcionais de análise e síntese de que é dotado permitem-lhe encarar com justeza os problemas militares mais variados, habilitando-o a agir com prudência e tenacidade ou com rapidez e audácia, conforme as circunstâncias do momento.

As diferentes modalidades da ação de Caxias sobre cada grupo sublevado, grupos estes de costumes e mentalidades diferentes e poi diversos propósitos impelidos à revolta — como o apaziguamento das facções maranhenses e o choque violento pelas armas sobre os bandoleiros do sertão, cujo único argumento

convincente era a força bruta; a audácia e a rapidez vertiginosa com que investe os civis de Sorocaba, inexperientes na peleja; a atitude mais cautelosa em face dos mineiros bem armados e instalados em boas posições defensivas; o cuidadoso plano de operações, contra a valente e adestrada cavalaria farroupilha, meticulosamente executado ou modificado conforme os acontecimentos — são frutos da rara clarividência e excepcional poder de discernimento deste singular condutor de homens.

Dentre as várias manifestações da sua capacidade múltipla e privilegiada, ressalta indelevel a diretriz inflexível do seu proceder militar.

Caxias sempre intervém em obediência às leis do País, como instrumento da Pátria unida e indivisível.

Jamais empunha a espada para oprimir e aterrorizar, mas sim para restabelecer a ordem e a disciplina, garantindo a tranquilidade e a segurança — aspirações culminantes da Nação.

Para aqueles que vêem na espada a antítese da paz e das liberdades públicas, Caxias se lhes apresenta como a mais expressiva das contradições.

E' por isso que nunca se fará demasiada a evocação de um exemplo tão exato do soldado perfeito — e ele o foi até o derradeiro momento.

O bronze consagrou-o à contemplação gloriosa dos pósteros.

Não nos detenhamos, porém, na contemplação — aprendamos também a imitá-lo.



CONFLITO DE SENTIMENTOS

(Fragmento de uma monografia sobre Caxias)

Cap. DANILLO DA CUNHA NUNES

O ANO DE 1831 foi de grandes agitações na Capital do Império. A efervescência provocada inicialmente pelo decepcionante desenlace da campanha de Montevidéu, que terminará com a indecisa batalha do Passo do Rosário, chegará ao período de ebullição, e graves acontecimentos iriam se desenrolar.

Caxias, dentro da natural ponderação do seu espírito equilibrado, encarava com estoicismo a perda do Uruguai, mesmo porque estava intimamente convencido de que a própria coesão da Pátria Brasileira lucrará com a mutilação sofrida.

Para a sua mentalidade patriótica de brasileiro sem rasgos exagerados de teatralidade, a unidade do nosso território não fôra afetada pela perda de um pedaço de terra, que por sua origem, por fatores etnológicos, por justiça, na realidade não nos pertencia.

Conservar o Uruguai como parte integrante do território nacional, teria sido infeliz para o Brasil, pois que seria mais um motivo de dissidio interna, e talvez outro fosse mais tarde, o desfecho da Revolução Farroupilha.

Caxias nos campos de luta, mais uma vez deu provas de sua extraordinária coragem, sendo que episódios singulares mostraram a sua capacidade de ação, e faculdade de iniciativa felizes.

Quando combateu na Campanha Cisplatina, intimamente convicto que fortes razões pendiam para o lado dos uruguaios, não violentou a sua consciência, porquanto o fazia principalmente contra a hegemonia da República Argentina que ameaçava o sul do território americano.

Após a batalha de Passo do Rosário, quando frustadas foram as esperanças imperialistas dos argentinos e de alguns brasileiros mal orientados, Caxias, embora lamentando as perdas materiais do nosso Exército, respirou liviado.

Surgia na América do Sul a República Oriental do Uruguai.

Estava automaticamente criado um Estado tampão, entre a República Argentina e o Império do Brasil.

Desprendera-se um fragmento da gema valiosa que é o nosso Brasil, e uma nova estrela brilhou então na constelação das nações sul-americanas.

Após a Guerra Cisplatina, Caxias por seus feitos de bravura era promovido a Major e agraciado com a comenda da "Ordem da Rosa" crescendo sempre, cada vez mais vinculado ao Exército Brasileiro. Este, mais forte e coêso, não era mais um instrumento inerte nas mãos precipitadas dos dirigentes do país e sim um organismo com vida, que pulsava ritmadamente, sincronizado com a exaltação cívica da população.

As críticas acerbas à nossa política exterior no episódio de Ituzaingó, eram apenas pretextos que vinham reforçar as amargas queixas de que os brasileiros guardavam contra a figura impopular do Imperador.

D. Pedro I foi um ator que teve o apogeu de sua carreira, quando em 7 de Setembro de 1822, às margens de um riacho de águas serenas, sob a luminosidade de um céu azul, montado em um fogoso corcél, cercado de jovens oficiais ardentes e entusiastas, deu o brado famoso de: — Independência ou Morte !

D. Pedro estouvado e impulsivo, em absoluto poderia congregar em torno de si uma família heterogênea de brasileiros e portugueses, numa época de sérias perturbações em que a energia deveria aliar-se à placidês de julgamento.

Com a declaração da Independência, o Imperador cavara um abismo de ressentimentos entre ele e os portugueses. E mercê dos favores com que abertamente os agraciava, degradava-se cada vez mais no sentimento dos brasileiros.

D. Pedro I já representara seu papel na história. Atitude heróica que valeu por toda sua vida de dissipaçao e aventuras.

O Brasil precisava continuar a sua marcha para um futuro brilhante, afim de conquistar de uma forma definitiva, a sua posição de destaque, no concerto das grandes potências.

Caxias estava jungido ao Imperador, por uma grande admiração e por um estrito espírito de disciplina. A sua carreira de oficial se processará no Batalhão de confiança de D. Pedro I, que sempre tivera um lampejo de admiração e amizade, ao contemplar a figura impressionante de militar que era Luiz Alves de Lima.

Entretanto, à medida que os acontecimentos se iam precipitando, e uma febril exaltação se contagiava do povo para as forças armadas, tornava-se evidente que a permanência do Imperador à testa dos destinos do Brasil, seria de funestas consequências, pois acenderia o fogaréu assustador de uma guerra civil de enormes proporções.

A concepção rígida de disciplina que o Exército imprimira a fogo na alma de Caxias, o presservára grandemente de ser dominado pela febre que contaminará a população civil e avassalára as classes armadas.

Todavia em sua consciência já havia um profundo antagonismo de idéias, numa luta silenciosa entre o seu raciocínio e o seu sentimento, entre o cérebro e a alma.

Aproximava-se a ocasião crítica de um desenlace, e sob a fisionomia austera e impassível do Major Alves de Lima, desencadeava-se um vendaval de sentimentos contraditórios.

.....

Há na vida dos Homens predestinados, que escapam à órbita comum da existência, situações terríveis, em que idéias antagonicas se chocam com o fragor da tormenta, em que o vórtice da dúvida se abre em suas almas, e suas vontades são submetidas ao fogo rubro.

Deste embate titânico ou sairão derrotados e transformados em farrapos humanos, ou triunfantes, com a témpera magnifica de lutadores invencíveis.

Ney, comandante das tropas reais de Bourbon, quando entre Besançon e Macon aguardava Napoleão e o “bando de salteadores”, que se lhe juntára, na fuga triunfal da ilha de Elba, viveu os mais dramaticos instantes de sua existência.

O Principe de Moscowa, Marechal de França, o Bravo dos bravos, o mesmo que, despedindo-se de Luiz XVIII, prometera trazer Bonaparte em uma “gaiola de ferro”, após uma luta titânica de consciência, insône, desvairado, sucumbe como que hipnotizado diante do fulgor daquele nome que ainda era uma centelha de glória: Napoleão !

Desapareciam de seu espírito, todo o raciocínio, todas as razões e compromissos morais.

“Estava na tempestade, confessa ele mais tarde. Perdi a cabeça”.

“Arremessára-se no abismo, como dantes se atirára às fauces dos canhões”. (*)

Foi este na realidade, o epílogo da carreira militar do Marechal Ney, uma das mais impressionantes figuras de Herói que a História nos revelou.

.....

A atitude de Caxias, nos momentos dramáticos em que violentamente foi tomado dos mais contraditórios sentimentos, foi de uma limpidez cristalina, que nos enche de orgulho, e que se mostra como um exemplo para todas as gerações militares.

Quando a gravidade dos acontecimentos era de tal ordem, que após a deputação de juizes, o próprio Brigadeiro Lima e Silva, Comandante das Armas, comparece a palácio para demover D. Pedro de uma atitude irreduzível, recebe ainda a resposta desdenhosa e arrogante do Imperador:

— Não, não cedo! Não reintegrarei o Ministério !

Era tão profunda a confiança que D. Pedro depositava na lealdade e bravura de Caxias, que, embora sabedor que as tropas tomavam posição no Campo de Santana, para confraternizarem-

(*) Houssaye.

com o povo, apegava-se à última esperança e declarava com gullo:

— Eu ainda tenho o Batalhão do Imperador!

Quando o Marquês de Cantagalo, a mando de D. Pedro interrogava o Major Alves de Lima sobre a rebelião, a resposta vem rebuços cheia de simplicidade: "Os soldados da maior parte os corpos que se achavam no Campo de Santana estavam contaminados do espírito anárquico; porem não assim o Batalhão Imperador e a Artilharia Montada". Mais tarde a respeito seu próprio batalhão declara ao Marquês que o escuta aterrorizado: — "que o espírito da rebelião lavrava na maioria dos oficiais do corpo, e tanto assim era, que os anarquistas, contando com essa maioria nem ao trabalho se haviam dado de perverter os soldados".

Era porem tão grande a envergadura moral de Caxias, e tão elevado o seu espírito de militar, que, tendo apresentado com toda a franqueza o quadro trágico da situação ao Imperador, crescentava ainda:

— "Se sua Majestade quiser debelar o movimento, nada mais facil. Bastará seguir nesta mesma noite para a Fazenda de Santa Cruz, e alí reunir as milícias, à frente das quais estou pronto para colocar-me, devendo estacionar no Campinho os postos avançados. Se podem adotar-se este alvitre, deverá ser acompanhado de um decreto, concedendo baixa a todos os soldados de primeira linha, que a quiserem; pois, feito isso, dentro de vinte quatro horas os oficiais se acharão a sós".

Em toda a sua vida de guerreiro, foi neste momento que Caxias mais do que nunca se revelou verdadeiramente um militar. Militar por natureza, por educação, por convicção.

Quando todas as circunstâncias se conjuravam contra o Imperador, e a penumbra da desgraça baixava sobre ele, Caxias com seu profundo conhecimento de toda a situação, permanece leal "à outranra", e sua figura magnífica, impávida se apresenta como um símbolo, do que deve ser o Exército, rígido dentro dos seus postos, soldados de honra, como elemento de coesão indestrutível da nossa Pátria.

A nobreza do gesto de Caxias foi tão grande que se refletiu sobre o próprio Imperador; e dele veio a resposta que a todos estremeceu:

— “O expediente proposto é digno do Major Lima e Silva, mas não o aceito, porque não quero que por minha causa se derrame uma só gota de sangue brasileiro; portanto, siga o Major a sorte de seus camaradas reunidos no Campo de Santana”.

D. Pedro I conseguira o impossível. Ao retirar-se do cenário político do Brasil, que não fora para ele mais do que um grande palco, demonstrava um despreendimento quasi absurdo na sua personalidade marcadamente egoista, e sua frase de renúncia tinha qualquer cousa de sublime, porque era profundamente humana.

Com a abdicação de D. Pedro, o Exército precisava da clairidência e patriotismo do Major Lima e Silva, porque o momento era de extrema gravidade, e a desordem e a anarquia surgiam como consequências naturais de interesses diversos, das imaginações encadecidas, do assalto às posições de mando, do colapso repentino da autoridade governamental.

Caxias estava liberado para seguir o seu destino irrevogavelmente traçado.

Por um momento, uma angustia, um sentimento indefinível de máguia, o vazio imenso que era a saudade de um passado brilhante, abriu-se em seu coração.

Logo a seguir uma força nova e estranha lhe encheu a alma e os últimos resquícios de suas reminiscências, esmaeceram-se diante do sentimento imperioso de acima de tudo, servir a sua Pátria.

CAXIAS

Ten. JOÃO LANNES LEAL

(Conferência premiada num concurso
entre os oficiais subalternos do
BATALHÃO ESCOLA).

Hoje e sempre a Pátria Brasileira há de render culto comovido ao Duque de Caxias, o maior e o mais completo dos seus filhos, aquele que em todos os setores de sua vida foi um exemplo, e que passou a posteridade como um símbolo. Acima de todos os dotes que lhe enriqueciam o ínclito caráter, eleva-se, agiganta-se o dote militar. Foi tão perfeito em seus planos nos campos de batalha entre trincheiras, como no alto campo da inteligência e da administração.

As cintilações de seu espírito e de sua espada expulsaram, durante os 55 anos de sua vida pública, os fantasmas da discórdia e da guerra que escuréciam os horizontes nacionais.

Analizando-lhe o caráter, descobrimos nele todas as qualidades que se exigem ao general perfeito, e que Bordaloue tão bem descreve, referindo-se a Condé. Em verdade, parece-nos que o grande orador francês se dirigia a Luiz Alves de Lima e Silva, quando exclamava: "Foi em todos os seus deveres completo, isto é: fiel ao seu rei, zeloso do público bem, caritativo, prudente na administração, para com todos justo e, quanto preciso, superior a si mesmo e a todo o interesse; na prosperidade modesto, na adversidade inabalável, equânime em uma e outra fortuna. O princípio de suas façanhas era aquele marcial ardor, que sem temeridade, lhe fazia ousar tudo; aquela fogo que na execução lhe tornava tudo possível, tudo fácil; aquela firmeza d'alma que nunca houve óbice que lhe obstasse, perigo que lhe infundisse temor, resistência que o cançasse; aquela vigilância que nada surpreendia; aquela previsão a que nada escapava, aquela penetração com que, nas mais aventuradas conjuncturas, encarava, de um relance, quanto podia embaraçar, ou favorecer o êxito, como olhar de águia que, instantâneo, abarca vastas regiões; aquela prontidão não precipite, mas imatura, antipoda da lentidão de outras; aquela perspicácia que o tornava tão habil para aproveitar as ocasiões".

Era assim Luiz Alves de Lima e Silva, o nome tutelar de nosso Exército, a figura gigante, que surge com o Brasil independente, e,

projetando-se em sua vida política, diplomática, militar, desenhalhando os contornos e abre-lhe com a espada invencível a trilha a seguir.

Durante o período convulso da regência, durante a época perigosa da menoridade, foi Caxias o pacificador prudente e sábio, cuja ação pronta, cujo patriotismo ardente, conseguiram impedir a fragmentação nacional.

Filho e neto de militar, desde a infância entusiasmado pela carreira das armas, tinha Luiz Alves de Lima e Silva gisado indelevelmente em seu espírito, que o primeiro dos deveres militares é a disciplina, esse complexo de regras que prescrevem a obediência, ("peso que mais se sente como escudo que como jugo"). Para ele, D. Pedro I era o fundador da independência brasileira, era o seu generalíssimo. Diante de tão alta consideração, qualquer outra razão lhe aparecia pálida.

Já no posto de tenente, fazendo parte do Batalhão do Imperador, realizou a campanha de 1823 na Baía, onde começaram a se revelar as suas altas qualidades de militar. Em 1825, contando apenas 22 anos de idade, era designado capitão e recebia a medalha da guerra da independência da Baía. Cada vez mais se acentuavam os seus dotes de coragem e estratégia. Por sugestão sua, e sob seu estímulo, surgem: o Batalhão Sagrado e o Corpo de Municipais Permanentes, destinados a jugular a anarquia militar no período febricitante da regência. E em breve, eis-lo a pacificar o Maranhão, S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul.

Quanta elevação, quanto patriotismo sadio e construtor ressaltam na proclamação que dirigiu, quando chegou ao Maranhão, incumbido de pacificá-lo: "Maranhenses! mais militar que político, eu quero até ignorar os nomes dos partidos que entre vós existam".

Em verdade, os revolucionários maranhenses eram muito superiores em número, aos soldados imperiais. Quais bandos de salteadores não tinham acampamento fixo, e caíam frequentemente sobre fazendas e povoações indefesas. O Coronel Lima e Silva que chamava seu exército: "Divisão pacificadora do norte", põe-se a combatê-los, usando colunas volantes, até exterminar completamente a rebeldia. De regresso à Corte, foi recebido com as maiores provas de contentamento pelo povo e governo, sendo então promovido a brigadeiro, e unanimemente eleito representante da província do Maranhão na quinta legislatura, e depois, escolhido comandante das armas da Corte. O governo imperial, em reconhecimento aos seus serviços como pacificador e administrador do Maranhão, concedeu-lhe o título de Barão, permitindo-lhe a escolha. Aceitou o baronato de Caxias. Naturalmente, mais que outro qualquer, o nome de Caxias lembrava-lhe o término da sublevação maranhense. Fora na cidade desse nome que expedira a derradeira intimação aos sediciosos para que despussem as armas.

O período regencial e o dos primeiros tempos do governo do jovem soberano foram uma época pandêmica de revoluções. Mal terminava a pacificação maranhense, e já em S. Paulo, na cidade de Sorocaba, rompiam-se e estendiam-se de modo assustador as chamas revolucionárias. O governo apela para o Sr. Barão de Caxias e entrega-lhe a direção das difíceis operações em S. Paulo. Tanto mais difíceis, quanto as tropas que lhe foram entregues eram infinitamente inferiores, em número e qualidades, às paulistas. Segue imediatamente o grande soldado para a cidade de Santos. "Levava 400 recrutas bissonhos, tirados do depósito" para fazer frente a 3.000 homens aguerridos e empolgados com a rapidez com que, sem encontrar obstáculos, iam estendendo as labaredas incandescentes da revolução. Era tal a desigualdade entre os soldados imperiais e revolucionários, que o conselheiro Antonio Carlos exclamou estupefato: "Como! para combater fosse a quem fosse, e especialmente para combater homens da terra de Amador Bueno, para subjugar paulistas mandam-se 400 cadáveres ambulantes!"

Entretanto, Caxias segue, e seria interessante narrar aqui um fato que bem demonstra a sua perspicacia. Mal chegou a Santos com o insignificante contingente, dirigiu imediatamente ordem às estações competentes para que lhe preparassem rações para 3.000 homens. Ele bem sabia da celeridade com que as notícias correm, e da impressão que ao espírito do inimigo causaria essa hipotética chegada de uma força de 3.000 homens sob o seu comando.

Partiu, em seguida, sem demora, para a serra de Cubatão, de onde prosseguiu aceleradamente até à capital paulista. Já em Pinheiros, distante apenas uma légua, se encontravam as hordas revolucionárias. Desde o início, o Barão tomou a ofensiva. Tal atitude desconcertou visivelmente o inimigo que, estupefato, deu tempo a que as tropas de Caxias lhe paralissem as operações. Sem perda de tempo puseram-se as forças imperiais em marcha para Sorocaba. Os fatos, desenrolados na capital paulista, lançaram a desmoralização dos chefes rebeldes em suas próprias hordas. Sorocaba caiu em poder das tropas imperiais. Na rapidez com que fugiram, os rebeldes deixaram: armamentos as próprias peças de artilharia assestadas nas ruas da cidade. O movimento que já se havia extendido, de forma amedrontadora, em Taubaté, Pindamonhangaba, Lorena e Silveira, começou visivelmente a arrefecer, para surgir, porém, com mais ímpeto em Minas Gerais.

O governo imperial, vendo que já eram dispensáveis os serviços do Barão de Caxias em S. Paulo, nomeou-o, imediatamente, chefe do exército pacificador. O movimento surgira com ardor excepcional em Barbacena. A 25 de julho de 1842 partia o Barão de Caxias para Ouro Preto. Não sem muitas dificuldades, pois felizmente, em parte, parecia quasi eclesiástica essa insurreição, conseguiu mais uma vez dispersar o balsamo fecundo da paz em corações e almas.

De regresso à Corte, em setembro de 1842, sob os aplausos de toda a nação, foi o grande Pacificador, que ainda não contava 40 anos de idade, promovido a marechal de campo graduado, por decreto de 29 de agosto de 1842 "pelo relevantes serviços prestados nas províncias de São Paulo e Minas".

O nobre marechal, o parlamentar conciso, o diplomata de rara acuidade psíquica, o administrador honestíssimo e previdente, esse grande Caxias cuja vida, no sentir de Olegário, foi também a vida do Brasil, não podia entretanto repousar. Muito fizera, muito porém ainda estava por fazer. Havia já 8 anos que a vasta província do Rio Grande do Sul se achava como que segregada do império. Uma guerra que já tomava o aspecto crônico, que em nada se mostrava antipática ao estrangeiro vizinho, afastava o Sul do Brasil da comunhão das demais províncias, enfraquecendo, extraordinariamente, as reservas morais e materiais do país. Fazia-se mister encerrar tão lamentável luta. A quem recorrer sinão à espada e à habilidade do grande e invencível Barão de Caxias?

Noineado comandante em chefe do exército em operações, e presidente da província do Rio Grande do Sul, levando instruções que correspondiam a verdadeira carta branca, partiu o Sr. Barão de Caxias para Porto Alegre, tomando posse de ambos os altos cargos a 12 de novembro.

A legalidade achava-se como que sitiada pelas hordas rebeldes. Apenas contavam os legalistas com 3 cidades e com os terrenos ocupados pelos soldados. A cavalaria era quem decidia o destino das batalhas nas regiões gauchas. Os revolucionários possuíam toda a cavalgada daquelas paragens ou seja mais de 25.000. Os cavaleiros amestrados eram em número superior a 3.000. Afeitos à vida militar, rápidos em suas manobras, disciplinados e obedientes aos chefes, estavam empolgados pelas vitórias que iam conseguindo. As forças legais representadas por 11.500 homens, mas reduzidos a 7.000 para o combate, achavam-se dispersas em Porto Alegre, Rio Pardo e Jacuí e o grosso do exército no Passo de S. Lourenço. Desde o começo da luta já 11, entre generais e presidentes, se haviam sucedido no comando das tropas legais. Essa contínua mudança havia habituado a soldadesca a obedecer friamente aos comandos, e as batalhas que em geral eram pouco felizes, arrefeceram o entusiasmo dos combatentes. Caxias sentiu que era necessário erguer o moral da tropa. Providenciou para um melhor fornecimento de munições. Viu que os corpos das diversas armas se apresentavam muito desfalcados, em desproporção com as forças inimigas e com as dificuldades da região em que se encontravam. Procurou conhecer perfeitamente o seu exército, sondando-lhe e suprindo-lhe as necessidades, quer de ordem material quer de ordem moral. Quando, após um necessário adestramento, levou suas tropas ao combate, as vitórias sucederam-se umas após outras. Tristes vitórias as da guerra civil! Era

m, com certeza que pensava o nobre varão, o dileto filho, cuja es-
la a Pátria reclamou em todos os momentos de perigo. A vitória na
fratricida não lhe causava júbilo, mas lágrimas. Quando, depois do
tentável drama de Porongos, ao entrarem as tropas em Bagé, o Barão
Caxias convocou os generais e recomendou-lhes que não permitissem
nenor manifestação de júbilo em suas tropas; e, perguntando-lhe, em
vaidade o vigário de Bagé a que horas desejava que se realizasse o
Deum, com emoção repito a resposta que lhe deu o nobre varão: "Re-
endo! Precedeu a esse triunfo derramento de sangue brasileiro. Não
sinto como trofeus desgraças de concidadãos meus. Guerreio dissidentes,
sinto as suas desditas e choro pelas vítimas como um pai pelos
seus filhos. Vá reverendo, vá! e em lugar de Te-Deum celebre missa
defuntos, que eu, com o meu estado maior e a tropa que na sua igre-
ja couber, irei amanhã ouvir-lhe por alma de nossos iludidos irmãos que
eceram no combate".

A sua caridade de verdadeiro cristão, fazia com que mandasse matar
ito maior número de rezas do que era necessário, afim de distribuir
as famílias necessitadas, embora de sediciosos exaltados.

Quanta beleza, que elevação, que patriotismo, exalam as palavras
que dirigi aos rebeldes, que talvez levados por falsas idéias de patrio-
mo se tivessem enleiado no torvelinho da revolução:

"Lembrai-vos de que, a poucos passos de vós, está o natural iní-
go de nós todos, o inimigo de raça e de tradição. Não pode tardar
que nos meçamos com os soldados de Rosas e de Oribe; guardemos para
não nossas espadas e nosso sangue. Vê de que esse estrangeiro exulta
n esta triste guerra, com que nós mesmos nos estamos enfraquecendo
e destruindo. Abracemo-nos e unamo-nos para marchar não peito a
nito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria que é nossa mãe
nun!". Essas palavras penetraram em muitos corações. Tempos
depois o próprio Canabarro, a frente de 3.000 homens, marchou contra
sas, sob as ordens do grande marechal que ele combatera.

O reverendo padre Pinto de Campos, apreciando o término da
glória luta dos farrapos, assim se expremiu: "Foi seu término evi-
ntemente devido à direção dos negócios — pelo general em chefe,
admirável em sua estratégia — pelo supremo administrador, admirável
suas providências — pelo estadista, admirável em sua política.
Como general, seu nome incutia tais receios, que os mais ousados ad-
versários fugiram sempre de se medir com ele, diligenciando-se sómente
ter-se com seus tenentes e auxiliares; mas todos os seus planos foram
nempre coroados de êxito e os adversos frustados. Como administrador
transformou todo o serviço, não havendo minúcia a que não atendesse
especialidade sobre que deixasse de providenciar com acerto, econo-
mia e prontidão. Como político, alcançou o brilhante triunfo do mais
bravuro que era humanamente possível e com mais paternal bravura,
sendo digno de recordar-se este curto e eloquente diálogo: — "Como

foi, general, que chegou ao porto onde tantos naufragaram? — Por isso mesmo, senhor, serviu-me de farol essa experiência. Já não havia erro possível, só tive em vista não fazer nada do que tinha feito. — Vejo general, que não venceu só; convenceu".

Em 1851 vê-se o Brasil obrigado a interferir no Uruguai. O comando das operações é entregue ao ínclito Barão de Caxias que imediatamente se transporta para o teatro dos acontecimentos. Começa a estampa o caráter político e militar do nobre barão na ordem de dia firmada no quartel general das Pontas de Cunha Perú, em 4 de setembro de 1851. Vejamos o seu trecho mais expressivo: "Soldados ides pelejar a par de bravos amestrados no combate; esses bravos são nossos amigos, são nossos irmãos de armas. A mais perfeita e fraternal união deveis pois com eles manter. Que nenhum outro sentimento em vós se manifeste, além do desejo de excede-los, a ser possível, nas virtudes do verdadeiro soldado. Não tendes no Estado Oriental outros inimigos senão os soldados do general Dom Manuel Oribe, e esses mesmos, enquanto iludidos empunharem armas contra os interesses da Pátria. Desarmados ou vencidos, são americanos, são vossos irmãos, e como tais os deveis tratar.

A verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa e respeitadora dos princípios de humanidade. A propriedade de quem quer que seja, nacional ou estrangeiro, amigo ou inimigo, é inviolável e sagrada; e deve ser tão religiosamente respeitada pelo soldado do exército imperial como sua própria honra". E depois de outras considerações igualmente nobres conclui: "Eia pois! Marchemos a cumprir o que à Pátria devemos!". E sempre foi esse seu brado de alerta: Marchar! pela Pátria, com os olhos postos em sua felicidade futura, com o coração pulsando pelo desagravo de sua honra. Marchar, esmagando o cansaço, vencendo a dor física até encontrar a vitória. A sua vida inteira foi uma marcha desassombrada pela reta senda do bem e da virtude. Ele marchava, ia após si, arrastando, empolgando, eletrizando de entusiasmo, todo o exército, o Brasil inteiro. "Eia! Marchemos ao combate que a vitória é certa; porque o general e amigo que vos guia nunca foi vencido", exclamava ao seu exército em Lomas Valentinas. Ídolo dos seus comandados, Caxias, como bem disse Dionisio Cerqueira, "poderia fazer dos seus soldados o que quisesse. Desde um herói até um martir". Por isso, quando às suas rarefeitas falanges, dirigiu em Itororó a celebre alocução: "Sigam-me os valentes" não houve obstáculo que lhe detivesse a marcha. Ele, o nobre varão encanecido no serviço da Pátria, não parecia nesse momento o ancião venerando. O patriotismo é Fonte de Juventude que banha as almas dos grandes condutores de idéias e de legiões. A alma forte do Bayard Brasileiro, do maior guerreiro do hemisfério", era a própria alma nacional, e ele não parecia um homem, mas a imagem da Pátria. Em todas as campanhas que desenvolveu na guerra do Paraguai, demonstrou sempre, a par com

o patriotismo viril e eletrizante, uma capacidade inegualável na estratégia, na tática e na castramentação? Foi a sua estratégia e o arrojo de sua coragem inquebrantável que permitiram a ruptura das correntes e a tomada de Humaitá. Levados pela sua espada invencível foram as nossas forças, unidas às aliadas, ocupando sucessivamente:

No ano de 1867: Tuiu-cuê, Para-cuê; atravessando Curupaití, tomando Pilar, combatendo em Esteiro-Rojas, em Palmares, em Potreiro Ovelha, ocupando Taii e Tuiuti.

Em 1868 realizamos a assombrosa passagem de Humaitá, o assalto e tomada de Estabelecimento e Sauces, foi feita a ocupação do Chaco, o ataque do Novo Estabelecimento de Jacaré, a tomada de Tebicuarí, a ocupação de Vila Franca, o combate de Serbi-i, e a tomada das linhas de Piquiciri; fizemos em seguida a abertura da estrada do Chaco. Em dezembro dá-se o desembarque das nossas forças em Santo Antônio, e 3 dias depois a batalha de Itororó. Em seguida, vamos ocupando o porto de Inapé e finalmente, dão-se as batalhas de Avaí e Lomas Valentinas. Estava completamente destruído o exército inimigo. Foge Lopez, e rende-se a guarnição de Angustura. Em 1869, em janeiro, segue rio acima, a esquadra encouraçada na direção de Assunção que o marquês ocupa. A 15 de fevereiro regressa finalmente o nobre Duque de Ferro ao Rio de Janeiro, sendo recebido pelo povo com as maiores demonstrações de júbilo e de reconhecimento. Teve em seguida, a medalha de mérito militar, o título de Duque e a exoneração do comando em chefe das forças brasileiras no Paraguai, pois que praticamente a guerra já estava terminada.

Mui superficialmente, Srs., passei em revista o vulto egrégio do militar símbolo, que em vida comandou legiões invencíveis e que, passando às paragens eternas, continua a proteger os destinos do exército que tanto amou e a quem legou como orientação os seus exemplos, como modelo, toda a sua vida.

O Duque de Caxias, o invencível Duque de Ferro, foi não só um modelo de virtudes militares, mas também um político modelar, um cidadão exemplar, um cristão de fé robusta. O reverendo Padre Pinto de Campos, referindo-se a atuação política do grande brasileiro, diz: "Na política constituiu o Sr. Duque de Caxias, a força do equilíbrio e da estabilidade do ministério a que presidiu". Militar acima de tudo, foi o parlamentar conciso e preciso que dizia claramente o que desejava. Foi o diplomata perfeito. Na verdade os seus dedos que vigorosos empunhavam a espada, posuiam quando necessário, a delicadeza e a habilidade de urdir tratados da mais fina diplomacia. Podemos dizer dele, o mesmo que Cícero, na Oração pela lei de Mânlio, dizia de Pompeu: "Sua benignidade é tanta que se não diserne facilmente qual seja maior nos inimigos: se o temor que eles temem de seu valor antes da peleja, se o amor que mostram à sua mansidão após a vitória".

Cidadão modelar, foi o modelo dos chefes de família, o esposo amantíssimo. E' impossível fazermos um, embora rápido, estudo da nobre figura do Duque de Ferro, sem nos determos respeitosos e emocionados, deante da nobre e virtuosíssima figura da duquesa de Caxias. Já alguém disse, muito acertadamente, que o homem é uma consequência da mulher com quem vive. Em realidade, era o próprio Duque quem declarava que "nenhum só dos atos que o exaltam deixou de ser sugerido, animado, inspirado, por ela ou pela imagem dela". E cheio de reconhecimento dizia: "Que, se em sua larga carreira havia motivo para glórias, inteiro e intácto para ela deveria reverter". O reverendo padre Pinto de Campos que teve a honra de merecer a amizade particular do Duque de Caxias, num trecho em que se refere à nobre duquesa diz: "A mulher, para quem seu marido era um ídolo, que nada via na terra sinão através o prisma conjugal; que só na sua companhia desfrutava delícias; que se considerava em exílio quando, por horas se apartavam; era a própria que, apenas a Pátria tocava a rebate, lhe vestia o arnez e lhe enfiava ao braço o escudo, dizendo tambem! Vai, e volta com ele ou sobre ele". Belo exemplo de mulher brasileira! Coração digno de um herói.

Quanto aos sentimentos religiosos do nobre duque, ouçamos o que deles disse ainda o reverendo Pinto de Campos, que é, sem dúvida, um dos seus mais autorizados biógrafos: "Sincero em suas crenças religiosas, tem inalteravelmente procedido como quem está convencido de que todas as suas fortunas, como as suas provações correspondem a um incontrastável designio da Providência; e não desdenha manifestar seu respeito à religião, à moral, ao culto dos seus avós.

Os seus sentimentos religiosos sem ostentação manifestam-se constantemente. E' sabido que mesmo nos acampamentos e em marcha, nunca discurrou dos deveres do culto em cuja assiduidade dava o mais salutar dos exemplos".

Debalde procuraram obumbrar-lhe a gloriosa memória, os velos maldosos dos indignos e descrentes. Esses pobres veus, sempre rotos, sempre inúteis, jamais realizaram seu miserável objetivo. Pobres peineiras erguidas contra um Sol glorioso.

Bem sabemos, senhores, que todos somos condenados a maiores ou menores imperfeições, decorrentes da própria natureza humana, imperfeições de que, nem os santos nem os sábios se conseguem livrar.

Não se permite, porém, que aqueles que se propoem a analisar um vulto egrégio, detenham-se ante pequeninos senões, que, após serem ampliados com a lente da maledicência, vão ter ao conhecimento do público.

Caxias pertence ao Santuário da Pátria. Lá chegou, conduzido pelo seu valor de soldado e cidadão perfeito. Lá ficará até à consumação dos tempos.

Considero sacrilegas todas as produções que insinuarem algo contra a sua sagrada memória.

Quem não se sentir suficientemente preparado para levar-lhe o ín-
enso da admiração, que ao menos se mantenha em silêncio respeitoso!
Iais quem se sente impuro, incapaz de penetrar no Santuário da Pátria,
não tiver a coragem suficiente para se purificar, que se detenha ao
argo, sem se aproximar do templo. Que encha a sua literatura vasia,
e figuras de barro, mil vezes mais fáceis de saciar-lhes a sede de in-
onoclasta.

Quem ousa erguer, embora camouflada com frases soantes e justi-
ficativas inúteis, argumentos chistosos ou falsos, sempre maldosos, con-
tra o herói a quem a Pátria, de joelhos, rende culto, das duas uma, se-
nhores: ou é louco, ou pertence à triste classe dos "originais" sem ta-
ento dos nossos tempos, que vivem a buscar originalidades extravagantes,
para exibir no comércio dos livros. Os seus golpes demolidores,
onje estão, porém, de atingir o sagrado alvo. Pigmeus, em luta com
igante, por mais que ergam os braços, só conseguem atingir o 1.º de-
rarr do monumento de adoração e respeito em que se ergue no cora-
ção da Pátria o grande herói. E o linguajar desses pobres batráquios
humanos, sempre atormentados pelo "foi não foi" estéril da dúvida, é e
verá sempre abafado pelo coro orefônico dos brasileiros dignos, a en-
oar, com a alma de joelhos, um "Benedicite" eterno àquele a quem de-
emos a integridade da Pátria, e que lá das regiões eternas em que se
encontra continua a velar pela felicidade do Brasil.

Bendito sejas, no Brasil inteiro,
Herói cristão. Bem alto eu te bendigo !
Da vitória sabias o roteiro,
E levavas a paz sempre contigo !

Para a frente, marchando sobranceiro,
Pela Pátria esquecias o perigo,
E, após, diplomata verdadeiro,
Do inimigo, fazias novo amigo !

Puro de ações, de sentimentos, puro,
Nunca vencido, ó Duque da vitória,
Preparaste, ao Brasil, claro futuro !

Soldado símbolo. Exemplo de civismo.
Tua espada escreveu, em nossa história,
Os mais belos capítulos de heroísmo !

(Soneto de Nisia Nobrega Leal)

transporte, numerosos grupos de adeptos, notadamente norte-americanos, que se tornaram os maiores turistas do mundo.

As estimativas do tráfego aéreo para o começo do após guerra dão cerca de 600 passageiros por dia, para viajar sobre o Atlântico, entre os Estados Unidos e a Europa, isto é, 300 passageiros em cada sentido. Para transportar essa lotação em aparelhos com capacidade para 57 pessoas, mas contendo em média dois terços deste número, serão necessárias oito viagens diárias de ida e outras tantas de volta. Não seriam vôos diretos, que se tornam exageradamente dispendiosos a partir de 2.000 quilômetros. Aviões maiores poderiam fazer vôos sem escalas, mas a freqüência de viagens seria menor e é voz geral que o público prefere aquela condição à alternativa das grandes velocidades. Além disto, os aparelhos ultravelozes são de mais alto preço. Cálculo minucioso levou a Pan American a fixar para a passagem de ida e volta, entre New York e Londres, o preço de \$ 186,30, a entrar em vigor algum tempo após a terminação da guerra.

Uma cousa é indiscutível: haveria toda a espécie de aeroplanos em uso — uns construídos para alta velocidade, alguns para grande altitude, outros com objetivos econômicos, muitos para transporte de carga e diversos destinados a luxuosas viagens de super-primeira classe.

No que se refere aos aviões de carga, é oportuno registrar que não há nos Estados Unidos aparelho algum construído com aquele destino. Todos os aviões de carga atuais são aparelhos militares ou de passageiros transformados. A princípio, sómente as mercadorias de alto valor, que justifiquem o prêmio correspondente à rápida entrega, serão despachadas via aérea, e as estimativas mais otimistas do custo por tonelada ainda deixam às mesmas larga margem de economia, exceto, talvez, quando se trata de artigo compacto e fortemente taxado. Mas, todas as hipóteses referentes ao transporte aéreo de carga estão sendo estabelecidas sem o conhecimento exato, a ser obtido pela experiência, das promissoras vantagens apresentadas pelos trens de planadores. Se bem que o ATC tenha transportado grande volume de carga em altas velocidades, fê-lo sem preocupação de reduzir despesas, exemplo que as companhias de transporte aéreo não podem imitar.

QUEM CONSTRUÍRA OS APARELHOS?

Antes da guerra, existiam 434 aviões de transporte ao serviço das linhas norte-americanas. Presentemente, a indústria dos Estados Unidos poderia produzir igual número de aparelhos em uma ou duas semanas. Depois de guerra, cerca de 3.000 aviões pesados serão necessários para o tráfego aéreo comercial do mundo inteiro, representando o seu fornecimento o trabalho apenas de 5% das fábricas existentes. Além disso,

grande quantidade de aparelhos remanescentes da guerra achar-se-ão disponíveis, e as nações não mais estarão despendendo fabulosos milhões em bombardeiros e caças.

Ao considerar êstes fatos, os construtores de aviões dos Estados Unidos mostram-se apreensivos e desanimados. É que a indústria que exploram representa um empreendimento da ordem de vinte milhões de dólares, deixando em nível muito inferior a de automóveis, que cresceu até três bilhões e setecentos milhões, um ano antes de guerra. Inúmeras serão as dificuldades a vencer na administração dos seus dois milhões de operários, do seu volumoso acervo e de suas imensas fábricas recem-montadas. Mas, tais dificuldades estão intimamente ligadas aos problemas da transmutação que se seguir imediatamente à guerra. A única causa que interessa realmente ao poderio aéreo dos Estados Unidos é a que envolve a possibilidade de conservar a indústria de construção de aeroplanos em condições de vitalidade, prosperidade e crescimento, não obtante a procura grandemente reduzida de aparelhos.

Muitos aviões do Governo podem ser vendidos às linhas aéreas que necessitarem desde logo novos equipamentos. Muitos serão transferidos ou vendidos a países estrangeiros, ou, com êstes, objeto de barganha. Muitos continuarão a serviço dos militares. Mas, grande quantidade ainda sobrará abarrotando o mercado, em constante ameaça aos fabricantes de aparelhos, devendo até surgir a tendência de se transformarem bombardeiros em aviões de transporte, apesar de não ser econômica a providência. Além de tudo, um aeroplano nunca se gasta completamente: as asas, a fuselagem e a hélice duram quase indefinitamente; os motores podem ser reformados ou substituídos.

Depois da última guerra, havia tantos motores Liberty à venda por baixo preço que foi difícil ao Exército conseguir recursos do Congresso para adquirir motores aperfeiçoados e mais eficientes. Durante anos, a própria indústria de aviões ficou marcando passo. Para que isto não se reproduza, seria de toda a conveniência que, depois da atual guerra, os aparelhos militares ficassem imobilizados, prontos para alguma emergência, mas afastados de quaisquer cogitações mercantís.

Nem todas as fábricas do Governo, especialmente construídas para a guerra, poderão continuar em funcionamento. Mas é preciso conservar a capacidade de produção exigida pelos imperativos da defesa nacional e, com muito maior relevância, assegurar a continuidade dos conhecimentos técnicos, tanto de gabinete como de bancada.

A técnica receberá possivelmente o bafejo da expansão da aviação civil. Ainda não foi encontrado o aparelho realmente satisfatório para o uso particular — o que desenvolvesse 250 km por hora, tivesse um alcance de 300 km, transportasse quatro passageiros, permitisse dobrar

as asas de modo a ser conduzido pelas estradas, entre a casa e o aeroporto — e fosse vendável por menos de 3.000 dólares. Os helicópteros ainda não pousarão nos quintais imediatamente após a terminação da guerra; serão provavelmente utilizados, a princípio, mais como ônibus aéreos do que como autos particulares aéreos. O aumento do número de pilotos, do de aeroportos e da eficiência dos motores e combustíveis será um incentivo para a rápida generalização do emprego dos aparelhos leves.

CABERA AOS NORTE-AMERICANOS O DOMÍNIO DOS ARES?

Mais do que a qualquer outra nação, a guerra deu o domínio dos ares aos Estados Unidos. As centenas de milhares de norte-americanos que aprenderam navegação aérea, a multidão de aviadores para os quais uma viagem de ida e volta à India é acontecimento tão natural

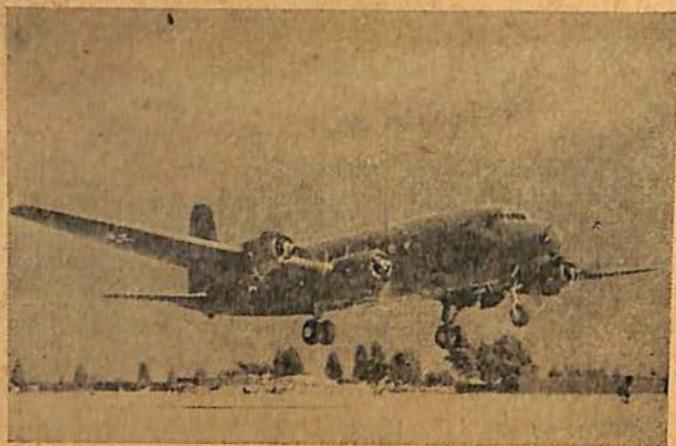


Fig. 6 — O Douglas C-54 é um aparelho que inspira confiança, maior do que duas vezes o conhecido DC-13, desenvolve uma velocidade de 320 quilômetros por hora, transporta 40 passageiros e tem uma autonomia de voo de 2.400 quilômetros.

como uma excursão de fim de semana e que contemplaram do alto oceanos e continentes em desfile, sentindo a terra diminuir de tamanho — nenhum deles há de querer abrir mão desse patrimônio aéreo, com grande sacrifício conquistado. E' que tal patrimônio encerra entusiasmo e glória, oferece perspectivas de abastança e proporciona vasto campo para novos êxitos. Parece até, as vezes, que, nos ares, não há lugar para mais ninguém, a não ser para os norte-americanos.

Mas os Estados Unidos, conquanto se tenham tornado a maior po-

tência aérea do mundo, não possuem a preempção do elemento gasoso. Não lhes é possível serem os senhores de todos os aviões, das bases e do comércio, nem podem esperar ter permissão para sobrevoar terras alheias, sem que outros possam, também, sobrevoar as suas. Até o momento presente, todas as negociações estão calcadas na preferência generalizada pelo céu aberto, mas fortemente entravadas pelo apêgo à noção do céu fechado. Já é tempo de admitir abertamente que só uma política semelhante a do céu aberto é a que mais convém a todos, como a única capaz de desenvolver o intercâmbio aéreo internacional.

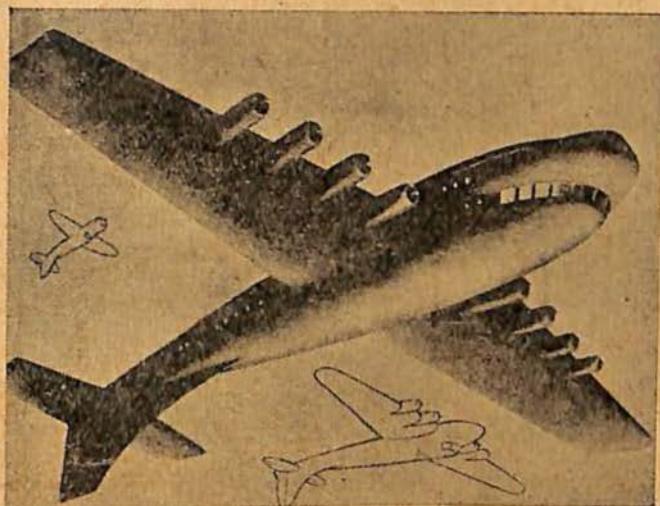


Fig. 7 — A BARCA VOADORA de Henry Kaiser, comparada com um Bombardeiro e um avião de combate — já está sendo construída, devendo aparecer em 1945.

Os ríspidos senadores que regressaram recentemente de uma excursão mundial, deplorando que os Estados Unidos nada fizessem para conservar a propriedade ou o controle das bases que haviam construído por toda parte, estão ao mesmo tempo com a razão e sem ela. Com a razão, porque não encontraram, claramente definida, uma política de garantia para aquelas bases. Sem razão, por pensarem que a construção das mesmas devesse dar aos Estados Unidos o direito de usá-las para todo o sempre. Ficamos, sim, moralmente autorizados a utilizá-las dentro de certos limites. Mas o direito de comerciar por intermédio delas, ou de incluí-las, como elas, em uma cadeia de contorno mundial constituída de aeroportos, é um direito que resultará de acordos recíprocos mais amplos.

Muito cômodo e seguro é pisar com firmeza o solo e emitir conceitos arrojados sobre o domínio dos ares no após guerra. Os entendidos no assunto podem estar de acordo no que se refere aos tipos de aviões, ao número provável de passageiros e às características, tomadas em comparação, dos outros meios de transporte. Para o período inicial, isto parece suficiente. Mas o mundo precisa conceber quão pequena ainda foi nesta guerra a demonstração do terrível efeito de que é capaz o período aéreo, quando pequenos e ridículos nossos atuais aparelhos parecerão aos olhos da história, ao serem comparados com os que virão a dominar no futuro a navegação aérea. Contudo, é animadora a situação



Fig. 8 — A ASA VOADORA — Planejada para quando houver necessidade de aparelhos cinco vezes maiores que os atuais clippers — O modelo, em miniatura, já foi submetido a experiência de vôo.

presente, em que grande se mostra a afluência de candidatos à carreira aeronáutica, cuja importância parece estar, por isso, no consenso geral. Poderão eles forçar os dirigentes das nações a cuidarem do problema com tenacidade, ou, pelo menos, induzir os líderes norte-americanos a formularem uma política concreta, antes de a magna questão se diluir em um debate estéril de palavras convencionais ou num programa de meros paliativos.

OS TIPOS DE APARELHOS

Provavelmente, os aparelhos que voarem através da estratosfera dos céus do futuro serão verdadeiros gigantes aeronáuticos, sem fuselagem, só com asas, acionados por propulsão pirotécnica (foguetes), ao invés de hélices. Mas, imediatamente após a guerra, ainda domi-

narão os ares os aparelhos que hoje conhecemos, com motores e asas nos lugares habituais e guardando proporções que nos parecem as mais adequadas.

O avião que desde já parece estar destinado a se tornar o transporte preferido no imediato após guerra é o Douglas C-54 (fig. 6), modificação aperfeiçoada do DC-4. Nenhum outro aparelho de grande porte, completamente experimentado, atualmente em fabricação, pode com êxito competir. Douglas possui uma fábrica exclusivamente para sua produção. Depois da guerra, o C-54 encontrar-se-á muito à frente dos seus congêneres, no campo das realizações aviátorias.

Apenas um outro avião de transporte, experimentado e em fabricação, existe atualmente: é o Curtiss-Wright C-46, bi-motor e menor do que o C-54, possuindo menor velocidade e autonomia de vôo. Acha-se em experiências o Lockheed Constellation, ultra-rápido, próprio para grandes altitudes, parecendo o mais naturalmente indicado para os longos vôos diretos.

As mudanças verdadeiramente revolucionárias operadas no equipamento aéreo nada têm a ver com o tamanho ou a forma dos aviões, mas com dois dispositivos destinados a sobrepujar o seu maior inimigo: o mau tempo. Um deles evitará a formação de gelo nas asas e na cauda, fazendo circular os gases aquecidos da descarga do motor pelo interior daquelas partes do aparelho. Outro é o *radar*. Com tais aperfeiçoamentos na técnica, os aviões poderão voar em todas as estações e enfrentar as intempéries. Apenas continuarão a existir inconvenientes meteóricos de menor extensão: tempestades violentas, rajadas repentinas de vento forte, etc.

APARELHOS COM QUE SE SONHAM

Toda empresa de aviões de grande porte projeta possuir outros ainda maiores e mais rápidos. A grandiosidade desses projetos e o grau de possibilidade de execução constituem segredos militares, mas pode-se afirmar que deixarão em situação ridícula os atuais Douglas C-54 e Lockheed Constellation. Henry Kaiser está construindo uma *barca voadora*, de 180 toneladas (fig. 7). A *asa voadora* (fig. 8), para futuro ainda remoto, poderá tornar-se um avião comercial muito útil quando houver necessidade de aparelhos cujo peso oscile pela ordem de 200 toneladas.

Os Militares e os Bancos

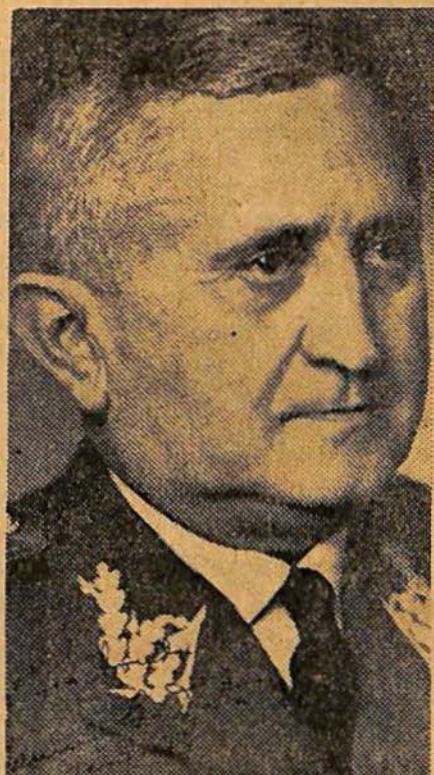
Nenhuma classe tem tanta necessidade de recorrer aos serviços bancários como a militar. As obrigações de serviço creando-lhes uma instabilidade constante, as necessidades de estagiar em garnições diversas e distantes, as viagens de estudo e inspeção, as fainas exercidas pelo Brasil além, demarcando, abrindo caminhos, articulando seguramente o território da Pátria, obrigam o soldado a recorrer constantemente ao banco que é o seu correspondente, o seu procurador, o instrumento que atende às necessidades da família frequentemente ausente ou a defesa de pequenos interesses particulares abandonados. De quando em quando, é sempre possível fazer uma economia que um dia servirão aos filhos. Esta situação determinou a criação desta seção que aparecerá, a partir de agora, em todos os números desta revista, feita para os militares do Brasil.

O Grande Realizador

O comentarista que escreve sob o pseudônimo de *Gil*, publicou n'*O Estado de S. Paulo* a seguinte nota :

“A chegada da Força Expedicionária Brasileira a Nápoles e os comentários honrosos feitos á sua disciplina e forma militar — comentários uníssonos, partidos de técnicos e de correspondentes militares os mais autorizados — vêm por em relevo o trabalho extraordinário desse ilustre organizador que é o General Eurico Gaspar Dutra.

Foi realmente o nosso Ministro da Guerra o espírito disciplinado e esclarecido que cuidou de todos os detalhes da organização do Corpo Expedicionário do Brasil. Brilhante e experimentado militar soube o General Eurico Gaspar Dutra preparar, desde o inicio, quando ainda coisa alguma estava assentada, o moral do soldado brasileiro. Foram suas diretrizes corretas e sábias que deram esse poder ofensivo magnífico, essa estrutura de legítimos combatentes que marcam os soldados brasileiros e que, agora, no teatro da guerra, são ressaltados, unanimemente, por quantos vêm desfilar e treinar os comandados do General Mascarenhas de Moraes.



General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra

“A chegada da Força Expedicionária Brasileira a Nápoles e os comentários honrosos feitos á sua disciplina e forma militar — comentários unissons, partidos de técnicos e de correspondentes militares os mais autorizados — vêmpor em relevo o trabalho extraordinário desse ilustre organizador que é o General Eurico Gaspar Dutra preparar, desde o inicio, quando ainda coisa alguma estava assentada, o moral do soldado brasileiro. Foram suas diretrizes corretas e sabias que deram esse poder ofensivo magnifico, essa estrutura de legitimos combatentes que marcam os soldados brasilieros e que, agora, no teatro da guerra, são ressaltados, unanimemente, por quantos veem desfilar e treinar os comandados do General Mascarenhas de Moraes.

Vale acentuar que, desde que se encontrou á frente da passata da Guerra, o ponto capital do programa do ilustre ministro foi sempre organizar, de maneira absoluta, os metodos que até então vinham sendo observados em nosso Exército.

Estudioso, observador por excelencia, acompanhando de perto a evolução técnica operada nos grandes exércitos do mundo, o General Eurico Gaspar Dutra lançou-se, com decisão e brilho, á tarefa de modernizar e engrandecer o Exército de Caxias. Fazendo da disciplina, a mais rigida, o alicerce de sua obra, o correto soldado pôde, em pouco tempo, armar a estrutura e traçar os prismas que tornaram os soldados brasileiros iguais, em todos os sentidos, aos melhores combatentes de outras grandes nações.

Graças á realização dessa tarefa foi possível ao Brasil, quando agredido pelo inimigo ousado e impiedoso repelir o insulto e, logo, porque soubera preparar seus soldados, cogitar de mandar ao campo da luta um corpo de exército devidamente forte e pronto para as mais dificeis e arduas tarefas.

Ainda nesse instante decisivo foi o Ministro Gaspar Dutra o centro de gravidade, fazendo-se presente nos Estados Unidos, onde combinou minucias; selecionando oficiais para o comando, supervisionando a seleção de voluntarios, e acompanhando, de

perto, o intenso preparo de toda a tropa destinada a combater nos campos da Europa.

O fruto de tanto esforço, de tanta dedicação; o premio justo á sua capacidade de chefe e de organizador dos maiores que temos tido conquistou-o agora o ilustre Ministro da Guerra e dedicado colaborador do Presidente Getulio Vargas com os louvores gerais e entusiasticos tecidos ao Corpo Expedicionário Brasileiro.

Os nossos soldados, prestes a defrontar o inimigo, já se impuseram á admiração geral, e isso num teatro belico, onde se reunem os maiores exércitos, os melhores comandantes e os mais decididos combatentes de todo o mundo! — *G. I. L.*

Cerâmica São Caetano S/A

ESCRITÓRIO CENTRAL

Viaduto Boa Vista, 68 — 6.^o andar
 Fones : { Secção de Refratários — 3.4952
 Secção Interior — 2.4229
 Gerência e Compras — 2.7636
 Caixa Postal 278 — Telegramas "ACIMAREC" — São Paulo — BRASIL

Fábrica em São Caetano (S.P.R.) — Rua Casemiro de Abreu, 4 —

Fone 1124 — Linha 140

TELHAS "BRILHANTES"

LADRILHOS — Vermelhos — Amarelos — Marrons e Pretos
 TIJOLOS PRENSADOS para degraus — pingadeiras — pisos — colunas e outros
 MATERIAIS REFRATÁRIOS
 de alta classe, para todos os fins industriais

Fornecedor das principais indústrias do País —

Fábrica peças especiais de qualquer formato

Os materiais refratários
 "São Caetano"



se caracterizam pela sua qualidade e esmerada fabricação

Mascotes



Não garantem...

Há quem acredite em mascotes. Mas é preciso construir o futuro sobre bases mais sólidas. É por isso que o Sr. já deve ter pensado no seguro de vida, garantia de tranquilidade futura para o Sr. e para os seus. O Agente da Sul América mostrar-lhe-á, sem compromisso, qual o plano de seguro que melhor se adapta ao seu caso particular.



Sul America

Cia. Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895

J.W.T.

METALÚRGICA

ABRAMO EBERLE LTDA.

CAXIAS - Rio Grande do Sul

FILIAL EM S. PAULO

Rua Florêncio de Abreu 793

Caixa Postal 1282

AGÊNCIA NO RIO

Av. Rio Branco, 106 - 16.º andar

Caixa Postal 69

End. Tel. EBERLE

Fabricantes e fornecedores de ferragens para equipamentos e indústria militar.

Espadas para oficiais do Exército, Marinha e Aviação. Talheres em geral, e outros artigos para fins militares.

**MATADOURO
DA PENHA**

CARNES VERDES

Caminho Maria Angú, 226

Telefone 30-3612

Irmãos Goulart & Cia.

Sucessores de FRANCISCO VIEIRA GOULART

ESCRITÓRIO SÉDE:

Rua Buenos Aires, 104

2.º ANDAR - SALA 21

TELEFONE 23-5109

A CAVALARIA MODERNA

II

O novo AKVAS

Pelo Ten.-Cel. ARTHUR CARNAÚBA

Este artigo é a continuação do que tivemos a honra de apresentar aos leitores desta Revista no seu número de julho último, sob o título “*A CAVALARIA MODERNA*”.

E’ a campanha sistemática que prossegue...

E’ a propaganda que continua...

Ainda mais uma vez, insistimos no nosso trabalho inicial — *ESTA E’ A VERDADE SÔBRE A CAVALARIA*”, — publicado em Agosto de 1942.

Procurando — num sobrehumano esforço de síntese — mostrar aos leitores a evolução da Cavalaria, afirmámos, naquele trabalho, ao assinalarmos a crise por que havia passado a nossa Arma, quando foi obrigada a combater a pé, diante das tirânicas imposições da guerra de 1914-18... que um “*novo akvas*” se impunha, um novo *meio*, capaz de fazer o que o antigo (o equino) já não podia realizar no campo de batalha: *alçar-se acima da massa dos combatentes* e deslocar-se no *inferno de fogo* que caracteriza o combate moderno.

Ora, todos nós sabemos que o “*novo akvas*” é o *carro de combate*, isto é, o *cavalo mecânico*, o moderno instrumento de reconhecimento e de manobra e a nova arma da cavalaria.

Dotada dêsse poderoso engenho, ela poderá, outra vez, *combater à akva*, que é no que consiste seu *processo específico de luta*, como o demonstrámos no nosso artigo inicial de 1942, à luz do interessantíssimo estudo do *Cap. Serpa*.

E' evidente que não poderemos substituir, duma só vez, os nossos cavalos pelos carros.

Impõe-se uma fase de transição... E é nessa fase que nos achamos. Somos obrigados a aceitar a organização mixta das nossas G. U., apezar dos sérios e graves inconvenientes que ela apresenta.

E se tentássemos uma outra solução ?

Qual ?

— A de realizarmos a combinação cavalo-motor, — não dentro da D. C., — mas pela organização de dois tipos de Divisão :

- a Divisão hipomóvel, tendo apenas um órgão de reconhecimento moto-mecanizado;
- a Divisão moto-mecanizada (haveria possibilidade de organizarmos umas duas).

Parece-nos que essa combinação seria mais feliz do que a concepção atual da D. C. e da R. C. D. mixtos.

Aqui fica a idéia...

Que outros, mais competentes e com mais experiência, discutam o assunto.

Éle é deveras empolgante!...

Recife, 24-4-44.

LABORATÓRIO KALMO

Secção de VICENTE AMATO SOBRINHO & CIA.

Especialidades Farmaceuticas

Consultores Científicos :

Prof. Dr. Rubião Meira e Prof. Dr. A. Maciel de Castro, da Universidade de S. Paulo

MATRIZ: Praça da Liberdade, 91 — São Paulo

Evolução da Engenharia

Ten.-Cel Felisberto Estevam de Oliveira Baptista

Dos jornais :

Cabeça de Ponte do Quinto Exército em Anzio, 25 (Associated Press) — Exatamente ás 7 horas, na região pantanosa de Pontino, um oficial de engenharia das fôrças desta cabeça de praia e outro do mesmo pôsto e da mesma arma, que vinha à frente das fôrças procedentes de Terracina, apertaram mutuamente as mãos.

O capitão Ben Sousa, de Honolulú, mandou uma patrulha de 20 homens fazer alto quando viu aproximar-se o capitão Francis Buckley, de Filadelfia.

“Onde vai ?” — perguntou o capitão Sousa.

“Vou entrar em contacto pessoal com a cabeça de praia” — respondeu Buckley.

“Está feito o contacto” — disse o primeiro.

Ambos trocaram vigoroso aperto de mão, marcando os seus relógios-pulseira a hora exata do auspicioso acontecimento. O local do encontro foram as vizinhanças de Boro Grappa, cinco milhas a leste do antigo front “cabeça de praia”, denominado canal Mussolini. Ás 10.15, acompanhado pelo “jeep” que conduzia os correspondentes de guerra, chegava ao local o general Mark Clark, enquanto as duas fôrças de reconhecimento se confraternizavam.

Junto a uma ponte semi-destruída, o general Clark disse aos correspondentes :

“Hoje foi um grande dia”.

Os correspondentes retiraram-se para Voltanzio, enquanto os homens da engenharia iniciavam os primeiros trabalhos

para a restauração da ponte danificada. Durante o regresso, os jornalistas que haviam presenciado o feliz acontecimento puderam ver numerosos civis italianos que regressavam de Sabaudia, na extremidade meridional de Pontine, a caminho de Littoria, já libertada.

Segundo as informações prestadas por êsses civis, os *ale-mães se retiraram, desde ontem, daquele trecho*".

Na frieza deste telegrâma encontra-se uma conclusão muito grata ao coração de um engenheiro. Terminou o complexo de "seguro de vida" atribuído à arma de Engenharia! Ela hoje, na ofensiva, ABRE CAMINHO PARA AS OUTRAS ARMAS!

Foram elementos de *Engenharia que, de um lado e de outro* das forças aliadas em avanço, estabeleceram a LIGAÇÃO. Atravessaram um terreno abandonado na véspera pelo inimigo e, após o reconhecimento mutuo, feito com simplicidade emocionante, puseram-se em conjunto a reconstruir uma ponte.

Aí está nitidamente marcada a evolução do Emprego Táctico da Engenharia. De Arma que, marchando a coberto da Infantaria ou da Cavalaria, trabalhava quasi exclusivamente para o Grosso, assumiu a Engenharia, por força da utilização intensiva, pelo inimigo, dos Obs.áculos — principalmente *campos minados* — o honroso posto de precursora dos *primeiros elementos* de suas irmãs; e nem por isto deixou de, mais modestamente, continuar na sua tarefa antiga, não menos decisiva porém infinitamente menos espetacular, de *restabelecer as vias de comunicações*.

Este é o ensinamento daquele telegrâma.

Poderíamos ainda fazer ressaltar a magnifica recompensa concedida aos soldados da Engenharia: O comparecimento pessoal do Comandante do Exército...

E' uma consequência da importância que tomou essa Arma na Guerra moderna.

* * *

Que vem ela fazendo?

Continúa a construir estradas de rodagem e o faz com rapidez assombrosa devido à desenvolvida maquinaria que possue (na Sicilia, uma unidade de Engenharia do Exército Americano construiu uma estrada de 80 quilometros, através de uma região montanhosa, *em 4 (quatro) dias*. Essa via de comunicação, ligando Capizza a Monte Albano, deu à 9.^a Divisão a possibilidade de desdobrar a estrada real, batida pela artilharia alemã, para juntar-se às forças anglo-americanas em Randazzo e expulsar definitivamente os alemães da Sicilia).

Pôde desviar o curso de um rio de 15 metros de profundidade, em poucas horas. Limpar campos de minas com não menor rendimento de trabalho (outra unidade de Engenharia do Exército Americano, retirou, na Tunisia 20.000 minas terrestres em *uma semana*).

Elementos de Engenharia, lançados em paraquedas atacam fortes (o de Eben-Emael, na Belgica, é um exemplo) e casa-matas, com explosivos e lança-chamas.

Vias férreas são restabelecidas e postas em funcionamento pela Engenharia que (como em Napoles, no momento) esforça-se tambem para dar aos portos reconquistados, suas primitivas condições de serventia.

O combate pelo trabáho de que nos falam nossos Regulamentos, evoluiu muito.

Hoje a Engenharia está armada de fusis, metralhadoras e granadas de mão, não só para a defesa de seus próprios locais (canteiros) de trabáho, como para auxiliar a Infantaria, em caso de necessidade.

E é de ver o desempenho e a férrea fibra dos "engenheiros". Adaptam-se a todas as taréfas; desde a simples colocação de uma ponte ou abertura de uma brécha em um obstáculo (El-Alamein é um belíssimo exemplo) ou a conquista de uma fortaleza considerada inexpugnável.

E morrem com os demais soldados, deixando uma sensível laguna no moderno Exército de especialistas...

* * *

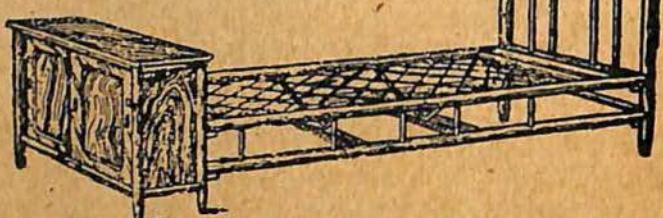
Neste momento, em que um sopro renovador agita o nosso Exército, é de se apelar para os nossos Chefes no sentido de olharem com maior carinho a preparação e o desenvolvimento de nossa Engenharia, dotando-a dos elementos indispensáveis ao cumprimento das variadas missões que atualmente lhe incumbem.

Indústrias "CAMA PATENTE L. LISCO" S./A.

A maior fábrica de camas da América do Sul

Legítima só com a faixa azul!

Grande fornecedora dos Exércitos Nacional e Americano



Matriz : Rua Rodolfo Miranda, 97 - S. Paulo

Filiais : RIO DE JANEIRO - Rua Figueira de Melo, 307 — Loja:
 — Rua 7 de Setembro, 177.
 — BELO HORIZONTE, RECIFE, BAHIA, PORTO ALEGRE e
 — PELOTAS.

Agências : MANAUS, BELÉM DO PARÁ, FORTALEZA, NATAL e
 — MACEIÓ.

ARTILHARIA MÓVEL DE COSTA NA DEFESA DE PRAIAS

Ten. Cel. Donald G. Kimball

Extraído do *Coast Artillery Journal* pelo Major
NEWTON FRANKLIN DO NASCIMENTO

A doutrina tática e os princípios fundamentais que regulam a defesa do litoral por fôrças de terra, são suficientemente explanadas nas publicações oficiais sobre o assunto. A exposição que se segue, baseada nesses princípios, trata do papel, na defesa costeira, atribuído à artilharia móvel de costa.

Nessa modalidade da defensiva, constitui necessidade primordial a ligação estreita e eficiente entre as fôrças terrestres, aéreas e navais. As duas últimas são incumbidas de assinalar em tempo, aos elementos situados em terra, a presença das fôrças inimigas. Os preliminares da resistência a uma invasão por mar ou pelo ar, incumbe às fôrças navais e aéreas, as quais têm a missão de impedir que o inimigo obtenha o controle das operações. Seja numa invasão de vulto, seja num simples raid, nenhum êxito é alcançado sem a obtenção, mesmo temporária, da superioridade aérea e controle do mar. Quando essas duas condições são alcançadas pelo adversário, mesmo num curto lapso de tempo, todo o peso da defesa recai sobre as fôrças de terra que, então, precisam estar preparadas para cumprirem sua missão sosinhos. Em SALERNO, os alemães demonstraram extraordinária aptidão para uma forte organização de defesa de praia, sem o apoio de fôrças aéreas e navais.

Na guerra moderna, a execução de uma invasão importante exige o concurso de forças navais, aéreas e terrestres, in-

clusive tanques, artilharia, paraquedistas e infantaria do ar. Um simples raide, executado com o fim de obter informações, destruir organizações ou instalações, também exige o emprego de todos os tipos de fôrças, embora em menor escala. Em ambos os casos, a missão das forças terrestres se resume em derrotar o invasor.

O atacante tem a seu favor a possibilidade de escolher o tempo e o lugar do ataque, aproveitando-se de uma ocasião favorável para obter a surpresa.

Se a êsse fator, juntar sua superioridade numérica, seu poder e fogo e o concurso de fortes reservas, certamente obterá êxito em sua missão. Para diminuir o efeito desses elementos, o defensor aproveita os recursos oferecidos pela posição que ocupa, explorando o terreno e tirando o máximo partido da organização dêste. O preparo do terreno é essencialmente destinado a conter o ataque na praia ou em suas imediações, obrigando o inimigo a retroceder, mediante um emprego adequado de reservas da defesa.

A organização defensiva duma praia exige, para preencher suas finalidades, que contenha o seguinte :

- uma linha de postos avançados, compreendendo postos de vigilância, metralhadoras e fuzis metralhadoras, canhões anti-tanques, campo de minas e obstáculos;
- uma linha principal de resistência, fronteira à costa, organizada em profundidade e comportando fortes pontos de apoio e localização adequada de reservas;
- uma linha de deter, contendo reservas altamente móveis.

As tropas que ocupam estas posições, inclusive reservas móveis, são tropas de sub-setor e, em geral, pertencem organicamente á D.I.

Os elementos de artilharia de costa incumbidos de uma defesa de praia, são aí colocados em função de uma decisão do comando. Essa decisão, resultante de um cuidadoso estudo da

situação e dos quatro fatores básicos — missão, terreno, inimigo, meios — precisa ser tomada com bastante antecedência, afim de que os órgãos encarregados de cumprirem tão relevante tarefa, estejam prontos para isso tão logo surja o inimigo.

Conquanto a artilharia móvel de costa possa ser empregada para reforçar a defesa fixa de porto, isso escapa ao presente estudo, que cogita apenas do emprego dessa modalidade da arma na defesa de praias.

A missão geral da artilharia móvel de costa, quando incumbida da defesa de praia, consiste no seguinte :

- destruição ou neutralização dos navios de guerra inimigos que apoiam o desembarque;
- destruição dos navios transportes, impedindo-os, assim, de se aproximarem de terra;
- destruição dos meios suplementares utilizados para o desembarque (embarcações como botes, lanchas, etc.);
- bombardeios nas partes da praia em que o invasor consegue se aproximar;
- destruição ou neutralização dos elementos que lograram pôr o pé em terra.

Em última análise, o objetivo normal da artilharia móvel de costa empregada na defesa de praias, consiste em evitar que o inimigo ponha pé em terra. Todos os esforços são concentrados para êsse fim, sendo a ordem de urgência de designação dos objetivos baseada nessa premissa. Em certas fases da tomada de contato com o inimigo, a artilharia móvel de costa age isolada ou em conjunto com as forças aéreas e navais, uma vez que, nessas ocasiões, as demais ~~fôrças~~ terrestres não podem ainda tomar qualquer parte na ação. Os êxitos obtidos pelas forças da defesa nessa fase da invasão, acarretarão grandes benefícios para a continuação das demais fases. Podemos, a êsse respeito, citar um recente exemplo. A ação bem coordenada das forças defensoras americanas afundando abar-

rotados transportes nipônicos, que conduziam reforços para GUADALCANAL, abreviaram de muito as investidas japonesas naquela ilha.

Conquanto a missão geral de todas as fôrças terrestres seja a de cooperar na defesa de qualquer parte do território porventura ameaçado, estas fôrças não podem cumprir as missões especiais atribuídas à artilharia de costa, especialmente equipada e preparada para esse gênero de missão.

Para cumprir perfeitamente essas missões, o armamento da artilharia de costa deve encontrar-se em posição e pronto para abrir fogo, tão logo os objetivos estejam dentro do alcance de seu material. Isso exige, portanto, que tipos apropriados de canhões móveis de costa sejam aparelhados para cobrirem áreas costeiras defensivas, favoráveis a desembarques, bem como as partes do território que possam ser bombardeadas pelos canhões das belonaves inimigas. Não sendo possível proteger todos os pontos do litoral, deve-se cuidar, em primeira urgência, dos mais importantes.

Todos os escalões existentes na cadeia tática de comando são previstos de acordo com as disposições dadas ao material existente e tendo em vista cada situação particular. Assim e que as fôrças empregadas na defesa de costa são organizadas em setores, sub-setores, quarteirões, etc. Um setor ou sub-setor pode conter uma ou mais de uma defesa de porto, estabelecida permanente ou temporariamente, para a proteção eficiente de determinados objetivos. A defesa de porto, por sua vez, abrange as praias e outros trechos do território adjacentes ao porto e que estejam dentro do alcance permitido pelo material aí empregado. Todo o comandante de setor ou sub-setor é o único responsável pelo emprego de todas as fôrças que constituem seu escalão de comando. A artilharia móvel de costa, por seu lado, é organizada em grupamentos, grupos e baterias, de acordo com as disponibilidades do material existente.

O tipo de material móvel de artilharia de costa mais indicado para a defesa de praias é o de 155 mm. Devido ao as-

pecto especial apresentado na defesa de praias, a organização da artilharia empregada nessas missões basea-se na consideração primária da escolha das posições, ao em vez da natureza do objetivo ou de calibre, como acontece usualmente na defesa de porto. Nenhuma cadeia distinta de comando é estabelecida tendo em vista coordenar a ação da artilharia de costa e a das outras modalidades da arma. Qualquer coordenação, que se torne necessário, é feita pelo comandante do setor ou sub-setor, em cuja zona de ação atue a artilharia e mediante entendimentos entre os chefes interessados.

As posições para a artilharia de costa são escolhidas e estudadas convenientemente pelo próprio pessoal da arma. O comandante de setor ou sub-setor determina a zona de procura para cada tipo de armamento, de acordo com a situação e os meios existentes. O comandante de grupamento ou grupo determina os locais de posições para suas unidades, dentro da zona. Em seguida, os comandantes de baterias determinam as posições exatas e instalações necessárias para cada espécie de material. Posições de tiro direto, colocadas além de 500 metros do litoral, não satisfazem. Essas posições essenciais para o caso II de pontaria, devem permitir a continuação do fogo, a despeito da interrupção das comunicações ou da falência dos P. O., em geral colocados mais longe. O armamento será removido para posições suficientemente afastadas, afim de protegê-lo dos tiros de bordo ajustados sobre a orla do litoral. As posições dos projetores são escolhidas de modo que eles obtenham não só o alcance máximo sobre as águas navegáveis, mas também iluminem as praias.

Para que o material empregado na defesa de costa possa ser bem instalado e se faça o melhor uso de seu alcance e potência, é necessário estabelecer a coordenação entre as zonas de ação dos canhões de costa e os de campanha. Normalmente, a melhor coordenação nesse sentido consiste em fixar, para o material propriamente de costa, as zonas correspondentes ao alcance máximo de seus canhões a partir de 4.000 metros da

linha do litoral. Dessa forma, as duas espécies de materiais, embora agindo em conjunto, recebem missões mais consentâneas com suas possibilidades.

A escolha de posições exige também o estudo de fatores importantes, como sejam as questões de desenfiamento, disfarce, construções de rodovias ou linhas férreas, bem como os de mais trabalhos relativos à organização do terreno. Se possível, serão aproveitadas as instalações já preparadas por outras forças de defesa já existentes no local, bem como serão previstas as regiões para dispersão dos elementos orgânicos às unidades de artilharia.

As seguintes condições devem ser rigorosamente obedecidas por qualquer unidade em posição de alerta na defesa do litoral.

- cada posição de bateria deve ser solidamente organizada, desde que o permitam as condições de tempo, de material e da situação tática;
- a presença de outras forças de defesa não exime o comandante da bateria de suas responsabilidades efetivas;
- para manter a integridade da posição, é levada ao máximo a utilização de trincheiras, obstáculos, minas e de todo o armamento automático existente;
- um forte sistema defensivo é estabelecido em profundidade e extendendo-se tão longe quanto possível;
- o armamento automático é utilizado para fazer o tiro contra objetivos do ar, terrestres e os elementos de desembarque que estejam ao alcance do material;
- posições “mudas” devem ser cuidadosamente preparadas e disfarçadas;
- postos de vigilância e patrulha móveis são estabelecidas adequadamente afim de colocar as posições ao abrigo da surpresa e sabotagem;

- são constituídas reservas móveis nas posições, para atenderem as partes suscetíveis aos golpes de mão ou pequenos raides;
- os canhões são mantidos em ação, enquanto os objetivos permanecerem em seus campos de tiro;
- o pessoal das baterias não deve ser afastado dela para agir em missões que não sejam propriamente de artilharia de costa, ainda que a defesa esteja seriamente ameaçada por forças inimigas que já tenham tomado pé em terra.

Além do serviço de informações estabelecido dentro das unidades de artilharia de costa, também são tomadas medidas para o recebimento e difusão de informações entre as unidades vizinhas, superiores e subordinadas. As ligações devem ser mantidas entre todas as unidades que cooperam na defesa, respeitados os diferentes escalões de comando.

Todas as unidades de artilharia de costa fazem parte de um conjunto, cuja vitória depende de cada elemento que o constitui e do auxílio que se prestam mutuamente.

O artilheiro de costa deve esforçar-se para que seu material permaneça atirando até o final da ação, quer se trate de combater um destroier ou transporte, quer se trate de uma operação de desembarque já efetuada. A organização defensiva da região atacada deve ser prevista tendo em vista a execução do tiro até o último momento.

Conquanto uma retirada tática de algumas centenas ou milhares de metros possa permitir à bateria continuar o combate na jornada seguinte, o artilheiro, no fragor da refrega, vive sempre sob um dilema: vencer ou perecer junto de seu material.

Nota do tradutor — O caso II de pontaria é uma variante utilizada nas baterias de artilharia de costa, em que as peças são apontadas diretamente em direção e indiretamente em altura. No caso I, ambas as pontarias (direção e altura) são diretas e, no caso III elas são indiretas.

Campanha contra Acidentes no Trabalho

Nobilissima e humana campanha lançada pelo Ministro Marcondes Filho, contra acidentes no trabalho.

Idéia das mais humanas e precisas, a ela aderiram inúmeras empresas, que hoje, irmanam empregados e empregadores, todos decididos a cooperar com o governo do benemerito Presidente Getulio Vargas.

Ainda ha poucos dias, realizou-se a entrega dos premios às empresas vencedoras, as que mais se distinguiram no objetivo de evitar acidentes de trabalho.

A Companhia "Usinas Nacionais" conquistando o bronze "Décio Parreiras", apresentou-se em primeiro lugar, com o menor numero de acidentes registrados.

Falou em nome das empresas laureadas, o dr. Artur Moura, presidente das Usinas Nacionais, que tem como companheiros de direção os srs. Gil Metodio Maranhão e Nilo de Alvarenga. O orador, brilhante jornalista e ex-secretario do governo Agamenon Magalhães, disse da alegria que empolgava a quantos, colaborando com a politica trabalhista do preclaro presidente Vargas, mereciam aqueles premios que eram, em toda sua expressão, um traço de união entre os homens de governo e as organizações particulares, todos fiéis a um só pensamento: amparar o trabalhador brasileiro, outrora entregue aos azares da sorte e, hoje, graças à notável legislação trabalhista do Estado Nacional, contente com sua situação e identificado, plenamente, com seus patrões e com o Governo da Nação.

O discurso do diretor da Companhia Usinas Nacionais, pelo seu conteúdo e sinceridade, mereceu as mais ardorosas palmas, extensivas à grande empresa cujo interesse pelos seus auxiliares não se traduz nessa proteção, mas também, na premiação geral que, ao fim de cada ano, costuma fazer entre todos, desde o mais simples operário até ao mais credenciado auxiliar de escritório.

O Ministro Marcondes Filho encerrou a magnifica reunião pronunciando um dos seus magníficos discursos, ao final do qual exaltou a inteligência e a cooperação do trabalhador brasileiro, que muito tem concorrido para o êxito absoluto da humana e oportuna campanha.

Organização dos abrigos segundo o seu destino

Major PASTOR ALMEIDA

S u m á r i o

- I — Abrigos segundo o seu destino.
- II — Emprego tático dos vários tipos de abrigo.
- III — Propriedades táticas das diferentes categorias de abrigos.
 - Abrigos a céu aberto.
 - Abrigos em galeria de mina.
- IV — Localização e natureza dos abrigos nas diferentes posições e linhas.
 - Posição de postos avançados.
 - Posição de resistência.
- V — Tipos de abrigos em função de sua capacidade.
- VI — Organização tendo em vista o combate.
- VII — Organização tendo em vista a habitabilidade.
 - Proteção contra os gases.
 - Abrigos-filtros.
 - Abrigo com filtro vegetal.
 - Filtro exterior.
 - Filtro interior.
 - Tomada de ar.
 - Cuidados a tomar para a colocação e conservação dos filtros na terra.
 - Proteção contra a água.
- VIII — Conservação das obras.

I — Abrigos segundo o seu destino.

Nos artigos anteriores tivemos oportunidade de ver as diversas categorias de abrigos, segundo o seu modo de construção, tendo ocasião de estudar a sua organização, segundo o seu destino.

No estudo que vamos fazer admitiremos, suficientemente, conhecidas as disposições a atribuir a um abrigo, conforme se destine a:

- um abrigo para tropa;
- um posto de comando;
- posto de socorro;
- um observatório, posto de observação ou de espreita;
- uma casamata para metralhadora;
- um abrigo para munições.

II — *Emprego tático dos vários tipos de abrigos.*

A escolha do tipo de abrigo segundo o seu modo de construção e o material nele empregado, para satisfazer a uma mesma finalidade no combate, tem por fim conseguir a sua melhor adaptação, às condições que lhe são requeridas: proteção, dissimulação e habitabilidade.

São, portanto, fatores primordiais dessa escolha: a localização do abrigo (posição de postos avançados, linha principal de resistência, linha de apoio e linha de deter) e a sua capacidade (número de elementos que o devem ocupar) além da natureza do material disponível.

Encarados sob este aspecto, cada tipo de abrigo apresenta umas tantas propriedades táticas, recomendando o seu emprego nessa ou naquela situação.

III — *Propriedades táticas das diferentes categorias de abrigo.*

Abrigos a céu aberto.

Os abrigos à céu aberto não podem, em geral, ser executados nas proximidades do inimigo, devido a dificuldade de dissimular o trabalho, salvo os abrigos de pequenas dimensões (abrigos sob parapeito) e os que podem ser construídos em terrenos cobertos.

Além da dificuldade de dissimular a posição, propriamente dita, seria também difícil ocultar às vistas do inimigo, o transporte do material, geralmente, volumoso, que essa categoria de abrigo exige, pois, para abrigos da mesma capacidade, um abrigo a céu aberto necessita, de uma tonelagem de material, vinte vezes maior que um abrigo em galeria de mina.

O abrigo a céu aberto, geralmente, superficial, pode ser ativo ou passivo.

Quando ele é passivo, sendo estabelecido a uma profundidade menor, que o abrigo em galeria de mina, oferece aos seus ocupantes a vantagem de alcançar com facilidade e rapidamente os locais de combate.

O abrigo superficial a céu aberto, em regra geral, se impõe:

- para os abrigos ativos;

- para as frações de tropa que devem entrar, instantaneamente, em ação, isto é, para as tropas que se acham instaladas em primeiro escalão;
- quando o terreno é alagadiço e não permite aprofundar, suficientemente, o abrigo em galeria de mina.

A escolha dos diferentes tipos de abrigos à céu aberto é, muitas vezes, determinada pela possibilidade de procurar e transportar, ao pé da obra, os materiais necessários à sua construção.

Por esta razão se constrói, nos bosques ou nas suas proximidades, os tipos com estrutura de madeira roliça e nas localidades, quando se torna longo o transporte deste material, dá-se preferência aos concretados.

Nos abrigos ativos e, principalmente, nas casamatas para metralhadoras, cujo relevo, na maioria das vezes, é considerável, são empregados quando o terreno facilita a sua dissimulação: em taludes contravertentes, acidentes do solo, bosques, localidades ou locais ocultos às vistas.

Estão no mesmo caso, os observatórios protegidos, aos quais é preciso, em primeiro lugar, assegurar uma dissimulação perfeita.

O tempo necessário para a construção dos abrigos concretados e dos abrigos em galeria de mina, sendo bastante longo, conduz muitas vezes, atendendo a sua terminação ou utilização progressiva, a construir abrigo com estrutura de madeira ou com chapas de ferro ondulado, sob camadas de madeira ou trilhos, cuja realização é muito mais rápida.

Abrigos em galeria de mina.

A construção dos abrigos em galeria de mina é, relativamente, fácil de dissimular.

O numero de trabalhadores presentes, simultaneamente, sobre o canteiro é pouco elevado; a tonelagem de material necessário é, relativamente, pequena e o seu transporte pode ser escalonado, durante todo o tempo de duração da construção.

Os abrigos em galeria de mina oferecem a grande vantagem de serem utilizados nas suas diferentes fases de construção.

Com exceção de uma casamata, desembocando em uma escarpa abrupta ou em talude de corte de estrada, o abrigo em galeria de mina, é, em geral, passivo.

Para ter um elevado grau de resistência, o abrigo deve ser profundo, em consequência, exige um certo tempo para a saída dos elementos que o ocupam.

O uso dos abrigos em galeria de mina, na frente das posições, é contra-indicado, por esta razão.

IV — *Localização e natureza dos abrigos nas diferentes posições e linhas.*

Posição de postos avançados.

Os abrigos localizados nesta posição, salvo os destinados as reservas, que pôdem, as vezes, ser em galeria de mina, são abrigos superficiais e, em geral, ligeiros.

Os abrigos à prova não podem, comumente, ser construidos sobre uma posição de postos avançados, devido a proximidade do inimigo e da dificuldade de transportar os materiais necessários a sua construção.

Se, por exceção, decide-se construí-los, é necessário evitar, que possam ser utilizados pelo inimigo, no caso da perda da posição; neste caso, deve ser prevista a sua destruição com auxílio de explosivos.

Posição de resistência.

Todos os abrigos da posição de resistência devem, em princípio, ser à prova dos projéctis da artilharia pesada inimiga.

Mas, considerando que estes abrigos são de construção demorada, de longa duração e devem ser utilizados progressivamente, é necessário sempre substituí-los, momentaneamente, por abrigos ligeiros.

Na zona da linha principal de resistência, os abrigos à prova são, em princípio, à céu aberto, de preferência concretados, permitindo uma ocupação rápida dos locais de combate.

Na zona da linha de apoio, pôde-se construir abrigos à prova em galeria de mina, mas, como esta linha pôde ser transformada, eventualmente, em linha principal de resistência, convém prever alguns abrigos concretados, para os órgãos mais importantes da defesa.

Na zona da linha de deter, os abrigos à prova são, quasi sempre, construidos em galeria de mina.

V — *Tipos de abrigo em função da sua capacidade.*

A capacidade dos abrigos deve ser considerada em função de sua proteção e de sua dissimulação.

Os abrigos ligeiros sob parapeito, simplesmente protegidos contra os estilhaços ou projéctis de fraco calibre, construídos nas linhas avançadas, não devem conter mais que dois ou três ocupantes.

Os abrigos com estrutura de madeira tosca ou em chapas de ferro ondulado, protegidos por uma camada de madeira róliça, são construídos, seja para meio grupo de combate seja para um grupo completo.

Os abrigos em galeria de mina têm uma capacidade que varia,

Assinantes - Atenção

A Assembléia Geral Ordinária realizada em 25 de Fevereiro p. p., deliberou que, a partir dessa data, sejam os seguintes os preços das assinaturas:

Associados da Cooperativa . . .	Cr\$ 30,00 — ano
Assinaturas renovadas	Cr\$ 45,00 — ano
Assinantes novos	Cr\$ 60,00 — ano

— x —

Leiam o Cap. II e o artigo 11.^o dos Estatutos da Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intellectual “A DEFESA NACIONAL”, os quais foram publicados na Revista do mês de Setembro de 1943, e nos remetam a fórmula no verso deste, devidamente preenchida, para que possam auferir das vantagens do sistema cooperativista e tambem se constituirem como parte integrante de uma associação que edita a mais bem cuidada Revista sobre assuntos militares.

Não vacile, mande-nos sem demora a sua posta.

Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual

"A DEFESA NACIONAL"



Proposta para Associado:

(Art. 13 do Cap. II)

Nome: -

Natural de

Cidade

Estado Civil

Data do Nascimento

Profissão Guarnição

Data:

Assinatura: -

(Firma reconhecida)

OBSERVAÇÕES: -

- a) Remeter 2 fotografias 3x4.
- b) Tabelião em que tem firma reconhecida, aqui no Rio, caso não possa reconhecer-la no local onde está servindo.
- c) A importância das QUOTAS-PARTES deverá ser remetida em vale po tal.

de um grupo, sobre a linha de apoio a um pelotão, mesmo uma companhia, sobre a linha de deter.

Os abrigos concretados são construídos com capacidade para um grupo sobre a linha principal.

Sobre as linhas menos avançadas, sua capacidade pode corresponder a um pelotão.

Emfim, os abrigos de maior capacidade não são admissíveis, senão sob a condição, que todas as precauções tenham sido tomadas, para evitar aos ocupantes a surpresa do ataque inimigo, para isso é necessário:

- serem afastados da frente;
- terem um dispositivo de espreita;
- terem saídas multiphas;
- prever a defesa das vias de acesso.

VI — Organização tendo em vista o combate.

Todo abrigo deve prestar-se:

- à organização do alarme (posto de espreita, fazendo corpo se possível, com o abrigo);
- à saída dos ocupantes antes que o inimigo tenha logrado atingir as entradas do abrigo (saídas numerosas e fáceis instalações de combate tão próximas, quanto possível, da posição de espera no interior do abrigo).
- Esta condição é realizada, no seu mais alto gráu, nos abrigos ativos;
- à defesa própria, que pode ser:
- exterior (organização de travezes próximas, saídas em pleno campo, disfarçadas, para os contra-ataques);
- interior (defesa interior das entradas, escadas e galerias).

VII — Organização tendo em vista a habitabilidade.

Disposições que se devem tomar desde o inicio da construção de um abrigo:

- contra a invasão das águas de infiltração (poços e bombas especiais de evacuação) e contra as águas de chuva, que podem penetrar pelas entradas (soleiras elevadas, valetas, etc.);
- Para a ventilação natural (chaminés) ou, então, artificial (ventiladores);
- para a iluminação (elétrica, se possível).

Proteção contra os gases.

A proteção dos abrigos contra os gásés é realizada nas seguintes condições:

Abrigos-filtros.

Os abrigos-filtros são abrigos cuja provisão de ar interior, pôde ser renovada, por uma tomada do exterior.

O ar é aspirado por um ventilador e, antes de penetrar no abrigo, atravessa um filtro, que absorve ou neutraliza os gásés de combate.

O filtro é constituído por uma camada de terra vegetal ou por uma caixa filtrante.

Por outro lado, o ventilador cria, no interior do abrigo uma compressão, que impele para o exterior o ar viciado pela respiração e impede ao mesmo tempo a entrada do gás.

A organização dos abrigos-filtros é delicada e minuciosa; só deve ser empregada nos abrigos importantes e bastante longe do inimigo, para serem mantidas em perfeito estado de funcionamento.

Abrigos com filtro em terra vegetal.

A terra vegetal tem um notável poder de fixação para certos gáses nocivos, por exemplo: o cloro e os fosfogenio.

Uma terra é tanto mais eficaz quanto maior é o seu teor em materiais orgânicas, mas, uma terra pobre (2% de materiais orgânicas) possui ainda um certo poder de fixação, nada desrespeitável.

As terras próprias para cereais e de hervas mirradas são mediocres, como filtros.

A terra com humus e a do interior da mata são as melhores.

Utilizar sómente a terra que se acha ao nível das raízes.

O filtro deve ter, pelo menos:

- 2 metros quadrados de superfície e 0m.35 de espessura, se fôr constituído com terra muito rica, contendo, pelo menos 10% de materiais orgânicas e de 20 à 40% de humidade;
- 4 metros quadrados de superfície e 0m.50 de espessura se fôr constituído com terras pobres, 2 à 4% de materiais orgânicas.

O débito do ventilador, ligado ao filtro, não deve ultrapassar a capacidade de absorção do mesmo; nessas condições, manter este débito sensivelmente inferior a nove litros por minuto e por decímetro quadrado de superfície filtrante, quando a terra vegetal é muito rica.

Para um filtro de quatro metros quadrados de superfície, o débito do ventilador deve ser de $3,0 \text{ m}^3/600$, por minuto.

O filtro pôde ser colocado no exterior ou no interior do abrigo. Os filtros colocados no interior dos abrigos, são melhor protegidos.

Filtro exterior.

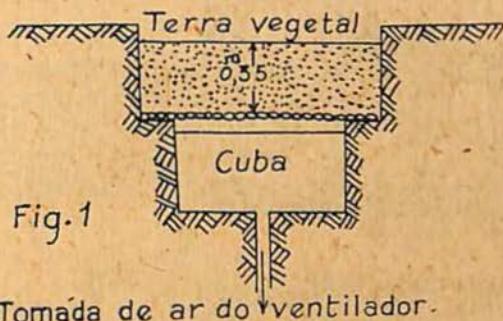


Fig. 1

Filtro exterior. (fig. 1).

O filtro exterior compõe-se de um fosso de 0m.70 à 0m.80 de profundidade e com a superfície determinada pelas considerações anteriores.

O fosso é excavado no sólo nas proximidades do abrigo e posto em comunicação com este por intermédio de uma canalização subterrânea de 4 à 6 decímetros quadrados de seção.

Na parte média se faz um assoalho, com caniçadas ou fachinas sobre ele coloca-se a camada de terra vegetal, ocupando toda a superfície do fosso e comprimida com os pés, principalmente, nas bordas.

A espessura da camada de terra vegetal é de 0m.35.

O ventilador será instalado na extremidade da canalização, que parte da cuba.

Filtro interior.

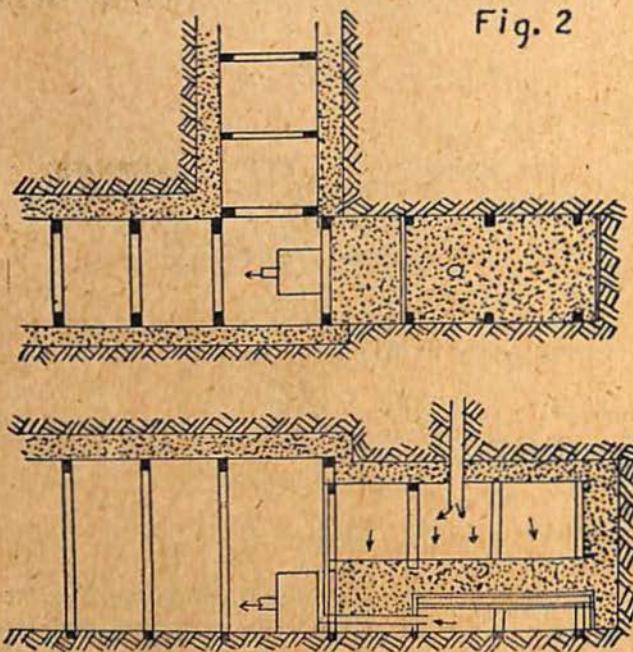
A figura 2 representa um filtro instalado em um elemento especial de galeria, no mesmo nível que o sólo de um abrigo em galeria de mina, sendo o ar aspirado do exterior por meio de uma chaminé.

Pôde-se, igualmente, construir de modo semelhante, um filtro interior, em um abrigo betonado.

Tomada de ar. — A tomada de ar é constituída por uma chaminé, vertical ou inclinada, de acordo com as condições locais.

Filtro interior.

Fig. 2



A chaminé poderá ser em tubo de ferro ou em madeira, porém, perfeitamente aderente ao terreno, para evitar as infiltrações de gás.

Ha vantagem em desembocar esta chaminé em um ponto elevado do terreno, onde o teor de gás é, geralmente, menos elevado, ou melhor, desembocar junto de um tronco de arvore, colocando o cano no seu prolongamento e perfeitamente ligado ao mesmo.

Por este processo assegura-se o seu disfarce e proteção.

Cuidados a tomar para a colocação e conservação dos filtros na terra.

Proteger o filtro com uma camada de terra e não utilizar paredes de madeira ou metal.

Peneirar a terra para retirar todos os detritos vegetais ou pedras grandes, que poderiam determinar uma fissura no filtro.

Não se deve utilizar a terra depois de uma chuva abundante.

Verificar se a massa de terra, que constitui as paredes do filtro, está, suficientemente, homogênea e não contém no interior pedaços de

madeira, raízes grossas, etc, ao longo das quais se poderiam produzir fugas.

Perver uma proteção do filtro contra as águas de enxurrada, que o poderiam danificar.

Tomar precauções contra os orifícios cavados por animais diversos, por exemplo: minhocas, ratos, etc.

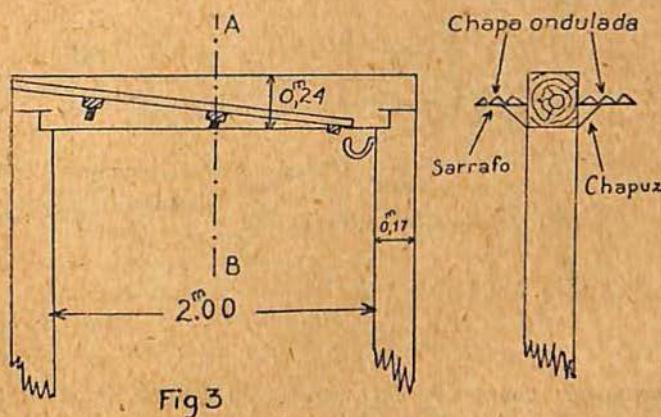
Substituir a terra do filtro, após cada ataque pelo gás.

Proteção contra a agua.

A drenagem dos abrigos merece atenção especial.

Para impedir a infiltração da água nos abrigos, estabelece-se, no momento da construção, no aterro, se se trata de um abrigo em escavação a céu aberto, ou sobre o solo natural, se se trata de um abrigo em galeria de mina, uma cobertura, ligeiramente inclinada, de papelão alcatroado, pixado ou de zinco ondulado.

Para assegurar a evacuação das águas de infiltração ou de condensação, fazem-se desde a terminação do abrigo, instalações especiais cujo tipo pode variar conforme o dispositivo do abrigo, e os materiais disponíveis.



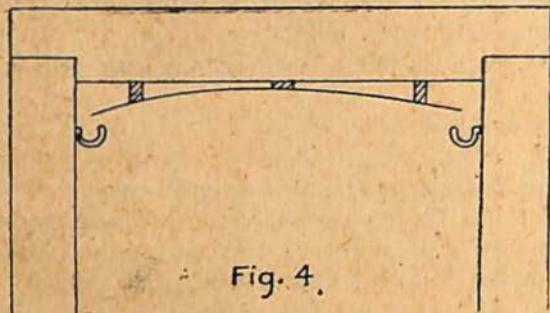
Por exemplo:

Praticam-se sobre cada vertical da verga dois entalhes a serrote de 1 centímetro de profundidade com inclinação de 1/10, aproximadamente, segundo o comprimento da verga e, ligeiramente, inclinados para o alto, como mostra a figura 3.

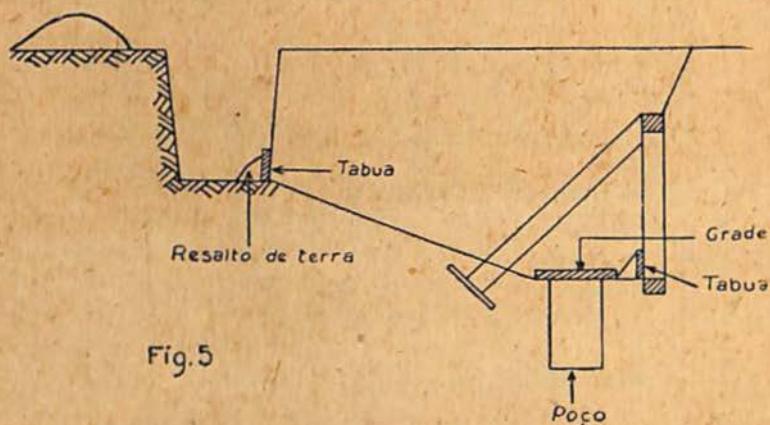
Prendem-se, nessas ranhuras, folhas de zinco, onduladas e leves, calefetadas com barbante.

Uma calha longitudinal recebe as águas e as conduz para o poço, colocado na extremidade de uma das descidas.

O poço é coberto por uma grade e esgotado por meio de bomba ou balde.



Fixam-se as chapas sobre a verga, no caso da figura 4, arqueando-as ligeiramente, afim de escoarem as águas, para duas calhas longitudinais, presas às ombreiras.



Os abrigos de chapas de ferro ou de folhas de zinco onduladas, quando dotadas de folhas de cumieira, estão a coberto das infiltrações.

Afim de impedir, que as águas coletadas pelas trincheiras ou comunicações enterradas penetrem nos abrigos:

- cria-se na origem da normal anexa, que conduz à entrada do abrigo, um resalto de terra de 20 centímetros de altura, mantido por uma tabua colocada atravessada (fig. 5);
- instala-se na entrada um poço coberto por uma grade e faz-se, no primeiro caixilho, um resalto análogo ao descrito acima.

O enxugo dos abrigos cuja ocupação não deva ser permanente e construídos em terreno pouco permeável exige precauções especiais:

- si possível, escoamento natural das águas por uma entrada ou um ramal com inclinação para o exterior;
- visitas frequentes e evacuação artificial das águas.

A necessidade destas medidas para a conservação dos abrigos pode influir na escolha dos locais para os mesmos.

VIII — *Conservação das obras.*

A boa conservação das obras de uma frente organizada é de grande importância, porque interessa ao mesmo tempo o valor militar das posições e a conservação dos efetivos empenhados no combate.

Causas de estragos das obras.

As causas principais de estragos das obras são:

- as intempéries (chuvas, geadas, etc.);
- o bombardeio;
- o desgaste normal, devido ao uso e ao emprego de materiais pouco duráveis;
- a vegetação.

- a) — **Intempéries.** — Os taludes das comunicações enterradas esboroam-se sob o empuxo das terras humidas ou sob a ação da água, que se estagna do fundo da escavação.

Para diminuir a importância dos trabalhos correspondentes de conservação, é preciso:

- manter os taludes com declives suaves ou revestí-los;
- evacuar as águas.

Os trabalhos de conservação das estradas e caminhos merecerão carinho especial.

Os abrigos devem ser garantidos contra as águas exteriores e contra as águas de infiltração.

- b) — **Bombardeio.** — Os estragos ocasionados pelo bombardeio são reduzidos, ao mínimo, por uma boa concepção da organização e uma boa execução técnica das obras.

Os efeitos sobre as comunicações e as redes de arame são, entretanto, consideráveis; as reparações devem ser feitas à medida que forem necessárias, sem se esperar que o tempo ou as intempéries aumentem as avarias.

- c) — Desgaste. — O desgaste que chega ao ponto de necessitar reparações só se faz sentir nas comunicações de circulação intensa.
- d) — A vegetação. — Os estragos causados pela vegetação são originados pelas raízes de algumas espécies de vegetais, que resecam as terras e as desagregam.

Regras gerais para a conservação.

As regras essenciais à observar são as seguintes:

- organização da vigilância;
- repartição nítida das missões (delimitação precisa das zonas de conservação);
- continuidade nos trabalhos de conservação;
- previdencia no momento da construção (revestimento, evacuação das águas, etc.);
- ação do comando em todos os planos de conjunto (plano de evacuação das águas);
- especialização da mão de obra nos diversos trabalhos.

Numa posição desocupada, os trabalhos de conservação são, relativamente, pouco importantes se as comunicações enterradas foram sómente traçadas e iniciadas, se os abrigos foram bem construídos, se a evacuação das águas foi judiciosamente preparada e se a vigilância foi organizada em tempo útil.

“COBRAZIL”

COMPANHIA DE MINERAÇÃO E METALURGIA “BRAZIL”

Engenheiros Construtores

Representantes exclusivos dos produtos industriais da
Westinghouse Electric International Co., de New York

Av. Almirante Barroso, 81-10°

Tel. 42-8150

RIO DE JANEIRO

A Cavalaria Mecanizada no Exército Americano

I — MISSÃO E MEIOS

Capitão *TASSO DE AQUINO*

Identificação e localização das forças inimigas, determinação dos flancos e pontos fracos no seu dispositivo, bem como localização de suas reservas, constituem o papel da Cavalaria na Guerra.

Ela tem hoje, como teve no passado, e terá no futuro, por missão principal: Reconhecimento.

Para cumprir esta missão, é ela muitas vezes levada a combater.

O combate da Cavalaria Mecanizada apresenta as mesmas características do da Cavalaria a Cavalo:

- mobilidade explorada ao máximo;
- ataque lançado de surpresa, violento e coordenado, contra os flancos e pontos fracos do inimigo.

O objectivo é abrir uma brecha no dispositivo inimigo, através da qual se infiltrarão os reconhecimentos.

A iniciativa do combate não deve ser perdida nunca, e o contáto rompido na ocasião oportuna. Uma Unidade de Cavalaria que se engaja em combate de maneira a perder a iniciativa das operações e a possibilidade de desaferramento, é uma Unidade que fracassou no cumprimento da missão.

Além da missão de reconhecimento, à Cavalaria Mecanizada poderá ser dada a incumbência de proteção a um flanco

descoberto no dispositivo amigo, e, quando as forças antagonicas estão suficientemente proximas não mais se justificando sua presença na frente, será mantida em reserva, para futuro emprego, de acordo com o desenrolar do combate:

- tapar uma brecha aberta no dispositivo amigo,
- infiltrar-se pela brecha aberta no dispositivo inimigo,
- persuadir o inimigo em aproveitamento do êxito,
- cobrir o retraimento da tropa amiga, em caso de insucesso.

Estas as missões que a Cavalaria Mecanizada está habilitada a desempenhar na Guerra, pelas suas características:

- mobilidade
- potência de choque
- potencia de fogo.

Características que são função, respectivamente, da velocidade e mobilidade, em todos os terrenos, dos carros de que dispõe, da armadura de que são providos os seus carros de choque, e do armamento de que é dotada.

A eficiencia da Cavalaria Mecanizada no cumprimento de suas missões normais é função do grão de instrução técnica e tática dos seus soldados, graduados e oficiais, bem como do cuidado dispensado aos veículos, armamento e meios de transmissão.

A Cavalaria Mecanizada no Exército Americano está organizada, equipada e os seus elementos instruídos para cumprir as missões apontadas ácima.

Elá constitui o elemento de reconhecimento das Grandes Unidades, sendo organizada em "Troop", "Squadron" e "Battalion". Essas Unidades correspondem respectivamente ao nosso Esq., R. C. I. e R. C. D.

Cada D. I. tem como elemento de reconhecimento um "Reconnaissance Troop", constituída de três pelotões de três "team", um destacamento de ligação e um pelotão extra; o

“Reconnaissance Squadron”, organizado em Três “Reconnaissance Troop”, uma “Light Tank Comapny” e um “Assault Gun Troop” (Esq. de Obuzeiros), é o elemento de reconhecimento da D. C., enquanto que o “Reconnaissance Battalion” constituído de quatro “Reconnaissance Troop”, uma “Light Tank Company” e um “Assault Gun Troop” é o elemento de reconhecimento da “Armored Division” (Divisão Blindada). Reconhecimentos para Corpos de Exército ou escalão superior são feitos por Grupos de Cavalaria Mecanizada, que são organizados em dois ou mais “Reconnaissance Squadron”.

Essas Unidades de reconhecimento estão equipadas com veículos, armamento e meios de transmissões necessários para o cumprimento da missão.

Veículos — De grande velocidade e mobilidade em todos os terrenos, possuindo, os de choque, couraça contra a qual são impotentes as armas ante-pessoal individual e automaticas.

Esses veículos são o “Jeep”, o “Armored Car” (veículos de reconhecimento) e os tanques léves (veículos de choque e de apoio).

Armamento — As Unidades de Reconhecimento possuem grande potencia de fogo, dada pelas armas automaticas contra pessoal, morteiros, armas ante tanque e ante-aérea e obuzeiros, de que são largamente dotadas.

Essas armas são Mtr. 30 léve, Mtr. 50 (ante-aérea), Mort. 60mm. canhão ante-tanque 37mm e obuzeiro 75mm.

As guarnições dos carros são armadas de fuzil, mosquete ou “sub machine gun”.

Meios de Transmissão — O radio é o principal meio de transmissão. Os carros são dotados de aparelhos de curto e longo alcance, para ligação entre os elementos da Unidade de reconhecimento e transmissão das informações para o Q. G. da G. U.

Washington, Abril de 1944.

OS TRABALHOS NA CASA DE MAUÁ EM 1943

O ano de 1943 marcou uma fase de atividade intensa para a Associação Comercial do Rio de Janeiro, brilhantemente presidida pelo sr. João Daudt de Oliveira. Além de fundar o Instituto de Economia e inaugurar seu Departamento Cultural, a Casa de Mauá realizou ainda, entre outros, os seguintes trabalhos:

Reorganizou seu Departamento Jurídico-Fiscal.

Lançou o movimento de expansão associativa, para que cada município do Brasil tenha sua Associação Comercial, filiada à Federação Estadual, que, por sua vez, irá figurar na Confederação Nacional das Associações Comerciais.

Acolheu, em sua sede, a III Conferência Inter-Americana das Associações de Comércio e Produção.

Colaborou nos estudos sobre arbitramento comercial.

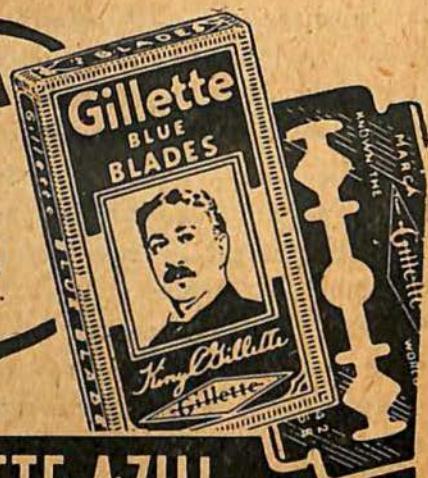
Promoveu o Congresso Brasileiro de Economia, realizado no Palácio do Comércio e que reuniu as figuras mais expressivas da economia nacional, delegados das associações de classe, economistas e técnicos, planificando as diretrizes ideais recomendáveis para o pleno desenvolvimento da economia brasileira.

Foram êsses, entre outros, os acontecimentos centrais do ano que passou, na tradicional entidade representativa do nosso comércio, dentro do seu esforço permanente e construtivo para servir ao Brasil, erguendo bem alto o nome da sua classe e honrando suas tradições seculares.

BÔA APPARENCIA

NÃO a tem sómente quem
se veste com apuro. Ela
depende, sobretudo, da barba
bem escanhoadas, o que só se
consegue com a insuperável
lamina Gillette Azul.

Gillette



Lamina GILLETTE AZUL

A Química nas Ações de Guerra

Os presentes estudos e informações são dedicados ao Exmo. Snr. General Comandante, demais oficiais, e praças da 1.^a D. I. E..

MAJOR ALFREDO FAUROUX MERCIER

INTRODUÇÃO E GENERALIDADES:

I

Desde quando o engenho humano começou a empregar a Química com intuições agressivas ou defensivas?

De nossa parte, julgamos que ao se uzarem archotes de madeira resinosas e outros materiais de fácil combustão, que uma vez catapultados ou arremessados por outro meio qualquer causariam incêndios e produziriam também nuvens de fumo, começou-se a fazer Guerra Química.

Mais tarde, com o advento da polvora negra, pois, os chineses e árabes, como precursores no partido tirado da mistura de salitre, enxofre e carvão, fizeram produzir modificações profundas nos átos de guerra, deu-se início às pesquisas para melhor aproveitar a energia potencial tão avaramente retida pela Química; surgiram as cargas de projeção usadas nos canhões de alma arremessando projéteis não explosivos, criou-se a guerra de minas e com ela ruiiram fortificações que até então, desafiavam altivamente quaisquer ataques.

Por muitos séculos a Humanidade deixou-se embalar ouvindo o ribombar das bombardas e de outros armamentos cujo valor era de pouca monta quanto à agressividade; continuavam no entanto, as investigações químicas e no decurso do XIXº século, surgem as polvoras sem fumaça e aparecem outros explosivos tais como: — a nitrocelulose, a nitroglicerina, a dinamite, a turpinite, e outros propelentes que permitiram o aumento do alcance das armas de arremesso, a adoção do armamento de retrocarga e a criação de projéteis explosivos.

Desde o princípio do século atual a Físico-Química procurou meios para libertar as Nações, do monopólio do salitre que pelas divisões políticas estabelecidas na crosta terrestre, tem cabido acidentalmente, a alguns povos. Como sabemos, era só do salitre que a indústria quí-

mica extraía o azoto indispensável à fabricação de qualquer polvora ou explosivo mas, atualmente, o pesadelo de certas Nações passou, pois há vários processos para haurir da atmosfera que de maneira alguma é monopolizável, qualquer quantidade de azoto.

Hoje a química de pólvoras e explosivos nos fornece produtos quasi que ideais: — trotol, fulminato de mercúrio, pentil, herogênio, amatol, schneiderita, nitrato de amoneo, pólvoras de base dupla, chedite, melinite, etc. e até, um explosivo que pode usar como matéria prima a nossa mandioca — “o nitroamido”.

II

Deixando as pólvoras e explosivos vamos, a princípio de um modo geral e depois com mais insistência, ver como age a Química noutras ações de guerra — este o nosso escopo. Quando se fala em “Guerra Química” é comum pensar-se somente, na guerra de gases; lembramos no entanto, que há muitos produtos químicos usados para: provocar incêndios, produzirem-se cortinas de fumo, uzam-se fogos para iluminar campos de batalha, há substâncias empregadas em aparelhos próprios para lançar chamas, hoje comuns e uma infinidade de artifícios que a pirotécnica atual esconde para o emprego oportuno e adequado.

Quanto á chamada “Guerra de gás”, devemos observar que as substâncias não só se apresentam em

estado gazoso	óxido de carbono
	gás de clóro
	fosgenio

como tambem em

estado líquido	cloropicrina
	palita
lewisitas	superpalita
	iperita
etc.	bromacetona
	brometo de benzila
etc.	primaria
	secundaria
etc.	terciaria

e até em

estado sólido	cloracetofenona difenilclorarsina difenilcianarsina etc.
---------------	---

quanto a este último, o estado sólido, e para mostrar do que são capazes essas "poeiras" lembramos que:—um quarto de miligrama (1/4mm³) de difenilcianarsina torna um metro cúbico (1m³) de ar irrespirável (produzem-se efeitos esternutatórios), o que é considerável quando observamos que o homem em ação utiliza, em média, 3.000 litros de ar por hora.

III

Pessoal de guerra Química da Divisão de Infantaria.

Perfeitamente cônscio deste assunto, o Alto Comando de nossa 1^a. D. I. E., determinou e fez ressaltar a necessidade de:

- a) — proceder-se a instrução intensiva da tropa em relação a tudo o que é relativo á guerra química;
- b) estudarem-se meios e planos para proteção;
- c) — promover-se a manutenção em dia e em completa ordem de material de guerra química de cada unidade;

declarou mais: — "Os Comandantes de Unidades são responsáveis pela proteção contra ataques químicos e incendiários, dos elementos sob seu comando".

e também: — "Os oficiais de guerra químicas de Unidade incorporada ou Sub-Unidade, são responsáveis perante os Comandantes respectivos, em relação a todos os assuntos concernentes á guerra química nas Unidades e Sub-Unidades a que pertencem".

Para o bem desempenho dessas finalidades, houve a designação de pessoal para, na Divisão, tornar exequíveis as medidas previstas, assim, transcrevemos a seguir o quadro constante das Instruções e relativo ao Pessoal de Guerra Química da Divisão.

Haverá, pois, em cada Unidade, um oficial de guerra química com o qual manterão estreita ligação os oficiais de guerra química das Sub-Unidades (um por Sub-Unidade); cada um desses oficiais terá dois sargentos auxiliares de guerra química, um dos quais chefiará a "turma de descontaminação", a qual deverá existir em cada Sub-Unidade (1 cabo e 8 soldados).

Quaisquer observações e reconhecimentos sobre operações químicas serão condensadas em informações químicas que deverão chegar às instâncias superiores, passando: — do oficial de guerra química da Sub-Unidade para o do Batalhão ou Grupo, daí para o Regimento, e finalmente, para o Oficial de guerra química da Divisão.

As informações químicas deverão ser também, simultaneamente, transmitidas pelos canais normais, à 2.ª Secção do E. M. da Divisão. Temos assim, idéia de como se articula, na Divisão, o respectivo pessoal de guerra química, o qual deverá ser designado a critério do respectivo Comandante de Unidade e acumulará suas funções na guerra química, com aquelas que, normalmente, já vier exercendo.

IV

Alguns agentes químicos: — propriedades, classificações, emprego tático, identificação, meios de defesa, descontaminação.

O emprego oportuno e inteligente da Química na guerra, mostra as indiscutíveis vantagens advindas do "Princípio da economia de forças", do qual não se podem olvidar os grandes Chefes; assim é, desde que se consideram os esforços obtidos com a força expansiva dos gás (armas de arremesso, destruições com explosivos, etc.) até quando a surpresa tira partido também dos agentes químicos, desorganizando ofensivas, retardando-as e até anulando-as pelas desmoralização completa dos atacantes.

Obtem-se grandes efeitos quando se age com surpresa e para isto, devem-se abandonar complicados planos de guerra química, fazendo-se sobretudo, o que for simples e prático; a Tática e a Técnica dirão onde, como e quando fazer uso dos agentes químicos.

Como tivemos ocasião de salientar, só como a instrução intensiva em tudo o que concerne à Guerra Química, visando-se a coordenação cuidadosa entre os que fazem uso dos meios químicos, serão controlados, disciplinados os animos, evitados efeitos contraproducentes não se causando males às próprias forças amigas, pois, como é sabido, certos projéteis e altos explosivos tem efeitos de pouca duração, quasi que instantâneos e numa área relativamente pequena, ao passo que os agentes químicos, além de fazerem sentir seus efeitos em áreas consideráveis podem causar panico entre os não amadurecidamente prepa-

rados para enfrentá-los, e teem ação mortifera duradoura (horas, dias e até anos).

Agentes incendiários: — empregam-se substâncias de fácil combustão afim de destruir reabastecimentos inimigos, equipamentos e instalações, queimando-as; lançadas com projetores, por meio de granadas e ejetores de avião, podem provocar a queima de matas, edifícios, armazéns de reabastecimentos, embarcações, depósitos de combustíveis, etc.

Esses verdadeiros projéteis incendiários podem ser constituídos de Sódio que se inflama ao contato da água e uma mistura de parafina e petróleo, que serve para propagar o incêndio.

Empregam-se também: a termita, o magnésio, o fosforo branco e óleo incendiário.

A termita é mistura de óxido de ferro e alumínio pulverizado com uma escrava apropriada, produzindo-se assim, elevações de temperatura a mais de 2.000° C.

Há misturas especiais de termita e vários aglutinantes para evitar a separação de seus componentes, como por exemplo a *daisita*, mistura de termita com aglutinante de enxofre; é preciso cuidado com os jatos d'água sobre esse fogo para não espalhá-lo generalizando-o.

O magnésio, produzindo intensa luminosidade, também produz elevada temperatura. Cuidado! devem-se evitar jatos d'água sobre o fogo de magnésio pois, poderá haver uma explosão.

O fosforo branco, é também, muito usado em bombas incendiárias que se fragmentando em numerosos estilhaços após a queda, multiplicam os fósforos incendiários.

O óleos incendiários, são muitas vezes misturados com pequenos fragmentos de sódio metálico para evitar que o fogo seja facilmente extinto pela água; os jatos d'água tendem a espalhar o óleo inflamado em vez de apagar o fogo.

Substâncias fumígenas: — muitas vantagens são conseguidas com o mascaramento, com os fogos de cegar, etc., obtidos com substâncias capazes de produzir fumaças cujas colorações previstas servem até para identificação de forças amigas ou inimigas. Deixando os processos primitivos para se produzirem nuvens muito semelhantes às cerrações naturais (queima de: — madeira umedecida, de cascas de árvores, de óleo crú, etc.), entraremos logo na apreciação de agentes elaborados com os conhecimentos químicos atuais assim, nos projéteis de artilharia e de aviação podem se usar certos líquidos que reagem com a umidade, tais como: o *tetracloreto de titânio*; uma solução de *trioxido de enxofre em ácido clorosulfônico*; o fosforo branco, o qual queima em combinação com o oxigênio do ar; um metal e um óxido metálico com um hidrocarboneto clorado, formando cloretos metálicos higroscópicos.

O valor das fumaças é aquilatado pela sua *força obscurecente total*; convencionou-se até que a "cortina padrão" fosse a que apresentasse densidade tal, que em 30 metros de profundidade, obscurecesse por completo uma lampada de 25 velas.

Conforme as indicações e necessidades táticas empregam-se fumaças de varias cores (negras, brancas, azuis, etc.).

Experiencia tem mostrado que o êxito alcançado pelos tiros das forças amigas, é maior quando o inimigo se acha envolvido nas nuvens de fumo (12% de êxito), ao passo que si as forças amigas estiverem sob essas nuvens, o rendimento baixa (3% de êxito); além disso, envolto nas nuvens de fumo, o inimigo fica desorientado e cego por assim dizer, pois não poderá observar seus tiros, não poderá fazer pontaria, ficará impossibilitado de manobrar seus carros de combate e outros veículos.

FINALIDADE DO EMPREGO DAS FUMAÇAS:

- 1) — impedir a observação inimiga;
- 2 — reduzir a eficácia dos tiros inimigos;
- 3) — dificultar e causar confusão nas manobras inimigas;

Ofensivamente, é vantajoso o emprego de fumigenos com as seguintes intenções:

- a) — cobrir o avanço duma tropa atacante;
- b) — proteger o flanco de forças atacantes;
- c) — cegar a observação inimiga e suas zonas de defesa;
- d) — iludir o inimigo quanto ao local e direção do ataque;
- e) — encobrir o movimento de tropas nas posições amigas;
- f) — mascarar a travessia dum curso d'água ou um desembarque de forças.

Na defensiva, a ação química fumígena permite:

I — o êxito nas retiradas de tropas expostas ao fogo e observação do inimigo;

II — encobrir mudanças de dispositivos nas linhas amigas;

III — apoiar contra-ataques;

IV — cegar postos de observação inimigos;

V — encobrir aos ataques aereos, instalações em zonas de reaguarda.

Ha também que considerar-se condições metereológicas e topográficas para o emprego oportuno e satisfatório de fumigenos; assim, entre as condições favoraveis apontam-se:— céu, fortemente encoberto; horas matutinas e da noite; superfícies pouco acidentadas e praticamente horizontais; direção favorável dos ventos de volicidade constante

entre 3 a 12 milhas horarias; destruição dos agentes fumígenos pela absorção hidrolizante.

Meios de lançamento de fumígenos: — todas as armas podem ser dotadas de meios de lançamento; assim, ha os chamados meios de lançamento locais (aqueles que podem produzir o fumo nos proprios locais onde estão colocados), ha os projeteis de pequeno alcance (granadas de mão, granadas anti-carro produzindo fumo e incendios), ha os projéteis de medio e longo alcance (bombas-morteiro, artilharia), e finalmente o material de lançamento aereo.

V

GUERRA DE GÁSES

Tratemos finalmente, da chamada guerra de gases (já vimos que os agentes químicos uzados tanto se apresentam em estado gasoso, líquido, como sólido, isto é, sob aspecto de pó extremamente fino). Diremos então, com Héderer e Istin: — “Chamaremos gás de combate toda substancia química, utilizavel em combate, que possa ferir ou matar os seres vivos, misturada à atmosfera que os envolve e que eles respiram, ou que contaminem os objetos que lhes possa tocar o corpo”. Inumeras são as condições especiais, as consequencias e as dificuldades no emprego tático dessas substancias; urge, no entetanto, que se as conheçam, notadamente as de ação muito energica tais como as arsinas, a iperita, as lewisitas, etc.

Alem disso, podem-se efetuar destruições de depositos, de reabastecimentos, de agua, usinas eletricas, pontes, abrigos, interditar vias de comunicações, com a associação de bombas químicas, incendiárias e explosivas em series seguidas ou conjuntamente.

Entre as arsinas vesicantes, as lewisitas, cujos efeitos não chegaram a ser observados no homem, são tidas como de grande valor agressivo, são elas: a lewisita primaria, de todas a mais vesicante, a secundaria que é irritante e a terciaria, principalmente, esternutatoria; é possivel o emprego da *lewisita técnica*, mescla das tres lewisitas e que aproveita as propriedades dos tres tipos. O General FRIES, referindo-se a lewisita, disse tratar-se de “um misterioso orvalho da noite perfumado de gerânio.”

A *iperita*, líquido oleoso, de viscosidade próxima a da glicerina, com cheiro de alho, líquido pouco volatil de modo que a contaminação por este meio é de grande duração, donde o perigo de usarem roupas e objetos que tenham sido atacados por ele. Tem-se a impressão de que os males causados são contagiosos, em virtude das fracas propriedades denunciadoras, o que exige a inutilização de tudo o que for suspeito de haver sido contaminado, às tropas ficam, por assim dizer sob

a ação de epidemias tóxicas retardadas. Pouco soluvel náqua, a ipérita é no entanto soluvel na maior parte dos dissolventes orgânicos e se decompõe por hidrolise muito lentamente a frio e mais rapidamente a quente, com a água em ebulição, formando ácido clorídrico (caustico) e tioglicol (pouco tóxico); daí se conclue que deve ser evitada a desinfecção de objetos e lugares, com água quente.

Para transformá-la em compostos fisiologicamente inativos podem empregar-se permanganato, cloreto de cal, etc.

Classificações: — a consideração de certas propriedades químicas, físicas, modo de ação no organismo, resistência aos agentes atmosféricos, grau de persistência após o emprego, tem levado os estudiosos do assunto a propor várias classificações; interessa-nos porém, o grau de capacidade militar do produto e sua eficiência como meio de combate. Somos assim, levados a repetir as seguintes classificações táticas: uma levando em conta os resultados obtidos em combate, compreendendo agentes:

a) — *causadores de baixas*, — capazes de concentrações mortíferas;

b) — *não letais*, — capazes de ações irritantes;

c) — *inquietantes*, — os que obrigam a certas precauções, diminuindo o poder combativo da tropa; outra classificação também tática, separando dois tipos:

1.º — agentes persistentes;

2.º — agentes não persistentes.

Os persistentes, agentes sólidos ou líquidos, dispersam-se caindo sob forma de nuvem pesada e se evaporam muito lentamente, o que, taticamente, faz com que apresentem melhor atuação; entre estes há os agentes de agressividade imediata (brometo de benzila, cloropicrina, bromacetona, etc), e os de agressividade retardada (ipérita, lewisita, etc), estes manifestam suas propriedades agressivas após certo espaço de tempo, não paralizando logo a ação do adversário, mas também não lhe fornecendo informes imediatos para a proteção.

Os não persistentes, agentes gasosos, formando nuvens e agentes sólidos que se dispersam em partículas finíssimas, ultramicroscópicas, formando fumaças. Militarmente, são de ação rápida, misturadas com o ar em movimento, suas ondas causam pânico e até pavor as tropas não instruídas suficientemente quando colhidas de surpresa. O quadro a seguir condensa alguns gases de combate, informando sobre o modo de utilização e propriedades físicas e fisiológicas:

GASES DE COMBATE

Nome	Identificação física.	Grau de persistência.	Males causados ao corpo humano. tóxico.	Modo de emprego
LORO	Gás, amarelo esverdeado, odor especial.	Desaparece rapidamente.	Sufocante	Ondas
ROMO	Líquido vermelho escuro.	Idem	Idem	Projéteis
ROROPI- RINA	Líquido incolor.	Perisistência 2 a 4 horas.	Sufocante, lacrimogêneo, tóxico.	Idem
USGENIO	Gás incolor odor desagradável.	Dilue-se rapidamente, sensível a humid.	Sufocante, muito atoxico	Ondas e Projéteis
ALITA	Líquido incolor,	Idem	Sufocante, tóxico e lacrimogêneo.	Projéteis
ERITA	Líquido incolor, cheiro de alho.	Grau de persistência.	Vesicante, sufocante e lacrimogêneo.	Idem
ROMACE- ONA	Líquido	Muito persistente	Lacrimogêneo e sufocante.	Idem
LORACE- OFEMONA	Sólido (poeiras)	Idem	Lacrimogêneo	Idem
ROMETO E BEMZI-	Líquido aromático de agradável odor incolor.	Idem	Idem	Idem
FENIL- ORASINA	Sólido cristalino	Pouco persistente	Vesicante e esternutatório.	Idem
FENICI- RSINA	Sólido, odor de ácido cianídrico.	Idem	Idem	Idem
WISITA IMARIA	Líquido, odor de gerânio.	Fracamente volátil	Esternutatório, irritante, lacrimogêneo e vesicante	Idem
WISITA CUNDA- A	Idem	Idem	Irritante e vesicante.	Idem
WISITA RCIARIA	Idem	Idem	Esternutatório, pouco vesicante.	Idem
IDO CIA- DRICO	Líquido incolor, odor de amendoas amargas.	Fraca persistência	Muito tóxico	Idem

Observações a considerar no emprego de agentes químicos: — Tendo em vista as ações devastadoras cobridoras e incendiárias dos agentes químicos é preciso cuidado no modo de emprego, muita atenção quanto às finalidades a atingir, etc.; quando o objetivo deve ser ocupado por tropas amigas, não se devem empregar agentes de grande persistência. As condições meteorológicas devem ser levadas muito em conta, do contrário o emprego de agentes químicos pode transformar-se em "arma de dois gumes". Tanto nas ações ofensivas como nas defensivas nunca serão despresíveis as particularidades apresentadas pelo terreno.

A velocidade e direção dos ventos só não será levada muito em conta quando os agentes são lançados pela artilharia, morteiros ou aviação. A temperatura pode criar correntes ascendentes de ar e diluir ou desvia os agentes químicos de suas finalidades, assim as altas temperaturas no verão devem contraindicar o emprego de gases; por causa da tendência do ar refrescar durante a noite e soprar nos vales e depressões, estes logares devem ser evitados quanto à permanência de tropas aí, pois, poderão conter perigosas concentrações de agentes tóxicos.

Um dia nublado, é favorável ao lançamento de gases, visto que a pouca mobilidade do ar deixa as camadas de gases rastejarem a pouco altura do solo. Finalmente a observação da pressão atmosférica, deve ser levada em conta, uma vez que o local de emprego pode transformar-se num centro de baixa pressão e haverá movimentos turbilhonares no ar, causando-se, assim, males aos amigos e aos inimigos.

Influencia Topográfica: — a observação tem mostrado que os bosques, mato alto, edifícios, retardam o movimento das ondas de gases, tornando-as assim, mais persistentes; nas cavações, valas profundas, nas concavidades os gases permanecem muito mais tempo. Alguns gases de combate sendo mais pesados que o ar, tendem a fluir pelas reentrâncias, dobras dos terrenos, vales, deixando as elevações livres, daí o ensinamento: — Sempre que possível, evitar estacionamentos nesses logares. Por tudo que acabamos de ver, aqui também, a surpresa é fator essencial para a consecução de objetivos visados.

Meios de lançamentos: — Ocasões há em que se torna necessário forçar evacuações de certos setores usando-se para isso, grandes concentrações de vesicantes, fazem-se tiros de contra-bateria, enjaulamento, interdição de caminhos, desfiladeiros, etc.; há pois, necessidade do emprego de material diverso para as várias modalidades de lançamento e usam-se: granadas, tubos, minas, cilindros, projetores, morteiros, projeteis de artilharia, bombas de avião, tanques químicos para aviões, foguetes químicos, lança chamas.

Proteção: — como só acontecer, para cada modalidade de agressivo apresentado, a vontade de subsistir e o instinto de conservação,

avivam a perspicacia e inteligência do homem, de modo que sempre aparecem agentes capazes de neutralizar os efeitos das celebres armas secretas, desde que estas deixam de sê-lo. Surgiram pois, inúmeros meios de proteção individuais e coletivos.

Na proteção individual, há os aparelhos isolantes autoprotetores, tendas, valises, sacos, vestuários e as máscaras; para os combatentes, estas últimas constituem verdadeiros salva-vidas para as ondas gasosas e por isso, devem cuidar de suas máscaras, do mesmo modo que os navegantes vêem os salva-vidas nas travessias marítimas e nas viagens aéreas, olham seus paraquedas.

As Nações criaram seus tipos de máscaras e entre nós também é conhecido o tipo de máscara brasileira, já bem evoluído e capaz de proporcionar segura proteção aos que dele tiverem que lançar mão. A proteção coletiva, consiste primordialmente: nos abrigos de campanha cuja construção pertence à tropa de engenharia (abrigos ventilados e não ventilados), só levaremos em conta, os abrigos ventilados por oferecerem a possibilidade de permanência dos homens em número proporcional ao cubo de ar e permitirem fácil circulação do pessoal; na construção de abrigos particulares ou públicos, e no conjunto de ações para a defesa passiva bem organizada e disciplinada (alarme, dispersão de populações, distribuição de máscaras, ~~neutralização~~ de tóxicos, socorros aos atingidos). Não se podendo chegar a um tipo ideal de máscara, para conciliar questões de financiamentos e rendimento máximo neutralizante, tem-se usado o tipo capaz de nas condições regulares de conforto, agir como neutralizante polivalente. A eficiência da máscara é função: — 1) da proteção contra todos os agentes químicos usados nas operações de guerra; 2) da confecção, reparação e manejo faceis; 3) do conforto; 4) da leveza; 5) do não prejuízo à visibilidade; 6) de não afetar muito a respiração; do preço e da duração. Na simplicidade de suas cinco partes (máscara propriamente, tambor filtrante, traquéia, bolsa e acessórios) a máscara nacional atende bem às condições acima.

Descontaminações — muitas vezes o homem acha-se atingido pelos agressivos químicos, sem no entanto ter percebido e o processo de intoxicação vai se agravando, de modo que é necessário que todos tenham bem presentes os meios de identificação, os meios de neutralização e desinfecção; dai as vantagens da indicação de elementos que, no combate, sejam capazes de tomar iniciativas (pessoal de guerra química), e: — indicar em que momentos se devem praticar as medidas de proteção (uso da máscara, desinfecção, ventilação) capazes de verificar o estado dos aprovisionamentos, dos materiais suspeitos de contaminação; — de orientar tanto quanto possível os Comandos sobre o produto agressivo empregado pelo inimigo. Há como auxiliares para

constatação da presença de agressivos, aparelhos detetores, processos físico-químicos, reativos e reação químicas. Meios práticos de deteção foram usados utilizando animais (deteção fisiológica), tais como; pássaros, cães, ratos brancos, pombos, etc.

As regiões que sofreram bombardeios com agressivos químicos persistentes (ipérita, lewisita, etc.) devem ser descontaminadas para tornar possível a vida nesses locais.

O primeiro cuidado consiste na demarcação das áreas contaminadas e depois usam-se, conforme o caso, as substâncias: — terra, areia, cinzas, água, fogo, cloreto de cal, sulfato de sódio, certos dissolventes (gasolina, benzina), solução de carbonato de sódio.

As peças de vestuário, o material de equipamento e armamento que não poder ser descontaminado por meios seguros, deve ser substituído.

Há aparelhos empregados para a desinfecção e descontaminação (pulverizadores, foles, ventiladores, carros empregado na descontaminação, deve usar máscaras, vestimentas especiais, luvas, calçado, aparelhos isolantes, etc.

Trincheiras e abrigos de campanha, que não puderem ser abandonados devem sofrer a pulverização de solução de cal e aeração abundante quando possível.

Roupas suspeitas de contaminação devem ser trocadas, pois a sua conservação é contraindicada sob todos os aspectos.

Ao terminar estes estudos e informações, devemos lembrar que, a displicência, a falta de instrução especializada e mesmo, o desprezo dos preparativos contra esses meios de guerra química, poderão trazer consequências danosas, uma vez que nosso inimigo atual é extremamente ardiloso e, quem sabe, no desespero de causa poderá dizer: "Una salus victis, nulla sperare salutem", isto é, a única salvação para os vencidos é, salvação nenhuma esperar; e assim, usará de toda a sua perversidade e atingirá o ápice da devastação da Humanidade.

EMPRESTIMOS

Para liberação de hipotecas onerosas ou aquisição da casa própria. Pagamentos a longo prazo, pela Tabela Price, com juros modestos, sem comissões de qualquer natureza.

Informações sem compromisso

BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO
S. A. do Crédito Real

Rua do Ouvidor n. 90 - 1º. andar — Rio de Janeiro

A doutrina de Guerra Francesa e a campanha de 1940

Heitor A. Herrera, Capitão.

Em sua obra clássica — “Les transformations de la guerre” — COLIN documenta fartamente as suas conclusões a respeito da causa fundamental das transformações da fisionomia dos combates, das batalhas e do próprio conjunto das operações: o aperfeiçoamento das armas, a evolução dos meios materiais postos em jôgo no combate — sempre decidiram, através dos séculos, a sorte dos partidos em luta. E se outras causas concorreram para o maior ou menor sucesso dos cabos de guerra — aquelas sempre dominaram.

Vale a pena registrar, a propósito, a tese defendida pelo Cel. L. ROUSSUET (“Os mestres da guerra”), segundo a qual a constituição política e social das nações deva ser a causa principal de sua superioridade militar. Se na época em que que foi escrita a obra de COLIN — 1911 — já seu ponto de vista encontrava forte apôio nos fatos, cremos que a atual campanha mundial veio dar-lhe foros de axioma ou, pelo menos, reduzir a de seu opositor às proporções de um erro de apreciação. Os sucessos iniciais da Alemanha nazista, a vigorosa reação das Repúblicas Soviéticas, a capacidade de resistência da democracia inglesa, a extraordinária mobilização bélica da democracia norte-americana — todo êsse panorama confuso do atual conflito permite concluir que, em que pese à superioridade de uma forma de governo sobre outra, tem sido a preponderância industrial, gerando a preponderância do armamento, a responsável comum pelos sucessos dêste ou daquele partido.

Entretanto, se tal superioridade sempre desempenhou papel tão decisivo — como explicar que uma nação como a francesa, espicaçada pela vizinhança incômoda da rival sedenta de desforra, levasse sua imperdoável cegueira ao ponto de permitir que a superioridade material inimiga pudesse culminar nas vitórias espetaculares da “blitzkrieg”? Como compreender que os sucessores de NAPOLEÃO adormecessem à sombra da Maginot, numa concepção de guerra que deveria levar, fatalmente, à hecatombe que nos estarreceu a todos?

A resposta é ainda COLIN quem a dá: “E’ o patriotismo — à primeira vista parecendo exercer uma influência insignificante sobre o sucesso — que, em última análise, domina tudo. E’ êle que constitui e anima os exércitos, instrui os quadros, faz surgir os chefes. Quando êle começa a extinguir-se em uma Nação, esta não tem mais do que a aparência da força militar, mantendo, apenas, uma fachada mais ou menos brilhante, que ruirá ao primeiro choque”. Palavras proféticas que — teria COLIN sentido os sintomas da desagregação? — trinta anos mais tarde iriam explicar a fraqueza da produção, as semanas de 40 horas, o armamento antiquado e reduzido, o apêgo a processos obsoletos — numa palavra, a dolorosa hecatombe da França.

O ASPECTO INTELECTUAL

Deixando de lado o papel decisivo que a superioridade material exerceu nos sucessos iniciais dos alemães — analisemos, mais de perto, o aspecto intelectual do problema. Em outros termos, procuremos as causas desta afirmativa do Cmt. F. O. MIKSCHE em seu discutido livro “A Guerra Relâmpago”:

“Por outro lado, se os franceses possuissem a superioridade material, as suas ideias antiquadas impedi-los-iam de alcançar qualquer êxito. Tôda a gente pode ver que êles não alcançariam Berlim tão depressa como os alemães alcançaram Paris”.

Se examinarmos, mesmo com os dados insuficientes que possuímos, as principais campanhas da presente guerra, verificamos, de pronto, a aplicação integral dos princípios que, desde NAPOLEÃO, constituíram o arcabouço da doutrina francesa. Apenas, como a guerra é "a barbárie multiplicada pela ciência", novos meios e novos processos surgiram, desde a colaboração inestimável da propaganda, solapando o moral adversário — até o brusco progresso que os paraquedistas, os blindados e o avião introduziram nos princípios da surpresa e da oportunidade da ação.

Tal raciocínio permite concluir que a doutrina de guerra francesa, calcada em verdades tão verificadas, deveria orientar seus processos de ação segundo o ritmo acelerado que os novos meios impõem à conduta das operações.

Entretanto, a leitura atenta dos regulamentos e tratadistas franceses deixa perceber uma certa tibieza na aplicação dos princípios, uma prudência não raro exagerada nas prescrições regulamentares e até mesmo um certo conformismo ante a confessada inferioridade material, que transparece a cada passo, mesmo entre os mestres mais acatados.

A razão desta espécie de complexo de inferioridade talvez se encontre na própria objetividade que lhes orientava os estudos militares: "Nous ne préparons pas la guerre d'une façon abstraite; nous préparons spécialement une guerre, la guerre sur le théâtre du nord-est avec l'armée française contre le plus probable de nos adversaires éventuels: l'almée allemande." (Général ALTMAYER — "Études de Tactique Générale", pág. 32).

A rivalidade secular, a ameaça constante sobre a fronteira oriental, o perigo de toda hora, embuçado na outra margem do Reno — tudo isso, ao mesmo passo em que erigiu, penosamente, a linha Maginot, transmitiu aos textos dos regulamentos o reflexo do poderio latente do inimigo certo: "Par suite, il est probable que nos adversaires au début d'une campagne auraient sur notre armée la priorité des opérations" (Gen.

ALTMAYER, op. cit., pag. 33). Daí, aquela dose de prudência, aquela preocupação de segurança, da corrida para o obstáculo, que extravasam nos capítulos referentes à ofensiva.

Examinando, por exemplo, as missões de uma vanguarda, previstas no último regulamento francês para a infantaria, lá encontramos:

- reconhecer detalhadamente o terreno;
- interceptar qualquer comunicação entre a zona de progressão e o inimigo;
- constituir, no momento aceso, uma frente defensiva, ao abrigo da qual o chefe disporá livremente do grosso de suas forças;
- identificar as zonas gaseadas ou infectadas;
- desembaraçar e reparar sumariamente as estradas.

Falta aí — a observação ouvimo-la do então Maj. TAMOIO — a missão precípua de uma vanguarda animada de intenção verdadeiramente ofensiva: repelir o inimigo.

O mesmo espírito se encontra no “Curso de Tática Geral”, professado na “École Supérieure de Guerre” pelo Cmt. CURNIER; na análise do fator *terreno*, da decisão de um Cmt. de D. I. em marcha de aproximação, recomenda o autor que, logo após o estudo das facilidades de circulação, se devem verificar as possibilidades de proteção contra engenhos blindados, concluindo pela “recherche systématique des coupures...”; sá apôs, é recomendado o estudo das possibilidades eventuais (sic) do combate.

Em uma conferência do Gen. NOEL, dissertando sobre a “tomada de contacto”, assim se expressa o ilustre chefe: — “Contra adversário em posição, a cavalaria e as vanguardas vêm tomar contacto sucessivamente no mesmo ponto. Contra adversário em movimento, ao contrário, a cavalaria é recalçada e reflui sobre as vanguardas”. Transparece, nítida, na afirmativa, a premissa de ser a segurança afastada do inimigo *necessarymente* mais forte.

Ainda na obra já citada do Gen. ALTMAYER, encontramos, explicitamente, esta conclusão: "Plus que jamais", (a frase foi escrita em 1937) "la mission des échelons de combat, pour les détachements de sûreté et notamment pour les avant-gardes, comporte la couverture, souvent de préférence à l'attaque..." (pag. 406).

As citações poderiam alongar-se, mas cremos que é lícito concluir, ante textos tão claros, de autoridades tão reconhecidas, que as ideias dominantes encerram um fundo nitidamente defensivo. Em outras palavras: que a superioridade material do inimigo provável gerou a preocupação de aparar os golpes, ao invés de desferí-los; criou a mentalidade da procura sistemática dos obstáculos, para manter-lhes a posse, tirar partido deles, como tentou, inútil e desesperadamente, aquêle infeliz IX Exército do Gen. CORAP, em maio de 1940, na linha do Mosa, enquanto as "panzer" rolavam através das Ardenas, num fragor de avalanches. *Os reflexos da guerra de 14-18.*

Independente da influência que a reconhecida superioridade material do inimigo deve ter exercido sobre a mentalidade dos chefes, é muito provável que, como querem alguns, a forma geral da guerra de 14-18 tenha deixado, no espírito dos combatentes, reflexos falsos.

Em verdade, salvo movimentos de acanhada envergadura, a guerra se resumiu, para os franceses, em 4 anos de estabilização.

Além de ter sido apanhado de surpresa, como em 1940, pela manobra envolvente do adversário, estava o exército francês em uma fase aguda de evolução.

Na 3.^a Sec. do Estado Maior do Exército, o Cel. GRAND-MAISON abriu luta contra o que prescrevia o regulamento de 1895, sobre a conduta do combate; uma febre de ofensiva "à outrance" agitava os quadros superiores. Nesta altura, a guerra estalara e o espírito do novo regulamento — ainda pouco difundido — apenas pôde esboçar-se na malograda ofensiva de leste. Vieram, então, as penosas manobras em retirada, até o

“on ne passe pas”; depois, a simultânea corrida para o mar, na tentativa inútil do desbordamento; finalmente, o retorno ofensivo, mas já então dentro de um ambiente acanhado, consequente da longa fase de estabilização. A manobra apenas era possível no domínio da estratégia; taticamente, o problema se resumia em duros ataques frontais, partindo de posições que, havia quase 4 anos, se defrontavam.

Toda aquela engrenagem complicada — aproximação, tomada de contacto, engajamento e ataque — que faz do combate ofensivo a forma mais difícil das operações táticas, ficou resumida na custosa reunião de meios, atrás da frente constituída, e no ataque de ruptura frontal. O trabalho inicial da cavalaria, ousadamente lançada em exploração; o papel das vanguardas, na penosa marcha contra um inimigo que mal se sabe quem é e onde está; a ação do Chefe, desdobrando seus meios para ser o mais rápido e o mais forte; toda essa movimentada série de operações, onde a superioridade intelectual se afirma e as virtudes guerreiras mais duramente se aprimoram — mal teve oportunidade de esboçar-se, no cenário monótono da luta parada; subindo mais de escalão, o aspecto dinâmico é igualmente sem expressão, pois que as manobras de ala estavam irremediavelmente condenadas a priori, pela ausência de flancos.

A sistemática repetição das ações de ataque, partindo de uma linha estabilizada, deveria fatalmente crear reflexos que não se podem ajustar às outras formas de combate ofensivo. E' como se — ressalvada a vulgaridade da comparação — um saltador se exercitasse, exclusivamente, no salto sem impulsão. Faltará ao atleta, como faltou às ações, o elemento *velocidade* que, aliado à *massa*, daria origem à *quantidade de movimento*. Daí, o perigo em generalizar conclusões que, verdadeiras para um determinado caso, podem conduzir a resultados funestos, dêsde que aplicadas fora do ambiente particular que as propiciou.

Um exemplo que nos parece frisante, a respeito, está numa relação que a experiência da guerra de trincheiras sobejamen-

te ratificou: "um ataque tem sua profundidade limitada a uma distância praticamente igual à metade da frente atacada"; surgiram, daí, as célebres bôlsas em semi-círculo, tão comuns na guerra passada.

Que esta relação fosse verdadeira para os meios da época — é fora de dúvida. Também tempo houve em que a *aproximação* começava à vista do inimigo, dada a falta de meios com que hostilizá-lo de mais longe; posteriormente, a artilharia afastou o limite inicial da fase para 5 Km., logo aumentado, numa progressão ininterrupta, até que a aviação, destruindo violentamente a noção clássica da *segurança*, encurralasse as marchas de etapa dentro dos períodos de tensão política.

Com a célebre relação entre a largura da frente e a profundidade do ataque, parece que a evolução foi semelhante — o que viria, ainda uma vez, confirmar a inanidade das fórmulas em ciência tão complexa. A realidade é que, antes do advento da moto-mecanização, o apoio aos ataques era feito, exclusivamente, de uma base fixa, onde os órgãos de fogo se desdobravam; mas a progressão do escalão atacante conduzia, fatalmente, a uma fase crítica, quando as alças da artilharia atingiam seus limites e a mudança de posição se impunha, com o consequente hiato na proteção; novo sistema era necessário então montar, para que o ataque fosse retomado.

Amarrado, assim, a uma base parada, expondo flancos que se tornavam, com a progressão, cada vez mais extensos — o ataque partia com um limite fixado a priori. Mas os tempos mudaram e a velocidade voltou a imperar, como na época da epopéia napoleônica. Era necessário, pois que o fogo continuasse, com a mesma intensidade, a apoiar e proteger o escalão de ataque. E o canhão e a metralhadora passaram a rolar, então, dentro dos próprios engenhos blindados, confirmado, agora integralmente, o velho aforismo: "o ataque é o fogo que avança."

Entretanto, os reflexos ainda reagiam. Ao anoitecer de 13 de maio de 1940, a cabeça de ponte dos nazistas, no Mosa,

tem 10 Km. de profundidade e alcança Mézières. Adivinha-se a derrocada, iminente, irremediável. Mas na tarde de 14, o Conselho Supremo de Guerra Aliado, reunido em Paris ouve, de seus peritos, a informação tranquilizadora: a bolsa alemã não poderia aprofundar-se muito, pois que, com a linha Maginot de um lado e, de outro, a praça de Namur, mantida firmemente, estava o ataque estrangulado em largura, reduzido a uma frente de 50 milhas...

O resultado passou à história com o nome de Dunkerque — tranquilo pôrto a 300 quilômetros da linha Maginot — antes que o mês de maio findasse.

CONCLUSÃO

Antigos e constantes admiradores da França eterna, do fulgor de seus genios e do clarão de epopéia de seu passado; familiarizados com a elegância e clareza de seu espírito, que iluminou o mundo durante séculos; estudiosos de suas obras, que nos orientaram e esclareceram; discípulos de sua doutrina de guerra, que nos veio através da palavra de seus militares mais ilustres — todos nós assistimos, estarrecidos, à queda do ídolo. Na confusão da hecatombe, ofuscados pelo esplendor, pela potência, pelo “savoir faire” do adversário, uma onda de descrença nos invadiu: todo um sistema laboriosamente arquitetado ruia num fragor de arcabouço solapado.

Passada, porém, a estupefação das primeiras notícias e estudados, com vagar, os elementos que nortearam o emprêgo da formidável máquina nazista — foi-se acentuando a convicção de que tudo se resumiria na aplicação metódica, com meios poderosos, dos velhos princípios que o genio napoleônico edificara, há mais de um século, nos campos de batalha de toda a Europa.

Hoje, como outrora, quando os veteranos do Exército da Itália ganhavam batalhas com as pernas — a velocidade permanece soberana, mantendo-se inalterável o princípio da sur-

presa. "Il faut préférer la foudre au canon toutes les fois qu'on le peut", aconselhava o Mestre.

Igualmente imutável, o princípio da concentração dos meios e dos esforços reafirmava-se em todos os pontos: "La première de toutes les règles est d'être le plus fort", pois que "la victoire est surtout une affaire de force".

E através de todos os outros, do princípio da segurança ao da economia de fôrças, chegamos à constatação do mais flagrante de todos: "Só a ofensiva conduz à vitória".

Infelizmente, da teoria à prática há mais de um passo. E a arte e a ciência da guerra são instrumentos da política, sua própria continuação por outros meios, como afirmava CLAUSEWITZ. Deste modo, as origens da preparação bélica de um povo são, em última análise, consequência do espírito que o anima, em que pese à sabedoria de sua doutrina militar.

"Há causas gerais — escrevia MONTESQUIEU no século XVIII — que agem sobre cada monarquia, a elevam, mantêm ou precipitam. Todos os acidentes são submetidos a causas, e se a eventualidade de uma batalha, isto é, uma causa particular, arruina um Estado — é que havia uma causa geral que fez com que este Estado devesse perecer em uma única batalha".

E é depois de citá-lo, que COLIN conclui, melancolicamente: "MONTESQUIEU não revela o nome desta causa geral, mas nós a conhecemos: é o declínio do sentimento nacional."

REPRESENTAÇÃO
DE
A DEFESA NACIONAL

Ampliando a sua rôde de sucursais em vários Estados do país **A DEFESA NACIONAL** desenvolve, também, a sua circulação e habilita-se a tornar mais eficiente a propaganda em suas páginas.

Tendo, outrossim, entregue a exclusividade de sua publicidade em todo o Brasil ao

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

a revista por excelência do Exército acha-se habilitada a receber anuncios e toda a demais matéria respectiva através dos representantes desta prestigiosa organização abaixo discriminados:

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranaíacaba, 61 — 4.^o andar.

Curitiba — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573.

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44.

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgard Proença, Edificio Bern (1.^o andar), Avenida 15 de Agosto).

Anuncie nas páginas de

A DEFESA NACIONAL
que fará publicidade eficiente

50.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

871 Soldados Brasileiros na Europa

O Tenente-Coronel LIMA FIGUEIREDO, antigo colaborador de "O Estado de S. Paulo", publicou naquele grande orgão da imprensa bandeirante o seguinte artigo :

A paz esplendida que ha de surgir após essa guerra nefanda e selvagem, como um arrebol rutilante, depois de período longo de trevas, será a aleluia dos povos oprimidos, das nações pisoteadas pela bota do invasor que só utilizou as belezas da civilização do século para fazer sofrer a humanidade.

O Brasil que já vinha contribuindo de mil fórmas, ora fornecendo matérias primas indispensáveis à industria bélica, ora permitindo que no seu território os aliados encontrassem bases seguras para bem desenvolverem seus planos estratégicos, resolveu enviar a fina flor do seu exército, a nossa mocidade, para lutar com desassombro e denodo contra o inimigo comum, provando que seu ideal humano não fica conserito às nossas lindes fronteiriças.

Os soldados que enviamos para a Italia honrarão, certamente, as tradições da nossa Pátria. Têm como comandante o General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes, homem concentrado, pouco comunicativo, inteligente, de vontade firme e devotado, exclusivamente, às lides da caserna, aos problemas da profissão, desde os postos mais baixos. Foi excelente tenente, magnífico capitão, seguro comandante, e tudo indica, pelo seu passado, que será um chefe, um condutor de homens, à altura da elevada e espinhosa missão que lhe foi confiada.

Seus oficiais, instruídos à luz da doutrina que herdamos da Missão Militar Francesa, foram, quase todos, aperfeiçoados

no proveitoso estágio que realizaram nos Estados Unidos da América.

As praças, representando uma parcela do povo brasileiro, têm todos os característicos dêsse mesmo povo: alegre e folgazão fora do perigo, mas bravo, enérgico e impetuoso, quando sente a honra da pátria ofendida. Serão capazes de pelejar por longo tempo, desprezando qualquer conforto e desafiando mesmo a própria fome, se as circunstâncias da luta assim o exigirem. As páginas já escritas da nossa história são a prova de que o nosso soldado jamais faltou ao Brasil, fossem quais fossem as vicissitudes por que tivessem de passar, nos momentos históricos de provação da nossa nacionalidade.

Os dotes morais do nosso povo foram, através de sólida instrução cívica, impregnados na nossa tropa que sabe, perfeitamente, a sua incumbência de vingar os nossos patrícios miseravelmente naufragados em águas brasileiras e de contribuir, com galhardia e valor, para a mais rápida vitória dos que se batem pela causa da liberdade. E' dupla a missão, uma é exclusivamente nossa, mas se acha contida na outra mais grandiosa que diz respeito à felicidade geral dos habitantes do planeta. Obtida a vitória, a preço do nosso sangue, teremos cumprido o nosso dever para com as vítimas dos submarinos nazi-fascistas.

O preparo físico e profissional da soldadesca foi apuradíssimo. Fisicamente foi preparada segundo os novos métodos americanos, nos quais o combatente moderno aprende a marchar, saltar, transpor aramados, nuvens de fumaça, campos minados etc., acostumando-se aos ruidos e estampidos dos campos de batalha. Quanto à parte do emprêgo do armamento, foi adestrada, cuidadosamente, com material moderníssimo. Assim sendo, a nossa tropa está preparada moral, física e profissionalmente, como qualquer outra dos exércitos das grandes potências aliadas.

Podemos confiar nos nossos soldados, êles estão em condições de honrar o Brasil, fazendo os nossos inimigos pagar

caro a humilhação a que submeteram a nossa Bandeira. Tudo nos diz que farta será a obtenção de louros, porquanto os chefes são hábeis, a oficialidade culta, as praças fortes e ousadas e o material de primeiríssima ordem.

Em breve teremos a confirmação de tudo que foi dito, com a entrada dos brasileiros no "front" italiano.

E' esta a segunda vez que saem tropas regulares do Brasil para combaterem fora do continente. A primeira foi levada a efeito a 12 de maio de 1648. Os holandeses, como haviam feito no Brasil, estabeleceram-se em Angola e de lá não queriam sair. D. João VI ordena uma expedição contra os bátavos, a ser organizada no Rio de Janeiro, sob o comando do impávido Salvador Correia de Sá que, com onze naus, navega para a África e a 12 de agosto põe o invasor em cheque. Loanda é ocupada e toda a colônia fica livre dos invasores.

Já naquele tempo foi sentida a necessidade de lançar-se mão de tropas da beira ocidental do Atlântico para ir em socorro do seu litoral oriental, se bem que a viagem de transposição do Atlântico durasse três meses. Agora, que o espaço marítimo entre Natal e Dacar, com mil e seiscentas milhas náuticas, fez o oceano metamorfosear-se em estreito, mercê da velocidade das possantes aeronaves que o cruzam em sete horas, mais do que nunca houve a premência de garantir-se as duas costas do Atlântico Sul e, enquanto Dacar não se tornou aliada, grandes foram as apreensões do povo do continente de Colombo.

Os soldados do Brasil agora, como os de outróra, cruzaram o mar imenso, guiados por Deus e, como venceram no século XVII, rapidamente, saberão, ombro a ombro, com seus irmãos na causa santa, derrotar os novos hunos que fizeram parar o progresso da civilização, tisnando a face do homem dêste século.

Comece

a sua noite
à meia noite, no

“MEIA NOITE”

o
sensacional
“night-club”
do

Cassino

Copacabana

S. Francisco - Arauto do Grande Rei

(4 de Out.)



PATRONO DA ENGENHARIA

Gen. Silveira de Melo

Situação da Itália e da cristandade. — S. Francisco veio ao mundo, em Assis, quando descambava o século XII. A Itália dêsses tempos vivia dilacerada pelos dinastas alemães, de sangue bárbaro, os quais, sem ter conta da cultura que hauriam nas suas universidades, depre davam e saqueavam por vezes as suas cidades, ciosas da própria autonomia e dos brios de seus maiores. Levas de estudantes livres e de clérigos transalpinos, andejos e desenfreados, a pretexto de estudarem a arte e a ciência, traziam consigo para a Itália a boemia e o ridículo. Era o alienígena que transpunha os Alpes e se mesclava à escória de jograis e de religiosos, desregrados, que faziam o descrédito da fé na própria terra credenciada pelo sangue de Pedro como séde da cristandade. O partidarismo girava menos em torno de idéias que de mag natas ou facções, e atingia este contrassenso: os próprios católicos, submissos quanto à fé, dissentiam politicamente do Papa. Dava teste munho disso à intransigência em que se degladiavam os “guelfos” e “gibelinos”, não sendo de estranhar que, em seu tempo, o próprio Dante — homem de fé — se houvesse alistado entre os segundos, adversários políticos da Santa Sé. Essa agitação nos espíritos e essa desordem nas idéias abriam campo ao desenfreio das paixões, e traziam no bojo a prepotência de reis como Felipe Augusto e João Sem Terra, a incontida beligerância entre senhores feudais e as comunas, mesmo das províncias do Papa, a heresia albigense ao sul da França primogênita da Igreja, o domínio e opressão de príncipes alemães em muitas regiões da Itália, e, em toda parte, estragos gerados pela miséria e pela guerra. “A ferocidade e a depravação, a anarquia e a pobreza encontravam-se com todas as classes” (De Maistre). Ademais, as armas maometanas haviam dominado a Terra Santa, fechavam à Europa o intercâmbio do Oriente e da África e o alfanche vitorioso, que já se insinuara na Ibéria e na Sicília, pendia ameaçadoramente sobre a

Europa Cristã. Esse cortejo de males pairava nos espíritos, pressagiando o advento do anticristo.

O alvorecer do século XIII encontrou no sólio pontifício um grande Papa — Inocêncio III. Conturbado pelo descalabro social e político dessa idade turbulenta e pela desordem subjacente que lavrava mesmo em terras da Sé Apostólica, esse esclarecido Pontífice, fazendo apelo a uma nova descida do Espírito Santo em favor da cristandade, compôs o hino fulgurante que a Igreja entoava na festa e no oitavário de Pentecostes:

Veni, Sancte Spiritus — vem, ó Santo Espírito.

Veni, lumen córdium — vem, luz dos corações.

Sana quod est sancium — cura o que está ferido.

Rege quod est devium — regula o que está desviado.

E sua prece foi ouvida. Sentiu-se renovar a face da terra. Os sinais maravilhosos do século XIII começaram a luzir. Celebrava-se por esse tempo o IV concílio lateranense. Durante a realização do notável certame, o grande Papa viu em sonho este quadro paradoxal: a gigantesca Basílica do Latrão parecia desmoronar e um pobre religioso, esquálido, a soerguia com os braços. Esse homenzinho era o Irmão Francisco, que se tornaria o patriarca da recristinização do mundo. A seguir, viriam santos e reis, poetas, guerreiros, políticos, para engrossar a série de acontecimentos que tanto lustro deram a esse século de ouro.

Nascimento do Santo. — Nasceu Francisco em 1182 em Assis, filho de um rico mercador italiano, arguto e ambicioso, e de uma nobre francesa amável e piedosa. O jovem conservou os traços daquele, para guindar o espírito às coisas elevadas, e os desta, para os requintes da delicadeza e da generosidade. Como Deus o destinava para viva imagem de seu Filho, fê-lo representar ao nascer a cena do presépio. Sua mãe, acossada pelas dores do parto, não conseguindo dar-lhe à luz entre as comodidades da casa, transferiu-se, a conselho de um forasteiro, para a estrebaria do solar, e, em alí chegando, nasceu-lhe facilmente o ditoso filho, à semelhança do natal de Jesus.

Educação e mocidade. — Francisco era de índole cavaleiresca, enamorado da natureza e do belo, elegante e gentil, generoso até ao sacrifício, voluntarioso e jovial, dado aos divertimentos, porém jamais incoveniente e grotesco.

A idade-média foi o clima das ordens militares, da nobre cavalaria, dos incentivos à glória, do pendor pela carreira das armas. Até os mercadores se faziam aventurosos, porque haviam de arrostar mares e terras de sarracenos, para arrancar ao Oriente as pérolas e especiarias que constituiam o regalo dos europeus. Francisco cresceu num ambiente de idealismo e de fé, de desordens e de lutas, de exaltação

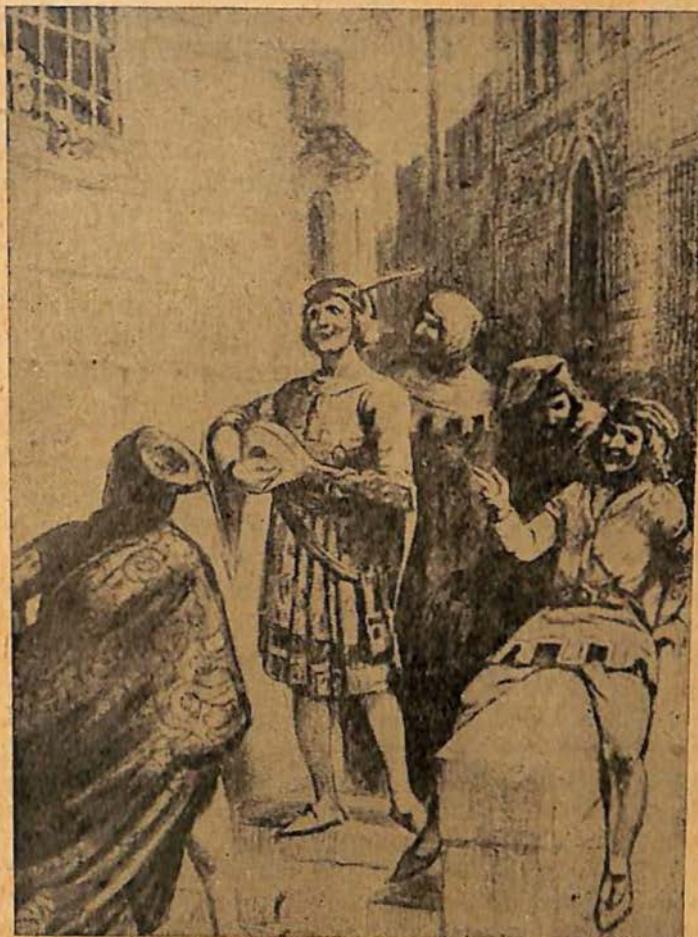


Fig. 1 — O jovem Francisco, com seu bando, em alegres serenatas

do espírito e de anseios de renovação. Não é de admirar pois que, ainda jovem, parecesse indeciso, tal como a pomba liberta alçando o vôo, nesse meio de afirmações e de contrastes. Trazia, porém, em germe, o destino que havia de tomar na vida e a influência que exerceeria no mundo. Em serenatas bizarras e ceias divertidas reunia em Assis o bando alegre de rapazes de seu tempo, a que sua fidalguia, sua voz de tenor, sua jovialidade, seu gênio poético, sua elegância e distinção imprimiam o ascendente natural de chefe.

A Encruzilhada das vocações. — O amor da glória, os lances heróicos, as narrações de aventuras, as reivindicações de justiça, a leal-

dade cavaleiresca, a defesa da fé, o brilho da carreira das armas — que agitam a mocidade de todos os tempos, inflamaram no espírito de Francisco a centelha da vocação militar.

Como Deus prefere seus cooperadores? Ele não faz questão de condições. O que Deus quer é que o sirvam com amor. Em todos os estados e situações Ele suscita dedicações. Eis porque Deus quer amigos também como soldados. Quando quis reformar a sociedade, Deus falou a linguagem da guerra: — Francisco defende a minha Igreja. E o jovem mercador se fez soldado. Bem assim, quando mais tarde foi preciso reerguer os espíritos e defender a Igreja contra a Reforma, Deus não foi escolher um prelado ou um monge, mas um soldado — S. Inácio. No fundo, o que Deus quer não é propriamente homens de espadas, mas almas de soldados, homens de firmeza. Foi assim que Jesus procedeu com Saulo no caminho de Damasco. Não era o soldado, mas o homem intrépido e combativo que Ele queria, porque dissera antes: — “Eu não vim trazer descanso à terra, mas a espada”, isto é, a luta pelo bem. E é porque Deus escolhe seus cooperadores com o feitio de soldados. Ele mesmo se chama o “Deus dos Exércitos”, isto é, dos soldados.

Por ser generoso e sincero, em qualquer rumo que enveredasse Francisco encontraria uma boa vocação: o comércio, a ciência, as artes, a vida religiosa. Tudo quanto se faz bem, bem é, mas só é perfeito o que se faz por amor (S. Ag). O comércio seria inclinação hereditária, a milícia — um incentivo de glórias, a vida religiosa... talvez não entrasse ainda em suas congetturas. O que é certo, porém, é que seu espírito, desprendido das coisas, librava-se na esferas elevadas em busca de um ideal. Um dia, muito ocupado na loja, à hora de grande fôrma, repeliu um mendigo importuno. A recusa de uma esmola é indigna de um gentilhomem e de um cristão. Refletiu a seguir e foi ao encalce do pobre recheando-lhe de moedas uma e outra mão. De outra feita, apressou o passo, enojado à vista de um leproso à beira do caminho. Ato contínuo, retrocedeu, abraçou e acariciou o infeliz. Estas ações heróicas, aparentemente banais, mas de infinita ternura, carecem de sólida virtude ou de espontâneo sentimento de bom samaritano. A natureza é avessa ou tarda a esses átos de extrema delicadeza. Quando o subconsciente está embotado para as ações de desprendimento, há que excitar o consciente com um raciocínio pronto, que muita vez falha. Ao contrário, porém, as ações heróicas, os lances de glória, efêmeros embora, arrestam os espíritos pelo seu próprio brilho. Assim as expedições militares e o luzir da farda.

Entusiasmo que não esmorece. — Foi o que aconteceu com Francisco. Aos 17 anos, rebelou-se com os de sua cidade contra os dominadores germânicos. O povo de Assis arremeteu contra os quarteis da guarnição alemã e os desmantelou. Urgia, porém, cobrir-se contra

as reações do adversário, que não demoraria no revide. As autoridades civis deram-se pressa em cercar a cidade de muralhas e fortins. Todos os habitantes foram convocados para esse trabalho precipitado. Francisco deixou tudo, apredeu a lascar a pedra, a lidar com a argamassa, a manejar a trolha e a ferramenta de sapa. Trabalhava e cantava. Mostrava-se tão ardoroso no rude trabalho das fortificações como em tudo que fazia, e até mesmo nos folguedos, porque punha alma em todos os empreendimentos. Os dissidentes de Assis porém, uniram-se ao partido oposto, açulados pelos tedescos. Reacendeu-se a rivalidade entre Assis e a cidade vizinha de Perúgia, visto que, esta decidira-se pelos Gbelinos contra o Papa. Os assisenses pegaram em armas. Tratava-se de defender duas nobres causas: a sua cidade e a Sé Aposólica. Marchou animoso e cantando. A guerra, porém, não se faz só de entusiasmo, mas de aprestos e de perícia consumada. A gente de Assis foi destroçada; os que não se salvaram pela fuga caíram prisioneiros.

“A disciplina militar prestante”

“Não se aprende, Senhor, na fantasia...”

“Senão vendo, tratando e pelejando.” (Lusiadas, X, 153 a)

Os prisioneiros, e entre êles Francisco, sofreram grande provações e máos tratos durante um ano de prisão. Somente Francisco conservou a serenidade de espírito e o bom humor habitual, alegrando os tristes e reanimando os desacoroados. O seu semblante jovial e cortez ganhou até os enfezados, que se faziam aborrecidos de todos. Restituido à liberdade, apanhou grave enfermidade em Assis. Durante a doença pensou seriamente no vazio da vida dóidejante que levára e nos grandes destinos do homem, criado à semelhança de Deus. A doença é boa conselheira, quebrando a vaidade e as paixões e dispõe o espírito para refletir nas verdades eternas.

Por esse tempo correu em Assis a notícia de que zarpara de Veneza uma frota levando cavaleiros e homens de armas com destino ao Oriente. Lastimou Francisco de não estar entre esses felizes argonáutás. A seguir, porém, seus anseios de glória encontraram uma resposta favorável: apareceu em Assis um gentilhomem, recrutando voluntários para o Duque de Briena que defendia, em Apúglia, os direitos da Igreja contra Marconvaldo, príncipe alemão, o qual queria arrebatar ao Papa a tutela de Frederico. Francisco inflamou-se de zelos e de entusiasmo. Preparou um rico fardamento, que faria inveja a um príncipe. Estava afôito para partir. Nisto se lhe apresenta um nobre de Assis, empobrecido pelos revéses das últimas refregas e em trajes mesquinhos. Lamentava não poder partilhar da expedição, por faltarem-lhe meios de adquirir equipamento e armas. Francisco, embora atiçado pelo renome e pela glória, contristou-se da penúria do cava-

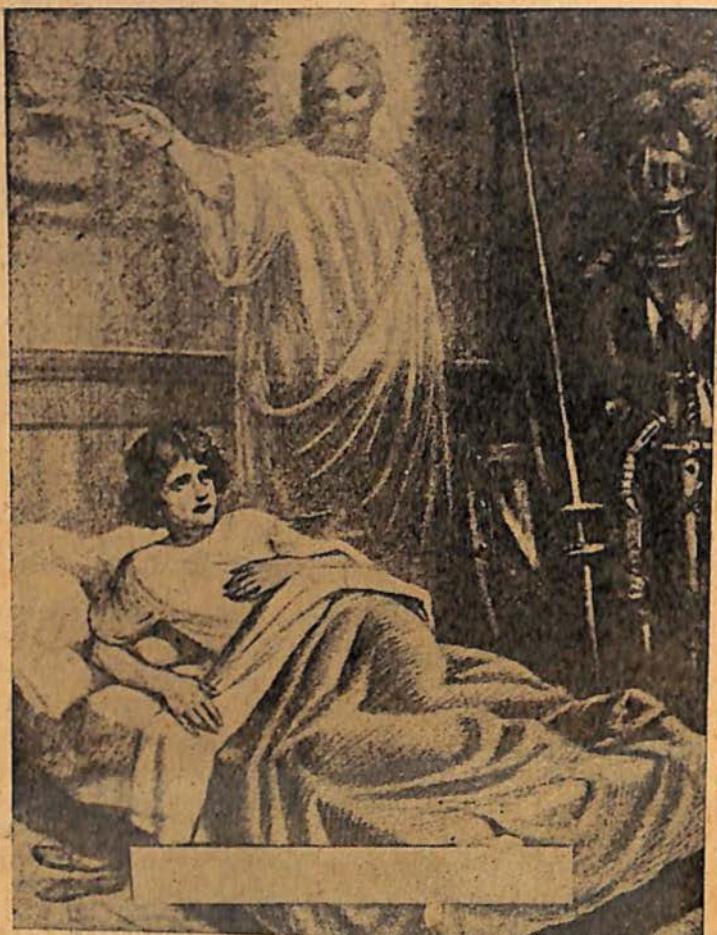


Fig. 2 — Entre sonhos da glória: — A espada ou a cruz ?

leiro e cedeu-lhe a rica indumentária. Sua liberalidade era maior do que sua ambição.

Deus, porém, que a ninguem cede em generosidade, suscitou a Francisco um sonho deslumbrante: um castelo magnífico... Abate-se a ponte levadiça. Francisco entra na sala de armas. Arneses, panóplias, escudos, catapultas... Em todas as armas brilha, como sinete, uma rutilante cruz.

— De quem são estas armas? perguntou.

— São para ti e para os teus soldados, respondeu uma voz do alto.

Pela carreira das armas. — “E para os teus soldados...” Compreende logo: seria, não somente militar, mas Comandante. Este sonho tinha dois caminhos: O das armas propriamente dito e o da cruz, que nelas figurava. Qualquer jovem, como Francisco, decidir-se-ia logo pelo convite das armas. Confirmada sua vocação militar, realizaria, tal qual a mocidade de seu tempo, os desejos de glória. A idade-média foi uma etapa de contradições entre os altos ideais e as paixões vulgares. Aos motivos transbordantes de santidade e de fé, correspondiam grandes desordens nos costumes. Sacrificavam-se à religião e à Pátria os bens da terra e violava-se de contínuo o sentimento humano e cristão em lutas e crueldades fratricidas. Nutriam-se represálias seculares e por elas se degladiavam, famílias, corporações e cidades. Quem mais dispunha de ouro, mais milicianos punha em campo. A Itália em particular foi teatro dessas lutas cruentas, que ora irrompiam de dentro, ora procediam de fora. As cidades eram guarnecidas de muralhas e de redutos, afim de que ficassem ao abrigo de assaltos repentinos das próprias cidades vizinhas. A gente vivia em contínuos sobressaltos.

Francisco compreendeu que chegara a vez de acabar com esses distúrbios e de libertar a Pátria da intromissão estrangeira. Urgia pacificá-la e uní-la, para poder mobilizá-la. E decidiu-se pela carreira das armas. Aparelhou o equipamento. Enfarpelou-se como um cavaleiro, apresilhou a espada e partiu para a expedição de Apúlia contra Marconvaldo. A segurança da nação, porém, exige muitos requisitos, e não basta, a cada patriota, de prender o sabre ao cinto e pôr-se em forma, para tê-la resguardada.

“Tal há de ser quem quer co’o dom de Marte
 “Imitar os ilustres e igualá-los:...
 “Com militar engenho e util arte
 “Entender os imigos e enganá-los”. (Luziadas, VIII, 89).

Vocação malograda. — No fim da primeira jornada, em Spoleto, nova surpresa o esperava. Reapareceram os sintomas da doença. Na modorra da febre, entre visões de guerra e estrépitos de armas, ouviu de novo aquela mesma voz que o perseguia: — Porque deixas o chefe pelo vassalo? O cavaleiro estremeceu: — Como hei de proceder Senhor? — Volta para Assis. Aqui viste o sonho com os olhos, lá o entenderás com a mente. E os pensamentos de Deus lhe iluminavam o cérebro, à medida que suas veleidades se extinguiam, como vagalumes fugidos. Estava encerrado o ciclo das vacilações.

Voltou para casa, mas não se pôde acomodar mais aos negócios. Seu coração estava torturado, buscava na oração o segredo que a voz desconhecida lhe prometera desvendar. Em lugar de serenatas, dava-se agora aos colóquios com Deus. Certa vez, corria alegremente pelas

matas cantando as belezas da natureza. Nisto, dá de frente com um grupo de ladrões.

— Quem és? perguntaram.

— Sou o ordenança, o arauto do Grande Rei.

Os meliantes, vendo-o maltrapilho e sem bolsa, atiraram com ele numa poça de neve. Nem se amedrontou nem ofereceu resistência. Continuou cantando mais vivamente, como se encontrasse novo mote para glosa.

Contramarcha para a direita e mãos às obras. — Francisco passava horas a fio deante do grande Crucifixo da igrejinha de S. Damião, fora dos muros de Assis. Era um velho templo onde faziam morada bandos de andorinhas. Certa vez implorava: — Como vos hei de agradar, Senhor? E eis que lhe fala o crucifixo: — Não vés que minha casa ameaça ruina?

Era a mesma voz que ouvira em sonho. Estava entendido o mistério. O Senhor queria a restauração da velha igreja.

Francisco engajou-se a fundo nessa empreza. Esmolava, transportava materiais, trabalhava em tudo. Empenhou também o dinheiro da loja, pelo que foi levado a juízo. Renunciou então a herança e até a reupa que trazia restituuiu ao pai.

A igrejinha restaurou-se, e, como o crucifixo não dissera mais palavra, Francisco interpretou o silêncio como sinal de que sua missão não estava acabada. Havia em Assis mais 2 velhas igrejinhas carcomidas pelo tempo, a de S. Pedro e a de N. S. dos Anjos. Cumpriria refazê-las? Meteu mãos à obra. Dois anos, de 1207 a 1209, levou a esmolar, a contratar obreiros. Trabalhava cantando, de sol a sol, e orava pela noite a fio.

Para a frente. A reforma das almas. — Restauradas as velhas igrejas, começou a sentir que Deus não se poderia contentar com obras mortas, mas queria templos vivos. De que serviriam casas confortáveis, mas vazias? Onde estavam as almas para povoá-las?

No domingo seguinte o evangelho da missa, que o sacerdote explicou, deu-lhe um novo sentido de vida que haveria de viver: renunciar tudo para associar-se a Cristo na salvação das almas. Dito e feito. Despojou-se até dos sapatos e vestiu uma longa túnica, ajustada aos rins por um cordão.

A nova grei. — Não tinha mandato para pregar, mas começou a fazê-lo, tal era o seu ardor de caridade. Suas alocuções em público eram um apelo veemente ao amor de Deus e à união fraterna. "Salvação e paz", repetia ele pelas ruas de Assis. Suas exortações e seus exemplos produziam efeitos maravilhosos, porque traziam a unção do Espírito Santo. Dois homens importantes de Assis apresentaram-se para segui-lo, um jurisconsulto (Pedro de Catani) e um abastado e



Fig. 3 — Dialogando com o crucifixo de S. Damião

culto gentilhomem (Bernardo de Quintavale). — Iremos à Igreja e saberemos o que Deus quer de nós. Na manhã seguinte invocaram com grande fervor as luzes de Deus, e, aberto ao acaso, por três vezes, o Novo Testamento, eis se depararam textos idênticos de três evangelistas: — se queres ser meu discípulo, renuncia tudo e segue-me.

— Eis a nossa regra e a de todos os que se nos quizerem associar-se, exclamou Francisco. E pela primeira vez expressa a idéia de uma congregação. Bem logo outros e outros se apresentam. A nova grei se agita e começa a pregar pelas redondezas concitando as gentes à penitência. O Bispo de Assis advertia-lhe que a pobreza

total, que levava com os companheiros, era dura demais para a condição humana.

— Se possuíssemos bens temporais, careceríamos de tempo para cuidá-los e de armas para defendê-los. Da posse das coisas provêm litígios que degradam a fé e que endurecem o coração do homem.

Os postulantes aumentavam. Era necessário pleitear a aprovação do Papa. Dirigiram-se a Roma em 1.210. Governava a Igreja o grande pontífice Inocêncio III. Causou estranheza ao Pontífice a regra de pobreza e o teor de vida que se impunham.

— Não duvido de vosso fervor, mas tenho em conta a perseverança dos que vos seguirem.

E mandou que porfiassem em orações, para que fosse manifesto se, o que pediam, era conforme à vontade de Deus.

Escolando a igreja-mãe. — Entrementes o Pontífice viu em sonho a estranha visão daquele homenzinho de Assis, mirrado e pobre, a soerguer, como pigmeu de bronze, a Basílica-mãe. Não teve mais dúvidas. Embora, no sentir humano fosse rematada imprudência aprovar uma regra de total desprendimento, não devia desconhecer que ela fôra a norma seguida e preconizada pelo Cristo. Inocêncio III abençoou a nova família religiosa. Os 12 primeiros irmãos fizeram aos pés do Pontífice a profissão solene. Assim, reconhecidos pela Igreja, receberam as credenciais do apostolado e começaram a multiplicar-se e espalhar os benefícios da pregação e da paz.

Francisco era homem católico e apostólico por excelência. Católico no sentir e no agir com a Igreja, e, apostólico, no destino missionário de sua grei. Mesmo inspirado por Deus, nada empreendia que não tivesse o beneplacito da autoridade eclesiástica. Por isso mesmo não arquitetava planos. A inspiração divina e a fidelidade aos movimentos da graça orientavam o seu coração nos rumos que Deus lhe traçava dia a dia. Seu primeiro sonho advertiu-o devia tornar-se chefe de cavaleiros para reaver a Terra Santa. Depois, a voz falou-lhe em restaurar a casa de Deus, e êle empenhou-se em recompôr os templos arruinados. A seguir, percebeu que essas casas de oração continuavam mudas e era mister povoá-las de fiéis, que contassem os louvores de Deus, visto que as paredes frias não podiam fazê-lo. Ele então decidiu-se a pregar. Vieram-lhe chufas e vãs do populacho, mas responderam ao chamado os primeiros discípulos, homens de letras e de haveres. Foi daí que pensou em organizar o apostolado. Homem fiel a Deus e manso, à maneira de Moisés e de Davi, havia de ser também um grande condutor de homens, porque procurava na oração frequente o divino bemquerer. Este, lhe sendo indicado no correr dos incidentes, êle o abraçava, como sendo mandato do grande Rei, e o punha em prática, depois de obter o sinete de reconhecimento

do Vigário de Roma. Assim surgiu a Ordem dos Frades Menores — chamada a Primeira Ordem — destinada ao apostolado. Em 1.212 foi procurado por uma jovem de família nobre de Assis. Ouvira as suas prédicas. Ficara deslumbrada. Queria também dar-se a Deus. Era moça, bela e rica. Havia candidatos à sua mão. Francisco mostrou-lhe o eterno dilema da vida. Dois caminhos. Um, estreito e eriçado de espinhos, poucos enveredavam por ele. Outro era espaçoso e franco, acomodava-se a todos os gostos. Qual escolheria? Ela preferiu o primeiro. Foi a pioneira das Damas Pobres — a Segunda Ordem. A 1.^a Ordem, dos Frades Menores, constitue o Estado Maior da milícia seráfica. Destina-se a estruturar o cérebro e o arcabouço da grande obra. Integra no seu quadro diretores e artífices, chefes, missionários e desbravadores, condutores de almas, mestres e guias do povo. A 2.^a Ordem, das Pobres Mulheres, que manejam as forças invisíveis da oração, vota-se à vida do claustro, apartada do convívio social. Paradoxo para o mundo: "parasitas", "derrotistas", fogem e se segregam, sonegando concurso à família e à sociedade. Incompreensão do mundo. Almas de elite, decididas, heróicas, generosas, deixam os encantos do lar e do século por uma vida de renúncia, de trabalho, de oração e de penitência. Que visam com isso? Imolar-se, como Cristo, para a salvação das almas e pelo bem da sociedade. Há milhões e milhões de almas que vivem como se não houvesse um Deus que é Pai; que não lhe reconhecem a existência e os benefícios. Outros que vivem extraviados nos caminhos da ignorância ou da iniquidade. Por êsses, elas se imolam. Pedem pelos que não oram, agradecem pelos ingratos, vigiam pelos displicentes, sofrem pelos oprimidos, humilham-se pelos soberbos e pelos violentos, maceram-se pelos dissolutos, jejuam pelos gosadores e insatisfeitos. Realizam, enfim, esse esforço psíquico da prece, esforço imponderável, mas fecundo, que sobe suavemente para Deus, como o perfume do incenso e como os vapores da tarde; e que desce invisível sobre a terra, como o orvalho das noites serenas. A vida de renúncia e de oração, no fundo dos claustros, é de tal modo eficiente e necessária à paz do mundo e ao bem público, como soem ser as retaguardas ativas, concentradas no esforço de guerra, para a vitória dos exércitos nas frentes de batalhas.

A conquista do mundo. — Uma nova formação — a Ordem 3.^a — viria depois. Era uma inovação. Ninguem a teria pressuposto. Estava sómente no pensamento do Eterno. Francisco a realizará a seu tempo, quando Deus lha houver manifestado, depois de haver consolidado os quadros da Primeira e da Segunda Ordens.

Estavam lançados os fundamentos e os destinos da obra franciscana. Cumpria agora fossem disseminados os seus rebentos e os seus frutos. Não bastariam os países cristãos? Francisco lançou uma mi-

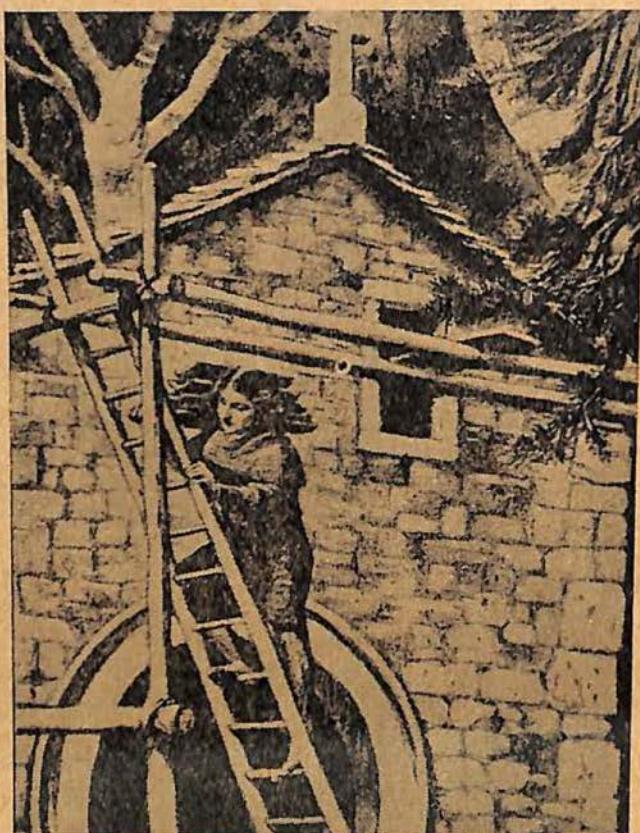


Fig. 4 — "Francisco, repara a minha igreja"! — Ordem dada e executada.

rada para o Oriente. Ali nascera o Cristo, mas o Evangelho fôra de lá banido. E não se pôde conter. Jerusalém era prêsa do Islamismo. Não podendo investir de frente, decidiu abordá-la pelo flanco, cominho de Damasco. Ele precisaria dar o exemplo. Comegaria pela Síria, de onde partiu Abraão para a Palestina. Ali está o Líbano, montanha sagrada...

Mas o navio em que embarcara foi jogado por uma tormenta nos baixios da Eslovênia. Teve que regressar. Não esmoreceu nem alterou os fins da missão. Falhara-lhe o 1.º objetivo. Modificou apenas a idéia de manobra: em vez de atacar pelo flanco norte, atacaria pelo meridional. Não seria mais Jerusalém pelo caminho de Damasco, mas Jerusalém pelo caminho do Egito. Fez meia volta para a Itália, atra-

vessou o sul da França e entrou na Espanha com o fito de abordar Ceuta. Iniciaria a conquista da África, a começar em Marrocos, para chegar ao Cairo. Daí, em 40 jornadas, atingiria a Palestina, como fizera o exército de Moisés. Sonho de louco? Sim, ainda era cedo. Depois da viagem a pé, fatigante, mas cheia dos frutos que deixou em Compostela, Barcelona e alhures, adoeceu gravemente. Houve de retornar a Assis, sem ter podido chegar às colunas de Hércules.

Mais uma vez Deus lhe fechava o caminho do Oriente. Tentaria ainda uma vez, desta para se implantar definitivamente em Jerusalém.

Em 1215 celebra-se o IV Concílio do Latrão. Conhecem-se ali, sob as vistas do grande Pontífice Inocêncio III, as duas almas iluminadas daquele século: Francisco e Domingos. Seus Institutos são abençoados pelo Papa e êles partem para levar a todos os quadrantes a palavra de Deus.

Em 1216, surge nova maravilha franciscana — a indulgência da Porciúncula, coisa desconhecida nos anais da Igreja: Uma pequena Igrejinha de Assis recebia o privilégio das grandes Basílicas de Roma. Agora sim, Francisco está preparado para a conquista do mundo, conquista sem troféus, nem humilhações. Em 1219 reúne-se o Capítulo Geral, chamado Capítulo das Esteiras. Cinco mil religiosos, por não terem cômodos na pequena cidade de Assis, acampam ao relento, construindo palhoças para se abrigarem. Magnífico exemplo de verdadeiros soldados. Realizando esse certame memorável, Francisco insistiu no caminho do Oriente. Já havia mandado em 1219 uma "esquadra de volteadores" a Marrocos, flanco esquerdo do inimigo; agora escolhera para si o centro do dispositivo. O grande amante da cruz ansiava em reerguer a cruz, nas mesmas terras em que Cristo preagara o Evangelho, e onde ela fôra levantada para crucificá-lo.

A 5.ª Cruzada. — Mobilizava-se a 5.ª Cruzada, para acudir ao apelo do Papa. Era uma ignomínia para a cristandade que Jerusalém estivesse em mãos do infiel. Os soberanos da Hungria, da Baviera e de Áustria estavam à frente dessa operação militar e política. O plano de operações consistia em levar primeiro a guerra ao Egito-Damieta, cidade-forte, gosava de situação chave, cobrindo o acesso ao mar Vermelho. Assegurava também ligação estratégica da África com a Ásia, berço e sede do Islamismo. Francisco dirigiu-se ao Egito e enviou de caminho elementos para descerem na Síria. Já se havia espalhado a semente dos cinco primeiros mártires franciscanos de Marrocos, em 1220. O sangue desses heróis seria a semementeira de novas conquistas. Enviara agora novos elementos à Síria e êle ia lançar a rede evangélica ao centro.

As operações militares entram em curso. — Os chefes resolveram

fazer o esforço principal pelo Egito, onde estava a sede do grande comando muçulmano. Sua situação estratégica era de importância capital para as operações no Mediterrâneo oriental e para contrarrestar a influência política e militar do inimigo no Norte da África. Era necessário desarticular esse poderoso elo de ligação entre os 2 continentes, no sentido de conter a invasão da Europa com trampolins em Tripoli e em Ceuta, tal qual fizera Aníbal.

Os chefes da 5.^a Cruzada acometeram assim pelo centro do extenso dispositivo inimigo, como para quebrar-lhe o espinhaço. Destruído o poder militar e político no Egito, conquistada a Palestina e o Líbano, os invasores do Norte Africano seriam varridos para o Saara e seus remanescentes, do Nilo e das Terras de Israel, refugiar-se-iam pela Arábia em fora. A concepção era magnífica. A execução foi desastrosa.

Os exércitos desembarcaram no Egito, alargaram sua cabeça de ponte e investiram contra a cidade fortificada de Damieta, que cobria o vale do Nilo. Os mouros foram batidos nos primeiros encontros e tiveram de abrigar-se por traz das muralhas de sua cidade-chave, que, a seguir, foi sitiada pelos Cruzados. Nesses tempos de inexistência da pólvora, as armas de arremesso eram como que brinquedos de nossas crianças de hoje. Não passavam de catapultas que lançavam seixos e fachos de fogo a pequena distância contra inimigos fortificados. Estes ficavam ao abrigo dos fossos ou a cavaleiro, em altas terras, de onde lançavam setas e pedras contra os assaltantes.

Se a praça dispusesse de água, viveres e munições, o ardor combativo não esmorecia. O cerco havia de prolongar-se por largo tempo e, às vezes, se tornava inoperante. A guerra era um duelo de exército contra exército, como luta de touros. Quando o podério militar da nação estava nas fortalezas, essas é que entravam em xeque, visto que, uma vez tomadas, caía a armadura militar da nação.

Eis porque os Cruzados, como outros exércitos desse tempo, ao invés de deixar para traz as praças sitiadas e prosseguir na conquista do país atacado, de modo a ocupá-lo, dominando as forças vivas da nação, deixavam-se ficar deante dos muros daquelas praças como se elas fossem o fim da guerra e, não simplesmente, objetivos. Sua importância era de grande valimento na trama de operações, mas constituía um impasse e um desgaste para os atacantes quando elas porfiavam na resistência.

Exército sem coesão, Exército vencido. — O que foi o cerco de Damieta? — Inépcia militar, fruto de desinteligências, que romperam a unidade de comando e culminaram em malôgro nas operações do conjunto.

Quando Francisco chegou à Damieta, a cidade islamita estava

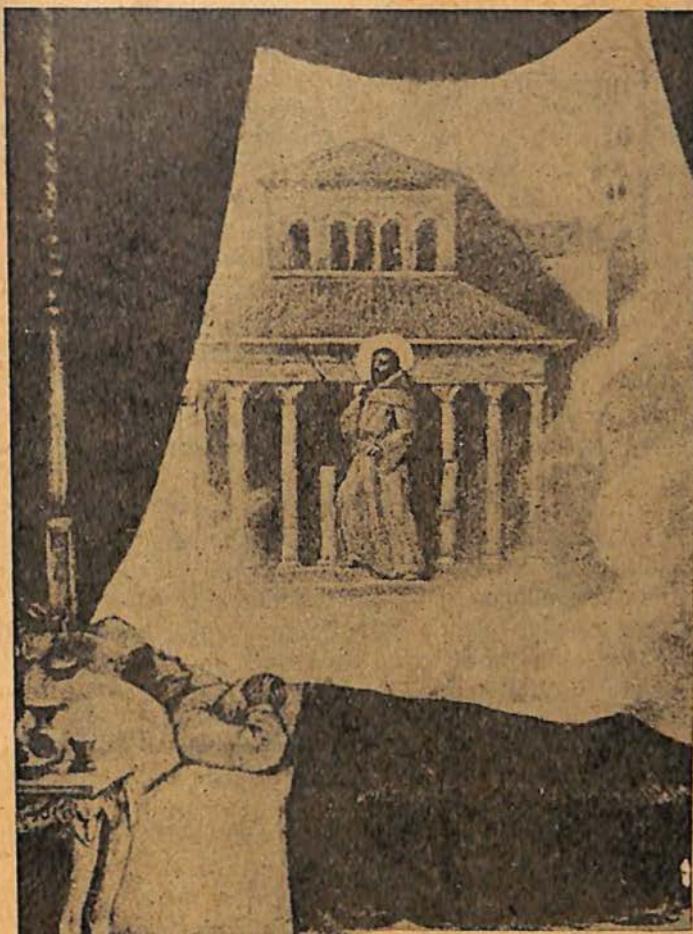


Fig. 5 — Francisco escora a igreja do Latrão. Sonho de Inocência III

sitiada pelos Cruzados, mas êstes vinham de ser repelidos sangrentamente num assalto infeliz à praça forte, defendida valentemente por dois caudilhos muçulmanos, o sultão do Egito e o de Damasco.

O Exército cristão estava minado pela indisciplina. As desavenças dos chefes somavam-se à rapinagem e a intemperança das tropas. Sta. Joana D'Arc advertira um dia que as derrotas provêm da indisciplina e corrupção dos soldados.

O Santo viu tudo, observou a situação e ficou consternado. O estandarte da cruz só estava ali como sinal de ignomínia. Francisco advertiu aos Chefes não tentassem estupidamente novo assalto que

seriam derrotados. Não lhe deram ouvidos. O assalto foi desencadeado e nova derrota os arremegou para a retaguarda, ficando coalhada de mortos a orla da praça.

A conquista dos corações. — A missão mais urgente devia ser empreendida entre os próprios cruzados. Depois de se haver dado à oração e de fazer apelo aos chefes empedernidos, julgou que devia empregar o último cartucho para amolecer aqueles corações, e começou a pregar-lhes, usando da linguagem ardente dos cavaleiros que ele bem conhecia. Aproveitando da humilhação trazida pelos revéses, procurou reacender, entre os cristãos, um novo entusiasmo pelo destino da guerra que vinha sendo desfigurada.

Mas não bastava erguer o espírito combativo dos cruzados, urgia realizar o objetivo de sua missão, que não era apenas a vitória das armas cristãs, mas a conquista dos muçulmanos para a fé. Iria ao campo adversário, não com o propósito de Judit, para golpear o Sultão, mas, à maneira de Ester, para ganhá-lo para Deus. Vencida a resistência capital, todo o corpo da grei submeter-se-ia. E penetrou sózinho, ousadamente, nas linhas inimigas, levando uma couraça — a fé, e esta só arma formidável na mão: — a Cruz.

As pratulhas inimigas quizeram trucidá-lo. Quem era esse homem de aparência grotesca, dando ares de fanático? Como gritasse com ênfase: — Sultão! Sultão!, tomaram-no por um mensageiro e o levaram a presença de El Kamel:

— Vens como mensageiro da paz ou em busca de Alá?
— Venho em nome de Deus, para anunciar-te a salvação, respondeu ao Sultão,

e falou-lhe com tamanha unção e eloquência que El Kamel, encantado daquele homenzinho prodigioso, disse-lhe:

— Fica comigo e te darei honras entre os meus.

Francisco porém lhe advertiu amavelmente:

— Se te queres converter com teu povo ao Cristo, ficarei contigo de bom grato. Mas se duvidas, põe em jogo o Cristo e Maomé. Manda acender uma fogueira e lança-me com os teus sacerdotes nas chamas. Seja para tí verdadeira a fé daquele a quem o fogo não tocar.

Receu o Sultão da ousada proposta:

— Temo que nenhum sacerdote de Alá queira expôr-se de tal sorte em defesa do Alcorão.

Francisco tentou um supremo esforço:

— Pois então, para que te persuadas, dansarei eu no fogo. Se arder, leva-o a conta de meus pecados, mas se sair ilesa, reconhece nisso a virtude do Cristo e renega a tua fé.

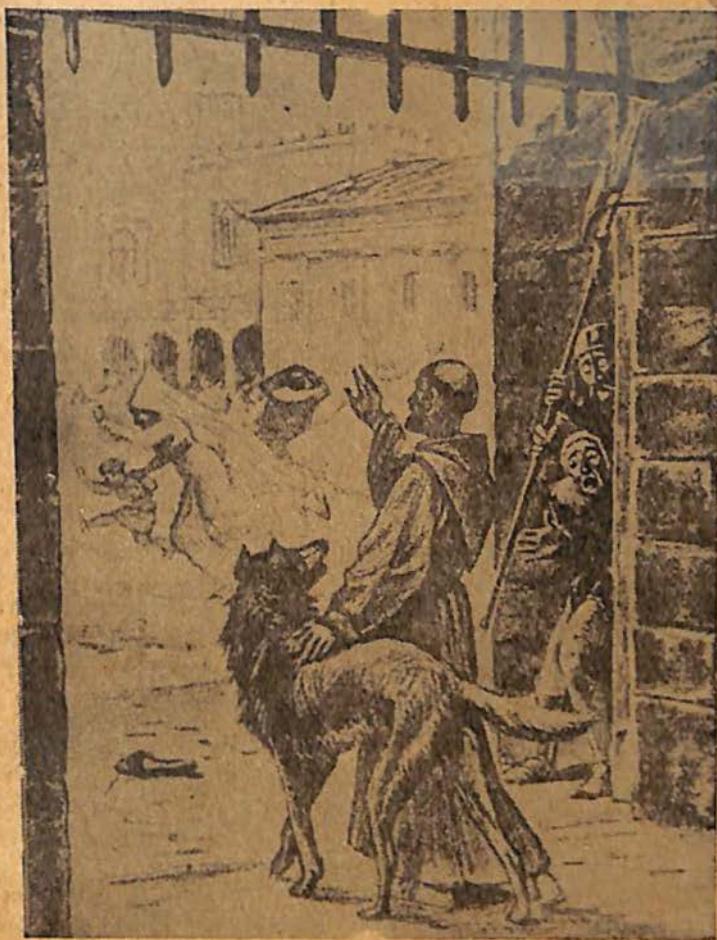


Fig. 6 — Todos fogem, mas o lobo reconhecido por Francisco, torna-se manso como cordeiro.

Surpreendido e admirado por tão estranho desprendimento, o Sultão oferceu-lhe valiosos presentes, que êle recusou com simplicidade:

— O que eu quero de tí é o teu bem e tua alma para Deus.

Recebeu, em troca, um salvo-conduto com a liberdade de trânsito em terra sarracena, podendo ir e vir à Palestina e nela se estabelecer.

Foi uma de suas maiores conquistas. Conseguio assim um lugarzinho permanente para seus frades no Santo Sepulcro, o qual vem sendo mantido há sete séculos, sem mesmo sofrer interrupções nas perseguições ali desencadeadas contra os cristãos. Diz-se ainda que ganhou

por tal modo o coração do Sultão, que, êste, sentindo-se morrer, pediu lhe fossem enviados dois frades para o confortarem.

Em 1220 Francisco voltou à Itália. O seu nome empolgava as populações da península e corria mundo. Foi por êsse tempo que a pequena grei de 5 frades que êle enviara à Marrocos para a conquista da África, pereceu às mãos dos môuros. De lá retornaram sómente as ossadas daqueles "loucos" missionários. Expedição malograda, é certo, mas — coisa notável — o que não puderam aqueles homens ardorosos, puderam-no as suas cinzas frias, levadas para Lisboa, e a tal ponto, que viraram a cabeça daquele rebento dos Bulhões, que depois foi S. Antonio, frade formidável, o qual, sózinho e enquanto vivo, conquistou meio mundo para a fé, e, depois de morto, se fez prestimoso soldado do Brasil.

A conscrição geral — fundação da Ordem Terceira. — A mobilização dos espíritos para a vida religiosa tomou um impulso desconhecido. Em 1221, Francisco pregou em Canara com tal unção, que homens, mulheres e jovens queriam abandonar tudo e seguir-lo na vida religiosa, esquecidos de seus lares e de sua condição social. Enquanto êle falava, sobreveio um incidente pitoresco: As andorinhas, em revoadas, acorreram onde falava Francisco e faziam tal alarido em torno da pessoa do Santo, que êle interrompeu a прédica, para acariciar as que pousavam no seu manto. Abençoando-as, mandou que partissem. Elas, fazendo um grande vozerio, repartiram-se em leque aos quatro ventos.

Estas ocorrências fizeram amadurecer no espírito de Francisco a resposta que vinha formulando há tempos na oração, para corresponder aos anseios das populações, ávidas de terem uma direção espiritual na vida. O Santo, porém, cuja piedade corria parelhas com a prudência, via no fervor das multidões uma ameaça à desorganização social e da família. Concebeu então uma forma de laicato, que não levava ameaça nem à ordem social nem às vocações religiosas, mas, ao invés viria fortalecer a ambas, prestigiando o Estado e a Igreja. O novo sodalício era a *Ordem Terceira*, que cabia a todos de ambos os sexos, e se adaptava a todas as condições, sem o vínculo dos votos que prendem os religiosos das ordens regulares.

S. Francisco tornou-se assim, praticamente, não só um reformador dos costumes mas também um corregedor espiritual da sociedade. A Primeira Ordem formava a hierarquia, o comando das milícias franciscanas; a Segunda, uma alavancas psicológica e moral, cujo braço de aplicação firmava-se na oração e na clausura. A Ordem Terceira seria a conscrição geral, formada de homens e mulheres de todas as condições e gêneros de vida, unidos entre si pela caridade fraterna, mas distintos e separados quanto aos vínculos políticos, de família e

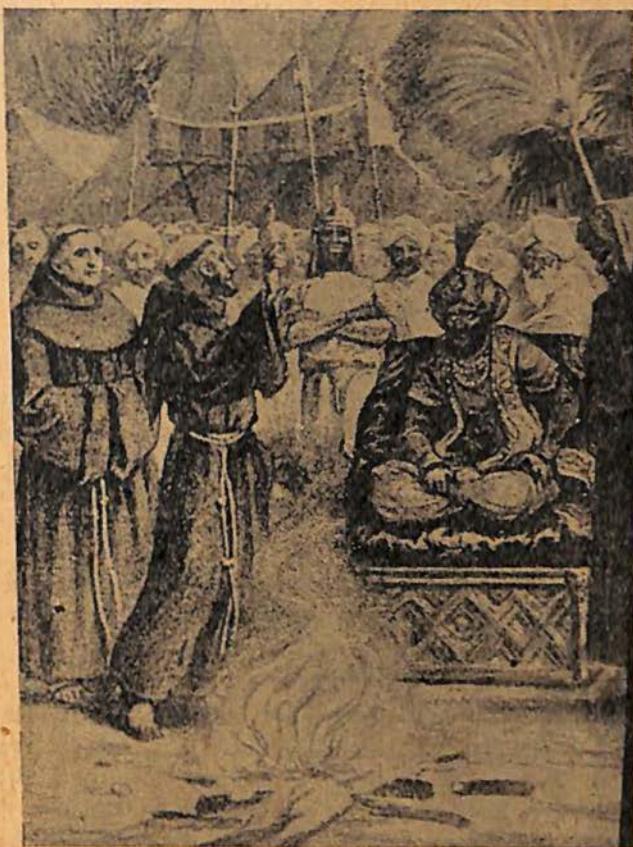


Fig. 7 — Um desafio ao Sultão: Francisco propõe uma dança na fogueira

de interesses. Todos os que não pertenciam a ordens regulares podiam ser terciários: padres, seculares e leigos, viúvos, casados e solteiros, uma-vez-que fossem fieis às regras de fé e devotadas à Igreja.

Os cânones da Ordem Terceira. — Quem se inscrevia na Ordem dos irmãos terceiros comprometia-se a procurar a paz com os próprios desafetos; a restituir os bens mal havidos, a cumprir os mandamentos de Deus e da Igreja, a não usar armas, a não prestar juramentos senão nos casos admitidos pela Igreja; a reunir-se mensalmente para as instruções e ofícios em comum; a visitar os enfermos, a contribuir para a caixa comum, em benefício de obras pias e dos irmãos que viessem a cair em necessidade.

Essa regra de vida produziu uma revolução social nos costumes e na política. A obrigação de restituir os bens mal adquiridos era de

molde a transtornar a economia de muitos, mas reparava as injustiças, moderava o arbítrio das autoridades, acalmava os rancores dos pobres contra os abastados, prevenia as vindictas particulares e as repressões fiscais. Os próprios usurários e prevaricadores se viam constrangidos.

A obrigação de não prestar juramento, senão nos casos graves e de consciência, rompia de-uma-vez com a trama feudal de obrigações, pelas quais a nobreza e os ricos se associavam, explorando o bem comum e a fraqueza dos desprotegidos. Por outro lado, a isenção dos juramentos partidários desorganizava a máquina política das facções comunais, instrumento odioso que dividia os cidadãos e os acirrava em perpétuas contumélias.

Não podendo jurar, os terciários não podiam firmar compromissos com partidos ou senhores e, dessarte, ficavam livres da sujeição dos mandões. A interdição do porte de armas era avançada novidade para aqueles tempos, em que campeava a prepotência, e cada um se tinha de valer das armas, para garantir-se ao direito de viver, que as leis não asseguravam.

Desde então estes homens inermes, mas corajosos, — *os terciários* — não temendo reações contrárias, intervinham para acalmar as contendas, reconciliar os inimigos, apaziguar os espíritos e repôr a ordem e a paz na sociedade. Agindo pelo exemplo, afastavam, com seu proceder pacífico, o germe de represálias e de guerras civis.

As contribuições mensais dos irmãos, visando um fundo para assistência coletiva, era uma antecipação feliz das nossas caixas de previdência social. Essa forma de socorros mútuos permitiu à Ordem Terceira de arrancar a beneficência do monopólio tendencioso dos ricos. Ficava assim a política de facções à mercé das iniciativas isoladas e dos caprichos de certos monastérios. A verdadeira beneficência se erigia em obra de assistência organizada, sob os auspícios da caridade, que se manifestava pelas contribuições de todos em benefício coletivo, e sem olhar o esforço maior ou menor do rico e do pobre, mas ao amor fraterno que todos congregava, à semelhança do “cíngulo” — laço afetivo que unia os altos dignitários à arraia miuda.

A Ordem Terceira foi uma notável invenção do gênio criador de Francisco, a última na série de suas grandes obras. Tornou-se, pela extensão e universalidade de sua conscrição, o “lugar comum” que assegurava no mundo civil, o prestígio e o suprimento de vocações das duas primeiras Ordens, e implantava o espírito do Evangelho em todas as classes.

Se Francisco ficasse adstrito às duas Ordens regulares, como S. Domingos, seria ainda assim, como este e alguns predecessores, um grande fundador. E’ porém, pela sua Ordem Terceira que ele se elevou a grande reformador social e “emendator”, como o qualificou depois



Fig. 8 — Com o nome de Antonio ingressa entre os Frades Menores o jovem cônego lisboense.

de sete séculos, o grande Pontífice Pio XI, ao lhe outorgar esse título “ousadamente novo na história da Igreja” e a lhe confiar a “liderança” espiritual da Ação Católica. (Nota n.º 1, in fine).

A última batalha. — O Grande Exército estava organizado: a Primeira Ordem exercia os misteres da direção e do comando; a elite das virgens da Segunda Ordem, no retiro dos claustros, seria a pira ardente da imolação e da prece que desarma a justiça de Deus e propicia as bençãos, como irradiações do sol na maturação das searas.

A Ordem Terceira compreenderia a multidão de irmãos de todas as classes a que se alistaram, ainda nos dias do Patriarca, príncipes e monarcas, generais e cavaleiros, sábios, camponezes e artistas, damas da Corte e mulheres do povo. O Patriarca encerrava assim o ciclo de suas obras. Era ainda moço, mas estava no fim. Em 1224, na

quaresma do Arcanjo S. Miguel, Patrono dos Grandes Comandos, Francisco recebe os sinais da crucifixão. Seu desejo, de fato, era ser imolado como Jesus. Tendo o "infiel" lhe recusado duas vezes o martírio, pediu ao Cristo lhe desse a sofrer as dores acerbas de sua paixão. E o Cristo veio em pessoa crucificá-lo, abrindo-lhe, nos membros e no lado, feridas idênticas as dos ferros que os trespassaram. Dois anos ainda carregou os estígmata doridos. Passou o comando das milícias. Chegado o dia 4 de outubro de 1226, convocou seus filhos, os amigos e os irmãos da natureza.

Ergueu-se num esforço supremo e abençoou a Pátria com as mãos cruzadas sobre os peitos. Depois, estendeu-se na cinza sobre a terra nua, reunindo as últimas energias, para entoar a última canção. Único entre todos, ia morrer cantando.

Vinha entardecendo. Bandos de cotorias ruflavam as asas em revoadas. O irmão sol, rotundo e belo, encerrava mais uma jornada rutilante. A irmã água, humilde e casta, murmurava sua eterna sinfonia. E a irmã morte... mas a irmã morte veio no último momento, entoando uma canção de glória aos que morrem cantando as glórias do Senhor.

CONCLUSÕES

1.º) S. Francisco é o único dos Santos que gosa de universal estima dos homens de pensamento, sem distinção de credos e filosofias, porque todos vêm nêle a criatura mais simples, humana, pacífica, generosa que tem existido. (Nota n.º 2, in fine).

Foi a um tempo idealista e realizador, contemplativo e homem de ação. As idéias nêle se cristalizavam em atos e os atos se espiritualizavam em anseios de perfeição. De impulsivo e veemente, que era no começo para as ações generosas, tornou-se depois, não menos ardente, mas sereno, e como que senhor dos acontecimentos, pela intuição segura que nutria dos seres e das cousas.

2.º) Foi homem de fé consumada. Via nitidamente, sem véus, os aspectos da criação e o ascendente inconfundível do Creador. Por isso mesmo, não sendo homem de letras, foi cantor e poeta, enamorado da natureza e das almas — obras primas de Deus.

Brilhou nêle a centelha do gênio, mas só pôde ser gênio porque foi seráfico, saindo de si totalmente para dar lugar ao próprio Deus que nêle agia.

Não tinha "eu" nem "meu". Ganhou assim os corações de todos e até os animais e as forças da natureza lhe eram submissos.

"Alter Christus" é chamado.

3.º) Fez-se guerreiro para defender a honra e os brios da Pátria. Não via no adversário um inimigo, mas um obstáculo. Tomou parte em três arremetidas heróicas: o levante contra a ocupação tedesca de sua cidade, a expedição de Assis contra Perúgia e a primeira jornada de Apúlia.

Em Perúgia tiveram por certo de subjugá-lo para fazê-lo prisioneiro, pois temia mais a desonra militar que a morte. Portou-se sempre ariosamente como bom soldado, seja manejando a trôlha e a pá, seja de armas na mão, e, ainda, nas horas de amargura, vencido e prisioneiro. Trabalhos, lutas, vicissitudes, ele os encarava como incidentes do ofício e os levava com ânimo sereno e bom humor, procurando tirar partido até das ocorrências desfavoráveis.

Compartilhou da destruição das obras germânicas em Assis e da ereção das fortificações de sua cidade.

Reparou e construiu templos e mosteiros — casernas de formação das almas. Escorou com o peito a Igreja-mãe.



4.º) Foi organizador e Chefe de milícias — um grande exército — que engajou no curso dos séculos a remover o “não” e a erguer o “sim” do que concerne ao reino de Deus.

5.º) S. Francisco, como subordinado, foi diligente, pronto, humilde e afeiçoado aos Chefes. Como Chefe, exerceu o mando com paternidade. Na obediência e no comando foi exímio e admirável, porque, como Davi, punha em tudo a “verdade” e a “justiça” com o condimento da “brandura”.

6.º) S. Francisco foi grande em tudo. Ufane-se a Engenharia militar de tê-lo por Patrono.

Um exército não marcha sem estradas, não agarra o inimigo sem varrer os obstáculos que o precedem, e só detem adversário superior opondo-lhe tropeços e fortificações.

Foi "Arauto de Deus", fazendo o papel das "transmissões". Destruiu obstáculos, construiu obras de defesa e de comunicações, impondo-se como exemplo a sapadores e pontoneiros.

Eis como S. Francisco, que é padrão de todas as virtudes, veio a figurar também como insigne Patrono da Engenharia militar, a arma dos grandes trabalhos e dos modestos lidadores na paz e na guerra.

NOTA 1

S. FRANCISCO — PATRONO DA AÇÃO CATÓLICA

S. Francisco foi um homem dinâmico, de energias criadoras. Sua força de realizações prolonga-se através dos séculos. Não faz muito, o grande Papa Pio XI, "divinamente inspirado", consoante sua própria afirmativa, criou, no final do seu vigoroso pontificado, uma novel organização universal — a AÇÃO CATÓLICA —, isto é, participação dos leigos, dirigidos pelo Episcopado, no apostolado hierárquico da Igreja. E, para Patrono desse grande exército espiritual, a quem iria buscar o venerando Pontífice? Não houve que vacilar; um grande nome se impôs desde logo, foi o do Patriarca de Assis, mercê das cintilações de sua intuição social, católica e apostólica do mundo.

Entusiásmando com essa feliz idéia — de apostolado leigo — nestes tempos em que o clero é insuficiente e que as lutas ideológicas são acirradas e frequentes, assim se exprimiu um esclarecido Bispo brasileiro:

— Esta nova forma de apostolado, sob a "liderança" espiritual de S. Francisco, parece indicar o pensamento oculto do Santo Padre, de refundir os vários ramos das Ordens Terceiras, para erigir um só exército terciário, não mais por grupos estanques, vinculados às antigas Ordens regulares de onde procediam, mas unificados, rejuvenescidos e supercomandados pela Cúria Romana, sob a imediata direção do Episcopado. Este exército terciário, disciplinado, coeso e uno, eu antevejo, só pode ser a grandiosa e novel organização da Igreja — A AÇÃO CATÓLICA.

Eis aí como o espírito vivificador de S. Francisco se transporta no correr dos séculos, suscitando novos processos de recristinização da sociedade.



Fig. 10 — Francisco, agonizante, abençôa a Pátria.

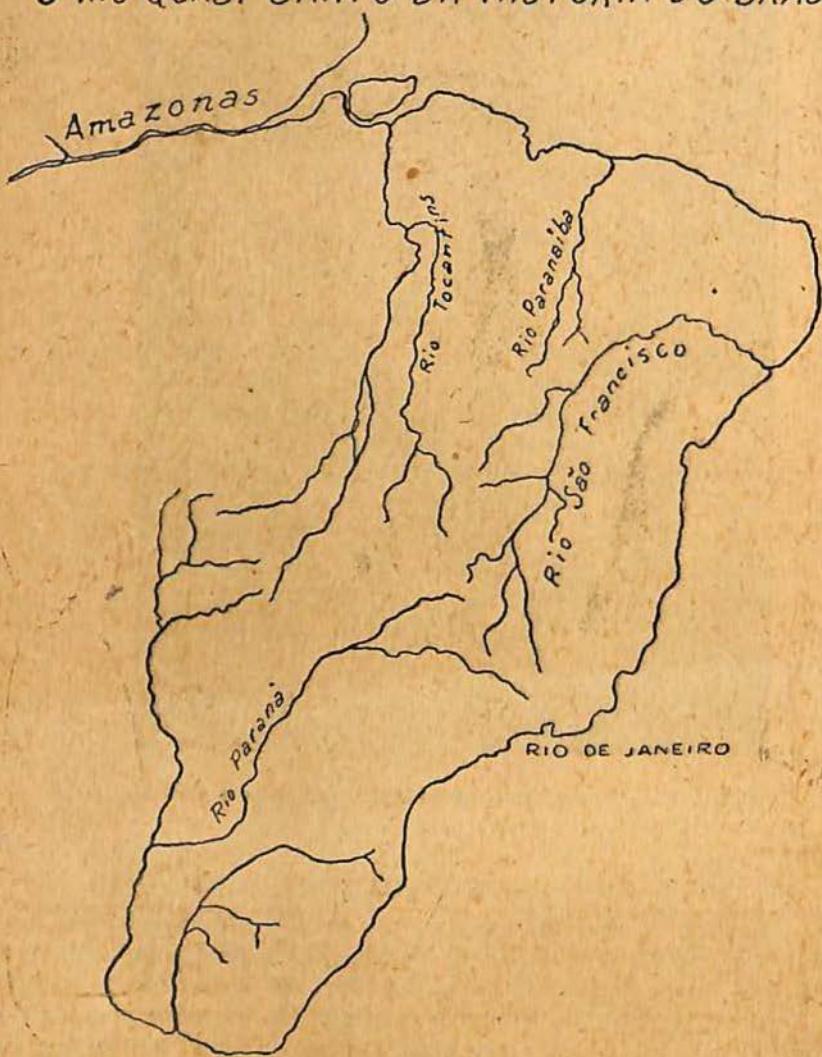
NOTA 2

O NOME DE FRANCISCO EM TODO O MUNDO

S. Francisco é alvo da simpatia universal. Os aspectos de sua personalidade, simples em si mesma, mas complexa para quem a observa de fora, vem sendo estudados, cada vez mais, há 7 séculos, por escritores e artistas de todos os credos e matrizes, em variados gêneros do pensamento, no afã de surpreenderem o segredo das transformações por ele operadas nos corações dos homens e no espírito do mundo.

Seu nome foi o alfa de um série notável de "Franciscos" que se seguiram na categoria de santos, soberanos e homens ilustres. Francisco passou a figurar no onomástico de famílias de linhagem nobre. Em todas as línguas seu nome multiplica-se aos milhões nas pias batismais e nos registros civis.

O RIO QUASI SANTO DA HISTÓRIA DO BRASIL



O RIO SÃO FRANCISCO CURVADO SOBRE OS RIOS VISINHOS, REALIZA UMA FUNÇÃO DE TRAMPOLIM NO DESBRAVAMENTO DA INTER-LÂNDIA BRASILEIRA

Diversas Ordens religiosas e sodalícios autônomos, no curso dos últimos séculos, vieram alinhar-se debaixo de seu patrocínio. Na história e na geografia das nações, a repetição de nome "Francisco" patentêia o grau de preferência que êle tem desfrutado no espírito dos desbravadores e povoadores da terra.

Tambem no Brasil os acidentes geográficos e políticos vem repassados da influência do Santo de Assis. A primeira missa celebrou-a um franciscano, Frei Henrique de Coimbra, ao plantar a primeira cruz no solo brasileiro. A evangelização do selvícola, a colonização, os grandes colaboradores do golpe do Ipiranga com Frei Sampáio, missionários de todos os tempos, Capelães de nossas operações militares, tiveram decidida participação de franciscanos. Cidades, portos, vilas, sítios, fazendas, bispados, paróquias, basílicas, capelas, irmandades, empresas, etc. etc. pontilhados na cartografia brasileira com o nome do santo, testemunham que S. Francisco é grandemente querido e piedosamente invocado no Brasil por nossos patrícios de ontem e de hoje.

Por último, surge em evidência êsse nome bizarro do *Rio S. Francisco* — "rio quase santo da história do Brasil" (*), — rio essencialmente brasileiro — que é uma página de nosso passado e uma esperança de nosso porvir, caminho andante que liga o litoral, de Leste a Oeste, com a interlândia, e, depois, numa admirável conversão à esquerda, encurva-se mágicamente de um quarto de círculo, para vincular o Norte ao Sul. O rio-corcunda parece genuflexo. E' como um braço do Santo, em atitude de amplexo, acariciando as vertentes (vide o mapa do Brasil) dos grandes rios Paranaíba, Tocantins e Paraná, no sentido de irem narrar ao Oceano, à Amazônia e ao Prata as glórias e riquezas do Brasil Central.

(*) Capistrano de Abreu.

REGINA HOTEL

PRÓXIMO AOS BANHOS DE MAR E A 5
MINUTOS DA AVENIDA RIO BRANCO

RUA FERREIRA VIANA, 29-JUNTO Á PRAIA DO
FLAMENGO -- TEL. 25-7280. END. TELEG. "REGINA"

RIO DE JANEIRO

*A "boite" do Cassino
Atlantico tem o segredo
dos grandes centros cos-
mopolitas. E' o "foyer"
onde, na presente esta-
ção, se reúne a nossa
sociedade.*

CASSINO

atlantico

A Instrução de Tiro de F. O.

(Seu aproveitamento maximo dentro da dotação)

pelo Capitão *Marílio Malaquias dos Santos*

Sendo o tiro um dos ramos mais importantes da Instrução, devemos dedicar-lhe todos os esforços e carinho, de modo que, pelo menos, cada reservista que da caserna saia, esteja em condições de efetuar o tiro até 400 metros. E para isto ser obtido, necessário se torna, que o soldado, quando em serviço ativo, tenha executado todos os tiros da série, pois só com o treinamento é possível ser obtida a prática.

Na guerra atual, em que como doutrina, o Exército alemão utiliza no máximo o fogo, para dar sempre ao inimigo a impressão de que o efetivo da tropa em luta é superior do que é na realidade, preciso se torna, que cada Brasileiro que empuhar um fuzil nos campos da luta, o faça eficientemente, com grande rapidez, mas, também, com o máximo aproveitamento, para que não haja desperdício de munição. E, assim, toda a munição que for consumida em tempo de paz com uma instrução de tiro de ótimo aproveitamento, representará uma grande economia na guerra.

Baseado nestas considerações, é que julgamos oportuno este pequeno estudo, que resolverá, cremos, as dificuldades que anualmente sente um Cmt. de Sub-unidade, para dentro da dotação orçamentaria, conseguir com que o maior número possível de soldados execute todos os tiros a distância real. Sendo a tabela da dotação de munição de caráter reservado, este estudo não poderá ser tão explícito como é nosso desejo, pois, não nos podendo basear em números, seremos obrigado a um exame mais geral.

Pela dotação, um soldado fuzileiro que fôr reprovado em um exercicio de tiro, quer da distancia reduzida ou da real, não poderá completar a série, ficando, se fôr uma só vez reprovado, impossibilitado de executar o tiro a 400 metros. Sendo peior a sua situação, caso sofra mais uma reprovacão, o que nem sempre depende exclusivamente do atirador, pois, temos que levar em conta a arma, que, embora escolhida entre as de melhores calibres, são utilizadas em todas as demais instruções, o que sempre prejudica um pouco a sua eficiência, as condições atmosféricas, a qualidade do estande e as vezes, tambem da munição. Já com o soldado volteador, por ser um pouco maior a dotação da munição destinada aos seus exercicios de tiro, a situação melhora um pouco, mas ainda é precária, pois sendo um elemento que no combate somente emprega, como arma, o seu fuzil, deve estar em condições de executar com este o tiro em todas as posições e dentro dos alcances eficientes da arma. E o que se verifica é que sendo reprovado uma só vez desde que seja em uma das posições em que haja o tiro de ensaio, não poderá mais sofrer nenhuma reprovacão, sob pena de ficar impossibilitado de completar a série; nas demais posições, só poderá ser reprovado no máximo em duas.

Considerando-se que nem todos atiradores possuem ótima visão, que por mais perfeita que tenha sido a instrução técnica, não se poderá corrigir completamente o sistema nervoso do atirador, o qual só mostrará melhoras com a continuação de exercicios de tiro e, finalmente, que há exercicios mais ou menos dificeis, como os de números 8, 10 e 11, verifica-se que a munição destinada à realisação dos tiros previstos é, pôde-se dizer, pequenissima.

Como resolver este problema, sem que haja necessidade de um aumento no consumo da munição e com toda honestidade possível no critério da marcação do tiro, só passando aqueles que tenham na realidade atingido, pelo menos, o limite mínimo exigido na posição ?

A solução para o caso será a economia de munição feita no bom atirador, em proveito do mal. Mas para que a Cia. a primeira vez que fôr ao estande já tenha, mais ou menos selecionados, os bons atiradores, faltando a última prova, que é o primeiro exercicio de tiro real realizado, torna-se necessário que a instrução técnica do tiro, tenha sido ministrada com a máxima dedicação, com grande constância e por auxiliares conhecidos como bons instrutores e atiradores, para que se possa ter confiança absoluta nos triangulos de pontaria. Abrindo aqui um parentesis, aconselho a todos os Cmts. de sub-unidades, que desejarem levar ao estande sómente homens que saibam realmente fazer uma visada correta, a empregarem na instrução preparatoria um aparelho de visada, de facil manejo e grande eficiencia, de autoria do soldado musico JOÃO JÓCA, pertencente ao 3.º Regimento de Infantaria.

Vejamos como fazer a economia.

1.c) Abolindo o tiro de ensaio a todo bom atirador.

2.º) Diminuindo de um tiro as posições ns. 3 e 9, isto é, distribuindo sómente 4 tiros, visto ser a condição de passagem 3 impactos; isto ao bom atirador;

3.º) Suprimindo tambem um só tiro nas posições ns. 10 e 11, embora a dotação seja de 7 tiros e a condição de passagem 4 impactos no circulo maior, mas isto se levando em consideração a distancia (300 e 400 metros respectivamente) e as posições (deitado, com a arma livre e de joelhos, com a arma livre).

Com esta economia uma sub-unidade eficazmente instruída na parte técnica do tiro, conseguirá no fim do ano de instrução estar com os seus elementos no mesmo nível, isto é, terem feitos todos os tiros previstos na série.

Este sistema de economia poderá trazer em alguns casos o prejuizo individual, para o bom atirador, pois, muitas vezes, si fizesse o uso de mais um cartucho, a sua classificação de Bôa, si fôsse o caso, poderia passar para Muito Bôa, mas nun-

ca o de ser reprovado, visto que, si algum imprevisto acontecesse, lhe seria fornecido a munição que iria economizar.

Mas para Cia. nenhum inconveniente haverá, visto a classificação ser feita pela quantidade dos homens nas diferentes posições e não pela qualidade dos atiradores da Cia. Baseando-se neste sistema de classificação, verifica-se que estas sugestões estão perfeitamente enquadradas, pois, é fóra de dúvida, que uma sub-unidade que no fim do periodo apresente todos os seus homens como tendo realizado os tiros previstos na série, embora com a proporção mínima de atiradores classificados como Muito Bons, será muito mais eficiente para guerra, do que uma Cia. que cerca da metade de seus homens sómente tenha conseguido passar por todas as posições, apresentando homens ainda nos tiros 8, 9 e 10, embora a porcentagem dos atiradores classificados como Muito Bons nos diferentes exercícios, seja o dobro do da outra.

Quanto ao pedido da munição nenhuma dificuldade haverá, porquanto os estojos serão todos recolhidos, visto que a munição será na realidade consumida.

Na parte relativa a escrituração, uma vez que esta economia fôsse oficialisada, poder-se-ia escriturar para o bom atirador o número de tiros com que na realidade passou na posição e escriturar no mal o número de vezes que repetiu a posição, colcando na observação a situação de ter sido realizada com economia ou não. Isto facilitaria muito o controle do consumo da munição.

Caso a economia, dentro da base acima, fosse maior do que a necessaria para que todos os homens da Cia. completassem a série, esta seria recolhida ao Almoxarifado juntamente com os estojos e seria uma munição que a sub-unidade contaria para o treinamento dos seus bons atiradores, para os concursos de tiros.

Estas são as sugestões que creio resolveriam o problema de tiro de F. O. em uma sub-unidade.

307 O Soldado Ferroviário

1.º Ten. *LINDENOR DE MELLO MOTTA*

No presente artigo desejo fazer uma apreciação geral do grande acervo de realizações do soldado ferroviário, mostrando, sob uma forma comparativa, o modus vivendi daquele pioneiro do progresso.

O soldado ferroviário, nos últimos anos, tem representado no Exército, talvez o menor contingente que é consagrado reservista combatente do Brasil, pois o Primeiro Batalhão Ferroviário é a única seara aonde se forma atualmente, aquele obreiro, quasi anônimo do nosso engrandecimento, ao mesmo tempo que se torna a coluna aonde repousa a garantia da continuidade das nossas comunicações ferroviárias em tempo de guerra.

Tenho acompanhado, como a totalidade dos nossos oficiais, o desenrolar da atual guerra, para o que possuo como termo principal desse determinante, a nossa colenda "A DEFESA NACIONAL", e não tive ainda a oportunidade de ver uma descrição exclusiva dos feitos desse modesto servidor do Exército, e no teatro da luta; entretanto ouço diariamente: "A R.A.F. bombardeou hoje importante nó Ferroviário; os Russos destruiram grande extensão das vias férreas que levam a Berlim; os Exércitos Alemães em seus recuos teem destruído todo sistema Ferroviário que vão deixando para a retaguarda". Quem efetúa num lapso de tempo o mais curto possível tais reconstruções de importância vital para as nações em luta? Naturalmente, o soldado Ferroviário.

O Snr. Ten. Cel. Lima Figueiredo nos trouxe do Extremo Oriente importantes notícias sobre as Unidades Ferroviárias Japonesas, e mostrou Á ARMA DE ENGENHARIA BRA-

SILEIRA, como se desenvolve a instrução daquela tropa naquele País, apresentando, outrossim, dados dalguns rendimentos alcançados. Tais ensinamentos nos levam instintivamente, a fazermos uma comparação entre aquele e o nosso soldado Ferroviário e podemos inferir, com satisfação, ser o nosso, melhor e no mínimo igual áquele. Tal conclusão se chega pelos resultados alcançados nas construções das Ferrovias em que os nossos soldados são, numa feliz determinação, empregados. Digo feliz determinação porque no útil emprego dos soldados executando as missões dadas ás COMISSÕES DE ESTRADA, os nossos quadros da Arma de Engenharia, encontram ambiente fertilíssimo para se desenvolverem, tendo em vista a exuberância de recurso necessário para que as referidas Comissões se desencumbrem das suas missões, os quais meios são colocados a disposição das UNIDADES, que teem sob a sua direção. A tal respeito vejamos o caso do Primeiro Batalhão Ferroviário e nele apreciemos o soldado: — o Primeiro Batalhão Ferroviário é anualmente responsável pela execução de dois programas, um essencialmente técnico e outro, o seu normal, de instrução, e conforme a orientação geral do Comando o Batalhão é ora inclinado para o primeiro ora para o segundo, sendo necessário para a execução dos dois, e de uma forma que possamos dizer ótima, esforços enormes. Durante o tempo que servi naquela Unidade, o Batalhão era treinado de forma surpreendente para a formação do soldado essencialmente técnico-ferroviário, isto é, ótimos soldados de avançamento e de nivelamento de linha, bons executantes de terraplenagens; no que diz respeito á formação de cabos, formámos ótimos chefes de turmas, especialistas em lidar com explosivos, bons maquinistas, telefonistas, exploradores de movimento de trens, e chefes de Estações; finalmente no tocante aos sargentos, conseguimos ótimos mestres de obras, dedicados e competentes mestres de linha, e treinados chefes de seções de oficinas.

Durante a construção da linha de S. Tiago a S. Luiz, aonde empreguei as minhas atividades, a preocupação máxima de

todos que comigo morejaram, era apresentar, no fim do dia, o maior rendimento possível de trabalhos concluidos, de forma que, para executarmos os demais assuntos do programa, aproveitávamos da seguinte forma: — Os dias chuvosos, — que em determinadas épocas do ano são em grande quantidade, — para ensinarmos a instrução geral e Educação Moral, também para efetuarmos a limpeza e reparação do material; os domingos e feriados para efetuarmos a instrução de tiro; nessas instruções os soldados se empenhavam de forma muito entusiasmante, pois os resultados conseguidos sempre foram ótimos, isto é, raros soldados não conseguiam colocar de três a mais impactos no espelho; resultados esses obtidos quer por ter sido ensinado, a miúdo, e facilmente assimilada, a instrução preparatória, quer porque nós empregávamos ótimos mosquetões, alguns novos e na sua maioria mosquetões recompostos pelo Arsenal de General Camara.

Parte do pessoal durante os domingos e feriados era empregada para o transporte do material, a fim de efetuarmos o abastecimento das várias construções que iam sendo ombreadas concomitantemente.

O soldado Ferroviário, denominação dada áquele que, vindo da colônia ou da cidade, tem a ventura de tirar o seu tempo militar, conduzindo em seus ombros, a semelhança do antigo batalhador quando conduzia o archote sacrossanto do cumprimento do dever o entregava á seguinte geração, prenhe de vitória em todas as suas componentes que dirigiam o desenvolvimento da Pátria para cima e para o alto; aquele nosso soldado ao receber das mãos do seu comandante de companhia o certificado de reservista, sente a satisfação de ter deixado nas paragens, muitas vezes inhóspitas e insalubres, por onde passaram, o traço indelével de uma vida profícua e producente; ele mostra de forma inequívoca, ao companheiro que o vai substituir, o resultado de um esforço inteiramente dedicado ao serviço do Brasil, cuja confirmação se caracteriza de forma elementar, pela vibração que sacode para frente aquelas para-

gens, já então despertadas diariamente e de forma regular, pelo silvar da locomotiva, levando com o seu resfolegar incansável, a prosperidade aos recônditos mais longínquos da nossa Pátria.

O soldado Ferroviário não tem, normalmente, como os seus companheiros das outras Armas, o prazer de mostrar, nos dias de Festa Nacional e pelas avenidas engalanadas, o resultado dos conhecimentos da brilhante ordem unida, auridos durante os inflexíveis exercícios.

O soldado Ferroviário não tem oportunidade, como os de mais de, sob a aclamação do povo, sentir o mixto de orgulho e alegria, maximé ao passar por um grupo de admiradores ou admiradoras de sua Unidade e receber delas os justos vivas; ele não tem oportunidade de sentir o frenezí, ou uma coisa qualquer que talvez tenha como limite o êxtase da suprema satisfação, ao passar em frente aos palanques das autoridades, sob o som de bandas marciais, e ao efetuar a sua impecável continência receber delas, como uma afirmação da sua intangibilidade, a saudação misturada com uma salva de palmas. Ele não sente o prazer que causa uma DISPENSA DA REVIS-TA que o permitisse ir ao cinema ou ao FOOTING DA PRA-ÇA; ele é destacado, depois de um curto espaço de tempo de adaptação na sede da Unidade, para locais os mais variados possíveis e todos em plena CAMPANHA; ele fica nesses locais sob as ordens, normalmente, de um oficial jovem, cheio de ardor e que possue comumente a mística do trabalho, e tem ainda em seu espírito, bem vivo, o lema que o guiou nos inclementes exercícios da Escola Militar: O SOLDADO E' SUPERIOR AO TEMPO" e com ele (o soldado Ferroviário) desde que o Sol aparece até que se põe, e muitas vezes pela noite a dentro enfrentam, sem fraquejar, as intempéries e os precalços das missões a serem cumpridas.

O soldado Ferroviário não tem, como os seus colegas das outras Armas, o prazer, de após o seu árduo trabalho, repousar num alojamento confortável, ou divertir-se na Biblioteca das praças, aonde encontram-se também jogos de salão. Ele dedi-

ca as suas poucas horas de lazer, á lavagem da sua própria roupa ou ao jogo de "Bocha" em canihas improvisadas. Ele habita em alojamentos de madeira cobertos de zinco, hostis nas duas estações fortes do ano.

O soldado Ferroviário não tem o contentamento íntimo que causa a todos soldados, o testemunho dos seus amigos e parentes, ao vê-los voltarem ou sairem para um exercício fora do quartel, maximé quando voltam, a maior parte visivelmente cansada, e não obstante, entôa com ardor as canções das suas Armas. Os únicos testemunhos do soldado Ferroviário são: o quero-quero o qual com seu estridente e constante alarme, apenas quebra a monotonia de que se reveste, ás vezes, a continuidade do trabalho a par de um cenário pouco variável; o anum branco e o gado que com os seus movimentos formam, nas cochilhas ondulantes e que se sucedem sem cortes bruscos, um panorama harmonioso de um bucolismo imutável. Ao voltar da seara, ora sentado ora em pé nas pranchas puxadas pelas pequenas locomotivas, um bem cansado, deixa transparecer em seu semblante um mixto de melancolia e satisfação, nascido das saudades dos seus pais ou da noiva que deixou na Colônia distante; satisfação, por poder voltar de trem, pelo mesmo caminho, que na manhã tivera que atravessar a pé, e isto concorrera para se alcançar, em tal dia, "TUPANTUBA", aonde falam, haverá churrasco; outro, mais forte, vem descrevendo as fases humorísticas registradas no dia, o que torna a viagem cheia de lances alegres. Todos eles repetem e sentem os dizeres dos oficiais: "hoje aumentámos de mais alguns metros os braços do Brasil, que partindo dos grandes Centros, parece, num perene amplexo, querer abraçar o interior". Os mestres de linha veem descrevendo fatos de antigas construções: "certa vez, no rigor do inverno, foi decidido que a alvorada passaria a ser ás quatro da madrugada, a-fim-de que os soldados não se alarmassem com a "Grossura da Geada", isto é, iriam até o local do trabalho ainda ás escuras, e em lá chegando, não temiam vontade de falharem, pelo contrário, procuravam me-

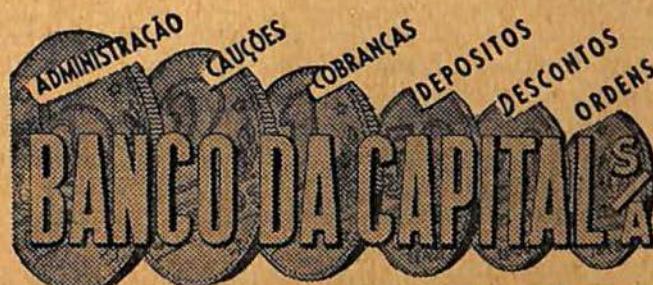
xer-se o mais possível a-fim-de não sentirem o “LEVANTAR DA GEADA”; foi realmente uma ótima medida do SENHOR TENENTE, que, em nossa companhia, só víamos a geada na ponta da linha.

Para o soldado Ferroviário os dias são aqueles que marcam a chegada das pontas dos trilhos à determinada localidade, a conclusão da abertura de um corte ou o término de um aterro; nesse dia o rancho é melhorado, isto é, há churrasco e guaraná, e é deixado para um lado, e por um dia, o pesado trilho, o dormente, a marreta de pregação, a pá e a picareta.

A-pesar do padrão de vida desigual, ele gosta muitíssimo da vida que leva, pois é fácil a sua adaptação, tendo em vista ser a dedicação ao trabalho o essencial para o desempenho do seu dever, e isto, ele, na sua maioria, já o tem na massa do sangue, e a vida se torna, na realidade, muitíssimo entusiasmante, principalmente quando, O AVANÇAMENTO OU O NIVELAMENTO DA LINHA se aproxima de uma determinada localidade, que há muitos anos está a espera dos trilhos; a esse respeito me lembro de quando a linha aproximava de S. Luiz Gonzaga, Cidade que desde o tempo de PINHEIRO MACHADO esperava a estrada de ferro, registraram-se fatos como o que se segue, o qual demonstra a anciadade do povo daquelas plagas missioneiras: “QUANDO FUI LOCAR A ESTAÇÃO DE S. LUIZ GONZAGA, um velho contemporâneo de Pinheiro Machado perguntou-me: Tenente, quando verei os trilhos? Desde 1914 que eu vejo engenheiros chegarem com aparelhos, depois ví oficiais baterem a estaca zero, porém nunca ví os trilhos, chego as vezes, a não acreditar que antes de morrer os verei. E para mais uma glória do soldado do Primeiro Batalhão Ferroviário, os trilhos lá estão, e o velhinho poude, ainda com seus oitenta e seis anos, BATER O ULTIMO PREGO. Por esse tempo o soldado Ferroviário não invejava de forma alguma os seus irmãos das outras Armas, pois, era alvo das maiores demonstrações de carinho por toda aquela região, a nós legada pelos nossos ante-

passados Paulistas para a qual, a roda e o trilho, conduzidos por seus braços, levavam a prosperidade. Com esse último feito o soldado Ferroviário, ou melhor o soldado do Primeiro Batalhão Ferroviário orgulha-se de ter concorrido de forma muitíssimo destacada para ter, no decênio 1932-1942, concluídos quinhentos quilômetros de estrada de ferro, isto é, uma admirável média de cincuenta quilômetros anuais entregues a um tráfego seguro.

O soldado Ferroviário, finalmente, possui em alto gráu, além dos sentimentos que tangem os demais soldados, a convicção de que está desenvolvendo um esforço eminentemente útil, elevando numa realidade inconteste políticamente a unificação nacional, ao mesmo tempo que amplia, facilita e completa o sistema interno de comunicação Ferroviária; tal sentimento atinge ao máximo quando ao ser entregue, à utilidade pública o "substratum" de sua atividade, vê, no desfile inaugural, e na mistura das aclamações frenéticas do povo, a tríplice representação tangível do Brasil.



ABERTO DAS 9,30 AS 19 HORAS - SEM INTERRUPÇÃO
RUA 7 DE SETEMBRO, 98/100 - RIO - TELS. 42-9073
42-2474

O Brasil precisa de mais cimento

Todo esforço que se faça no sentido de ampliar a industria do cimento, em nossa pátria, bem merece os mais acélos aplausos. E' que, agora, mais que nunca, o Brasil precisa de cimento e poucas são as fábricas existentes, não chegando sua produção para fazer face às necessidades sempre crescentes da nossa industria da construção civil.

Ainda há pouco, em memorável entrevista cuja repercussão foi profunda, o ilustre militar que é o general Agostinho dos Santos ressaltava a necessidade que o país tem de instalar novas fábricas de cimento, afim de que o seu progresso não estacione. Dizia isso o brilhante soldado após visitar as instalações da Cia. Cimento Portland do Paraná, que a energia e o patriotismo do engenheiro Jorge Bueno Monteiro estão erguendo no solo fértil da gleba paranaense, onde o Interventor Manoel Ribas, com seu alto senso administrativo, incentiva todos os empreendimentos industriais capazes de acelerar o ritmo de progresso que sacode a terra de Emiliano Pernetta.

Será, essa modelaríssima fábrica de cimento, uma contribuição valiosa para nosso engrandecimento industrial. Sua produção, que será das maiores, concorrerá para que não importemos tanto cimento estrangeiro e será, também, um valioso incentivo à construção civil, hoje sujeita a cotas que não chegam para as grandes tarefas que se lhe apresentam.

Ainda há poucos dias, falando sobre a situação angustiosa que vive a industria de construção civil, no que se refere a cimento, dizia o sr. Martins de Almeida, secretário do Sindicato da Industria da Construção Civil:

“Quanto ao cimento, é sabido que a cota destinada à construção civil está muito aquém das suas necessidades normais. Além do racionamento a que estamos procedendo, dentro das normas que acabo de expor, resta-nos uma única solução que é a da importação do produto similar estrangeiro”.

Dessas palavras se conclue que, empreendimentos como a instalação da Cia. de Cimento Portland do Paraná, ou outros que venham a ser tentados, com o objetivo de alargar a produção de cimento no Brasil, representam valioso e patriótico serviço prestado à nação e ao surto acelerado de seu progresso. Foi isso, aliás, que em períodos claros e incisivos, afirmou o general Agostinho dos Santos em sua oportuna entrevista, acentuando a necessidade que o Brasil tem de produzir cimento, muito cimento.

Justifica-se, pois, deante dos fatos em toda sua eloquência, o apoio que todos os círculos econômicos e industriais estão prestando ao organizador da nova fábrica de cimento, engenheiro Jorge Bueno Monteiro.

O Oficial de Ligação na Artilharia

Relatório do Cap. W. V. Ledley, da AA. Norte Americana, extraído de THE FIEL ARTILLERY JOURNAL, de Jan. de 1944. (Tradução do Ten. Cel. Armando Vasconcelos).

O artigo que temos o prazer de apresentar, pareceu-nos muito interessante, porque se trata de um relato sincero, fiel e instrutivo sobre a difícil tarefa de oficial de ligação da A. junto à I. correspondente a episódios passados no atual conflito. Esse trabalho põe em relevo o papel das transmissões e suas necessidades para facilitar a delicada e penosa tarefa do interprete do comando da A. junto aos comandos interessados pela sua intervenção rápida, oportuna e decisiva.

Essas triplice característica da intervenção do fogo na batalha, envolve toda a complexidade dos problemas atribuídos à A. Divisionária (organica e de reforço) e como que justifica a existência de órgãos especiais consignados na organização das unidades de emprego, todos, porém, tiranicamente condicionados por sua "magemade" — as transmissões.

De feito, elas são indispensáveis para satisfazer:

- as necessidades intrinsecas da A
- as necessidades de sua combinação com as outras armas na execução pura e simples da manobra.

Na 1.^a categoria, essas necessidades destinam-se a atender:

- a direção do tiro, problema técnico das baterias (P.D. Linha de fogo, P. C., etc).
- a direção do tiro, problema técnico das baterias (P.D. tico dos grupos visando a articulação dos tiros das baterias no quadro da manobra. Graças a essa coor-

denação é possível centralizar essa direção até nos es-
calões superiores.

Na segunda categoria, elas devem facilitar aquela manobra de fogos, tendo em vista o seu emprego em massa em combinação, essencia da manobra a realizar.

Para que tudo isso se processe rápida, precisa e eficaz-
mente, a A. tem necessidade de orgãos complementares capa-
zes de assegurar sua ligação com as unidades a apoiar:

- os observadores avançados assegurando a continuida-
de de ação em qualquer emergencia do combate e ga-
rantindo a segurança das tropas amigas, não importa
onde estejam.
- os observadores aéreos orgânicos que completam a ta-
refa dos primeiros e de grande utilidade na remoção
de incidentes no combate.
- o oficial de ligação com seus auxiliares imediatos,
constituindo os destacamentos de ligação. São orgãos
permanentes. Tem um duplo papel — manter cons-
tantemente informados os comandos da A. e da Arma
apoiada, sobre a situação do momento, seu dever,
missão atual e suas possibilidades, facilidades para o
desempenho de missões complementares, natureza dos
objetivos e seu selecionamento oportuno, enfim é o
hiato do binário fogo-movimento.

Todo esse trabalho, porém, como sabemos tem seu exito
estabelecido no funcionamento perfeito das transmissões.

O merito do trabalho está em apresentarmos nas situações
correntes do combate, as condições favoráveis para o emprego
dos meios de transmissões-radio e fios telefônicos simultâneos
ou separadamente. Além disso, serve de magnifica advertência
sobre o caráter especial da instrução a ser ministrada a estes
orgãos auxiliares da A., geralmente descurada.

Passemos a palavra ao Cap. Ledley.

Quando me foi confiada a tarefa de oficial de ligação de

um Batalhão de A. media, eu tinha uma concepção vaga dessa função.

Os Manuais de Campanha não são muito explícitos a respeito de ligação, particularmente no âmbito da Artilharia Média.

Depois de algumas experiências durante a campanha da Tunísia e, recentemente da Sicília, chegou-se a estabelecer um processo exequível, que foi largamente difundido.

Embora o T/O, de Abril de 1942, sobre que ainda trabalhamos, cogite apenas de um oficial por seção (1), temos invariavelmente sido obrigados a fazer a ligação com os dois Grupamentos Táticos (combats teams) mais ativos. Isto se tem executado, a despeito à dificuldade de reforçar aquela dotação, mas premidos pelo perigo de poder atirar sobre eles em qualquer área em que possam atuar através da unidade de tiro de artilharia responsável por aquele setor.

Não obstante todos os esforços emvidados, a A.D. nem sempre pode estar informada sobre a última linha atingida por todas unidades que compõem a frente da Divisão.

Cada uma de nossas seções (de ligação) tem sido constituída de um NCO (Sgt. observador), 1 radio operador, 1 mensageiro, 1 "jeep" com reboque porta munição de I., 1 aparelho radio S. C. R.-610 e um radio S. C. R.-294, ambos montados.

Não há dúvida que nosso pobre "jeep" fica sobrecarregado com tanta cousa, mas cada homem e equipamento discriminado torna-se indispensável.

O motorista para levar-nos e escrever as mensagens, o Sgt. Obs. (N/C/O) para substituir o oficial (a ligação criteriosamente executada tem um ciclo de 24 horas durante uma

(1) O T/O e o T/Es, datados de 15 de Julho de 1943, prevêm, para a A. Média, apenas 1 oficial de ligação (capitão), 1 "jeep" com 1 posto de S. C. R.-610 montado e um motorista.

Advertimos que alguns pormenores aqui descritos não correspondem necessariamente a situação preconizada pelas novas tabelas, embora sigam rigorosamente os princípios regulamentares que permanecem os mesmos. (O Editor).

ardua batalha), o radio operador para trabalhar continuamente quando não houver direta pelo fio entre os batalhões. Nas situações de perseguição tem-se normalmente esse caso. Nessas situações, desde que a A. percebe que já não há I. suficiente à sua frente, torna-se essencial assegurar uma instantânea alternância dos meios de transmissões, independentemente de fios.

Nos terrenos difíceis sobre que temos operado, quando o Batalhão leve avança para a frente permanecendo o Batalhão Medio em posição, o S. C. R.-610 fica fora de alcance o que obriga o emprego imediato do S. C. R.-284.

A solução ideal, sobre o ponto de vista transporte e transmissões, consistiria em levar-se um carro de comando com um S. C. R.-608 montado que satisfaria todos os casos.

Quando fui destacado para junto do P. C. de um Batalhão leve, procurei instalar-me junto a uma arvore existente a umas 50 ou 100 jardas da Central de tiro. Si o Batalhão em apreço estendesse uma linha para entrar na central do Batalhão apoiado, bastaria a inserção de um quadro nesse central para que eu e a central de tiro pudessemos contar com uma linha direta, o que é essencial para facilitar a execução das missões urgentes de tiro.

Ainda que se mantenha uma escuta permanente no âmbito da central de tiro, é impossível ficar-se ao corrente da situação porque as informações sobre os resultados das missões de tiro são recebidas por partes e fragmentadas. Por mais ativo, pois, que seja o E. M., a carta da situação nesses momentos tormentosos da luta, não terá seus dados em dia. Para poder manter meu Batalhão informado, nessa fase, sobre a situação que é frequentemente confusa, terei certamente uma tarefa difícil, agravada em certos momentos pelas transmissões. Daí a condicional de que, somente quando se dispuser de uma linha direta, será possível contar com dados completos sobre a situação vivida, em condições de serem explorados utilmente.

Quando se conta exclusivamente com o radio, tendo que trabalhar frequentemente sem luz adequada para a cifração

conveniente das mensagens, alem da perda de tempo há o risco de erros, de modo que os dados tendem a se tornar obsoletos quando forem recebidos. Nesse sentido não se evoluiu satisfatoriamente quanto a rapidez na transmissão das mensagens, inclusive em codigos que se aconselham nesse genero de mensagens para facilitar sua transmissão. Certas unidades devem ser preparadas especialmente no manuseio dos codigos de mensagens, constituindo um recurso excelente para a execução das missões de tiro, mas de necessidade absolutamente limitada para outros usos.

Um outro meio práctico e exato para a informação sobre a situação, consiste no calco, mas há o inconveniente de exigir um portador. Justifica-se muitas vezes, a hesitação de se expedir o unico "jeep" para conduzi-lo, prevalecendo duas razões principais: 1.º se terá que desloca-lo varias vezes por dia para, talvez, levar muito curtas notícias; 2.º devido ao tráfego intenso, seremos forçados a desloca-lo por estradas perigosas, o que constitue um grande risco, notadamente durante a noite.

Por outro lado, as linhas telefonicas, ligando os dois Batalhões atravez a Central da A. D. oferecem um valor limitado para o oficial de ligação, salvo nas transmissões urgentes. Uma ou outra dessas linhas está constantemente ocupada e, si uma delas necessita entrar em conexão por muito tempo, essas duas unidades ficarão impedidas de se comunicarem com o Q. G. do escalão superior.

Em tal emergencia, é mais aconselhavel confiar inteiramente no radio, sobretudo quanto as missões de tiro. As missões de tiro eventualmente ocupam grande espaço de tempo. Ainda assim, será vantajoso e possivel ligar um observador da A leve diretamente com a nossa propria central de tiro. Eu raramente fiz assim e comumente retransmiti as mensagens por meio de postos de muda. Não obstante, reconheço que há grande probabilidade de erro nessa retransmissão, especialmente quando o observador está inquietado pelo fogo inimigo e tem que

OFICINAS
Mecânica, Metalúrgica e Galvânica

Reparações e concertos - Grande e perfeita cromagem

Cromagens, douração, prateação, bronzeação e oxidação
Estilos diversos — Niquelagem com banho de espessura
Concertos de autos, rodas, motores, dínamos, ventiladores,
etc. - Concertos e carga de bateria - Raios e "nipples" novos

Mega & Cia. Ltda.

Avenida Mem de Sá, 31 - Telefone 22-1403
RIO DE JANEIRO

**SOCIEDADE
E INDUSTRIAL**



**CONSTRUTORA
BRASILEIRA L.º**

RIO DE JANEIRO

Terraplanagens de Estradas — Arruamentos

Pedreira em Petrópolis

OFICINA MECANICA COMPLETA

Rua do Rosario, 54 - 4.º

Telefone 43-7760

devidamente instruídos e uma relação dos que estão em condições de ser matriculados.

VIII — Na classificação para matrícula serão observadas as seguintes condições preferenciais: 1.^o) os engenheiros; 2.^o) os mais moços.

IX — O inspetor geral do Ensino do Exército mandará matricular os candidatos classificados, até 5 de agosto próximo futuro.

X — Os candidatos matriculados serão considerados convocados para estágio de instrução com direito a vencimentos.

XI — Uma vez aprovado no curso, o oficial será convocado para o serviço ativo se houver vaga de oficial subalterno da arma, servindo de preferência em Unidade, formação ou Serviço de Defesa Anti-Aérea.

(Portaria n. 3.377, de 19 — D. O. de 22-6-942).

DEPÓSITO DE MATERIAL DE INTENDÊNCIA — (instalação)

E' mandado instalar, com sede em Belém do Pará, o Depósito de Material de Intendência da 8.^a Região Militar.

(Aviso n. 1.748, de 3 — D. O. de 6-7-942).

DEPÓSITO R. M. VETERINÁRIO — (contingente)

Aumento o Contingente do Depósito de Material Veterinário da 3.^a Região Militar de mais dois soldados, afim de atender a evidente necessidade do serviço.

(Avisc n. 1.856, de 16 — D. O. de 18-7-942).

EFETIVO DE BATALHÕES DE INFANTARIA — (autorização)

E' autorizado o comando da 2.^a Região Militar a dar efetivo aos terceiros batalhões dos 5.^o e 6.^o Regimentos de Infantaria, com sede, respectivamente, em Marília e Lins (S. Paulo). Eses batalhões serão instalados logo que disponham dos necessários aquartelamentos nas sedes que lhes são fixadas.

(Aviso n. 1.747, de 3 — D. O. de 6-7-942).

— E' autorizado o comando da 4.^a Região Militar a dar efetivo, quando julgar oportuno, ao terceiro Batalhão do 12.^o Regimento de Infantaria, em Juiz de Fora, no quartel do 4.^o Grupo de Artilharia de Dorso.

(Aviso n. 1.749, de 3 — D. O. de 6-7-942).

EFETIVO DE CORPO — (organização)

O 2.^o Batalhão de Caçadores terá organização e efetivo análogo aos do 1.^o Batalhão de Caçadores.

(Aviso n. 1.577, de 18 — D. O. de 20-6-942).

— O III/7.^o Regimento de Infantaria tem organização e efetivo análogos ao III/8.^o Regimento de Infantaria (Passo Fundo).

— O 3.^o Regimento de Cavalaria Transportado (São Gabriel — Rio Grande do Sul), tem organização e efetivo análogos aos do 2.^o Regimento de Cavalaria Transportado (Rosário).

— E' mandado dar efetivo ao 3.^o Regimento de Cavalaria Transportado, com sede provisória em São Gabriel (Rio Grande do Sul).

(Avisos n. 1.618-1.630 e 1.631, de 23 — D. O. de 25-6-942).

ESCOLAS DE INSTRUÇÃO MILITAR — (provas)

Atendendo ao que expõe o diretor de Recrutamento, em ofício n. 1.684-R-3, de 23 de junho último, torno sem efeito a segunda parte do aviso n. 240, de 4 de agosto de 1938, sendo obrigatórias nos Tiros de Guerra e Escolas de Instrução Militar, as provas escritas de que trata a letra *a*, do item IV, da portaria n. 49, de 29 de março de 1937, submetidos a provas orais, somente os atiradores analfabetos.

(Aviso n. 1.825, de 10 — D. O. de 13-7-942).

Banco Hipotecario "Lar Brasileiro"

S. A. DE CRÉDITO REAL

RUA DO OUVIDOR, 90 — FDNE: 23-1825

CARTEIRA HIPOTECARIA — Concede empréstimos a longo prazo para construção e compra de imóveis. Contratos liberais. Resgate em prestações mensais, com o mínimo de 1 % sobre o valor do empréstimo.

SECÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO — Encarrega-se de administração de imóveis e faz adiantamentos sobre aluguéis a receber, mediante comissão módica e juros baixos.

CARTEIRA COMERCIAL — Faz descontos de efeitos comerciais e concede empréstimos com garantia de títulos da dívida pública e de empresas comerciais, a juros módicos.

DEPÓSITOS — Recebe depósitos em conta corrente à vista e a prazo, mediante as seguintes taxas: CONTA CORRENTE A VISTA, 3 % ao ano; CONTA CORRENTE LIMITADA, 5 % ao ano, CONTA CORRENTE PARTICULAR, 6 % ao ano; PRAZO FIXO, 1 ano, 7 % ao ano; 2 anos ou mais, 7 1/2 % ao ano; PRAZO INDEFINIDO: Retiradas com aviso prévio de 60 dias, 4 % ao ano e de 90 dias, 5 % ao ano; RENDA MENSAL: 1 ano, 6 % ao ano; 2 anos, 7 % ao ano.

SECÇÃO DE VENDAS DE IMÓVEIS — Residências, Lojas e Escritórios modernos, a partir de R\$ 55.000\$000. Ótimas construções no Flamengo, Avenida Atlântica, Esplanada do Castelo, etc. Venda a longo prazo com pequena entrada inicial e o restante em parcelas mensais equivalentes ao aluguel.

Encarrega-se da venda de imóveis

USABRA (REPRESENTAÇÕES) **S. A.**

AGENTES DA ALME STEEL Co.
CHICAGO

FITAS DE RIO E ACESSÓRIOS PARA EMBALAGEM

Avenida Calogerias, 12-A — Tel. 42-7303

RIO DE JANEIRO

Caixotaria Brasil Ltda.



RUA GENERAL CAMARA 313
Rio de Janeiro

Srs. Oficiais! Ide viajar?
Procurai a "Caixotaria Brasil"
Trabalha 90 % para militares
Centenas de atestados.
Engradamento de moveis, cristais, louças etc.
Encarrega-se de embarque e despacho
Orçamento sem compromisso

Rua General Camara, 313

Fone 43-4339

ESCOLA MILITAR — (alunos do 3.º ano)

Em aditamento ao Aviso n. 230 — Exam. 2, de 27 de janeiro do corrente ano, declaro que conforme propõe o inspetor geral do Ensino do Exército, em ofício n. 2.513, de 26 de junho findo, serão aplicadas aos atuais alunos do 3.º ano da Escola Militar, em 1942, as disposições constantes do citado Aviso.

(Aviso n. 1.195, de 8 — D. O. de 10-7-942).

ESCOLA MILITAR — (concurso de admissão)

Atendendo ao grande número de alunos das Escolas Preparatórias e do Colégio Militar, candidatos à matrícula na Escola Militar em 1943, declaro para os devidos fins, que, de acordo com a lei de Ensino em vigor, não devem ser admitidos a concurso em 1943 para a Escola Militar, candidatos civis.

(Aviso n. 1.764, de 6 — D. O. de 8-7-942).

ESCOLA DE MOTO-MECANIZAÇÃO — (denominação)

Em vista do que dispõe a letra *b* do art. 8.º do decreto-lei n. 4.130, de 26 de fevereiro de 1942, lei do Ensino Militar, o Centro de Instrução de Moto-Mecanização passa a denominar-se Escola de Moto-Mecanização. (Aviso n. 1.789, de 7 — D. O. de 9-7-942).

ESCOLAS PREPARATÓRIAS — (regulamento)

O Diário Oficial de 17-7-942, publica na íntegra o Regulamento para as Escolas Preparatórias, aprovado pelo Decreto n. 9.978, de 14-7-942 (Escolas Militar e de Intendência).

ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DE FORTALEZA

— (pessoal mensalista)

Fica aprovada, para vigorar durante o corrente exercício, a anexa tabela numérica para o pessoal extranumerário mensalista da Escola Preparatória de Cadetes em Fortaleza, no Estado do Ceará, criada pelo decreto-lei n. 4.006, de 9 de janeiro último.

(Dec. n. 9.762, de 19 — D. O. de 22-6-942).

ESQUADRÃO DE TREM — (estacionamento)

O 4.º Esquadrão de Trem é mandado estacionar, provisoriamente, em Juiz de Fora (quartel do 4.º Grupo de Artilharia de Dorso). (Aviso n. 1.673, de 23 — D. O. de 25-6-942).

ESTABELECIMENTO DE MATERIAL DE INTENDÊNCIA — (organização)

É organizado, para instalação a partir de 1 de julho do corrente ano, com sede em Recife, o Estabelecimento de Material de Intendência da 7.ª Região Militar.

(Dec.-lei n. 4.412, de 26 — D. O. de 29-6-942).

— O Estabelecimento de Material de Intendência da 7.ª Região Militar tem organização idêntica à do Estabelecimento de Material de Intendência do Rio.

(Aviso n. 1.769, de 6 — D. O. de 8-7-942).

ESTABELECIMENTOS DE SUBSISTÊNCIA — (devolução de sacos)

Torno extensivo às remais Regiões Militares, em relação aos Estabelecimentos de Subsistência provedores, o disposto no Aviso n. 636-10-42, de 11 de março próximo findo, mandando que as unidades administrativas da 1.ª Região Militar restituam obrigatoriamente ao Estabelecimento de Subsistência do Rio a maior quantidade possível de sacaria recebida, tendo nôximo cuidado na sua conservação.

DESDE AQUELE DIA



*parece que
os negócios tomaram
novo impulso...*

A direção da firma cabia a um sócio apenas. Por isso, os Bancos limitavam seu crédito. Não havia pleno desenvolvimento. Um dia, porém, os três sócios resolveram proteger a firma e protegerem-se mutuamente, instituindo um Seguro Comercial, na Sul America. Desde então o crédito firmou-se, os negócios aumentaram e os lucros multiplicaram-se. Siga este exemplo, o Sr. que também é comerciante!



SUL AMERICA

Companhia Nacional de
Seguros de Vida

End. Telegr. SIMAB
RIO DE JANEIRO
Código: A. B. C. 5.
MELHORADA & LIEBER'S

S. I. M. A. B. Ltda.

SOCIEDADE DE INTERCAMBIO MERCANTIL
ARGENTINA BRASILEIRO

Av. Graça Aranha, 39 A-11.^o

Telefs.: 42-5415 - 42-8431
RIO DE JANEIRO

SANTOS

Rua Cidade De Toledo, 7
End. tel. SIMAB-SANTOS
TELEFONE 3628

S. I. M. A. B. Ltda.,
Barão de Itapetininga, 93-4. - S. 409/10
SÃO PAULO

NEW-YORK

SCHUPF & Co.
580 Fifth Avenue
End. tel. SOHAMOS

Telef. BRyan 9-8822

BUENOS AIRES

Cangallo, 689
End. tel. Simab Buenos Aires
Telefones 34-2985 - 34-2986



CONDOR
significa triunfar sobre
tempo e distâncias

voar via

Os Estabelecimentos de Subsistência bonificarão as unidades com o justo valor dos sacos, cuja quantidade ultrapassar da quota de 50 % dos sacos perfeitos recebidos com os víveres e forragens.
(Aviso n. 1.699, de 1.º — D. O. de 3-7-942).

ESTADO DE GOIAZ — (inauguração da Capital)

Resolve designar o general de brigada Emilio Fernandes de Souza Docca e o tenente-coronel de Engenharia José de Lima Figueiredo, para representar o Ministro da Guerra nas festividades da inauguração de Goiâria, nova capital do Estado de Goiaz.

(Portaria n. 3.391, de 20 — D. O. de 22-6-942).

ETAPA ... (valor)

Atendendo ao que expõe o comandante da 6.ª Região Militar, em ofício n. 120, de 9 de junho findo, autorizo o aumento do valor da etapa de praças das guarnições de Salvador e Aracajú, para 3\$8 e 3\$9, respectivamente, no segundo semestre do corrente aro.

(Aviso n. 1.887, de 17 — D. O. de 20-7-942).

FORÇA AÉREA BRASILEIRA — (organização)

O Diário Oficial de 16-7-942, publica na íntegra, o Decreto-lei n. 4.478, de 14-7-942, que organiza a Força Aérea Brasileira em tempo de paz.

FORRAGEM — (aquisição)

A partir de 1 de julho próximo, sempre que houver dificuldade na aquisição de milho, será adotada, em caráter provisório, a seguinte ração de forragem para os cavalos da 1.ª e 4.ª Região Militar: dois quilos de alfafa; dois quilos de milho; quatro quilos de farelo de trigo; 0,005 quilos de sal. Esta ração poderá ainda sofrer substituições pelo E.S.M. do Rio, no que diz respeito a sucedâneos já experimentados (aveia silvestre, farelo de milho e melão). A ração de muares continuará sendo a mesma já aprovada.

(Aviso n. 1.680, de 29-6 — D. O. de 1-7-942).

GASOLINA — (consumo)

Os Corpos, Estabelecimentos e Serviços subordinados a este Ministério deverão cientificar, diretamente e com urgência, à Diretoria de Moto-Mecanização, da quantidade de gasolina estritamente indispensável ao desempenho de suas atribuições. Para esse cálculo terão em vista a recomendação contida no item I das Instruções publicadas no Diário Oficial de 13 de maio de 1942.

Cumpre restrigir, quanto possível, o emprego dos veículos automóveis, tanto de carga como de passageiros, atendendo-se a que a quantidade desse combustível é cada vez mais precária no País, tornando-se quasi insuperáveis as dificuldades para sua importação, circunstâncias estas agravadas com o aumento forçado do consumo decorrente da organização inadiável de novas unidades.

(Aviso n. 1.828, de 11 — D. O. de 14-7-942).

GRUPO ANTI-AÉREO — (criação)

E' criado, para instalação a partir de 1.º de agosto do corrente ano, o II Grupo de 3.º Regimento de Artilharia Anti-Aérea com sede provisória em Recife.

(Decreto-lei n. 4.467, de 10 — D. O. de 13-7-942).

GRUPOS MÓVEIS DE ARTILHARIA DE COSTA — (organização)

São organizados, para instalação a partir de 15 de julho do corrente



— a marca consagrada no Brasil como
O MELHOR IMPERMEABILIZANTE



NA impermeabilização de grandes edifícios do Rio e São Paulo, de numerosas piscinas e túneis, de obras sanitárias do Governo e reservatórios de água do Nordeste, os produtos impermeabilizantes Sika gozam sempre de preferência.

• Peça informações sobre os impermeabilizantes Sika de pega normal, rápida e ultra-rápida, imunizadores de pisos, fachadas e superfícies à

● Entreponto Federal de Caça e Pesca, no Rio de Janeiro. Toda a impermeabilização desta importante obra foi realizada com o nosso produto SIKA-1.

SOCIEDADE COMISSÁRIA E INDUSTRIAL MONTANA LTD
DISTRIBUIDORA DOS PRODUTOS "SIKA"

NO RIO DE JANEIRO:

R. Visc. de Inhaúma, 64-4.º and.

EM SÃO PAULO:

R. Xavier de Toledo, 70-9.

SUPER DESINFETANTE
O LEIF
MARCA REGISTRADA

SOCIEDADE COMERCIO E INDUSTRIAS "LEIF" LTDA.

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO
FORNECEDORES DO GOVERNO

RUA DA CANDELARIA, 55-2.º

TELEF. 1 ESCRITÓRIO - 43-0223
FÁBRICA - 28-6833

RIO DE JANEIRO

ano, na 7.^a Região Militar, os Segundo e Terceiro Grupos Móveis de Artilharia de Costa.

(Decreto-lei n. 4.411, de 26 — D. O. de 29-6-942).

— Os Segundo e Terceiro Grupos Móveis de Artilharia de Costa, serão constituídos, nesta Capital, com destino à 7.^a R. M., devendo iniciar-se a sua instalação a partir de 15 do corrente mês.

(Aviso n. 1.765, de 6 — D. O. de 8-7-942).

— Os Segundo e Terceiro Grupos Móveis de Artilharia de Costa têm organização e efetivo idênticos aos do 1.^o G. M. A. C..
(Aviso n. 1.766, de 6 — D. O. de 8-7-942).

HOSPITAL CENTRAL DO EXÉRCITO — (autorização)

E' autorizado o internamento, no Hospital Central do Exército, dos funcionários enfermos pertencentes ao Lloyd Brasileiro, ficando sujeitos ao regime hospitalar e disposições outras vigentes no mesmo estabelecimento, correndo as respectivas despesas por conta da citada Empresa.

(Aviso n. 1.793, de 8 — D. O. de 10-7-942).

HOSPITAL MILITAR DE FORTALEZA — (pessoal)

O Contingente do Hospital Militar de 3.^a Classe em Fortaleza terá o seguinte pessoal: 3.^o sargento auxiliar da administração, 1; Cabos auxiliares da administração, 2; 3.^o sargento manipulador de radiologia, 1; 3.^o sargento manipulador de farmácia, 1; 1.^o sargento enfermeiro, 1; 2.^o sargento enfermeiro, 1; 3.^os sargentos enfermeiros, 2 — Soma: 9.
(Aviso n. 1.857, de 16 — D. O. de 18-7-942).

INFORMAÇÕES PARA ESTATÍSTICA — (obrigatoriedade)

Toda pessoa, natural ou jurídica, domiciliada no território nacional, é obrigada a prestar as informações que, para fins de estatística, lhe forem solicitadas, episódica ou periodicamente, pelos Serviços Federais de Estatística, diretamente ou por intermédio de órgãos da administração regional ou municipal, etc.

(Decreto-lei n. 4.462, de 10 — D. O. de 13-7-942).

JUSTIÇA MILITAR — (licenças)

Aos juízes, membros do ministério público e mais funcionários da Justiça Militar aplicam-se para todos os efeitos as disposições sobre licenças, constante do Capítulo VII, Título II, do decreto-lei n. 1.713, de 28 de outubro de 1939.

Resalvadas as disposições fundamentais na letra b do art. 93 da Constituição, revogam-se todas as outras, legais ou regulamentares, que implícita ou explicitamente contrariarem os preceitos acima referidos do decreto-lei n. 1.713, de 28 de outubro de 1939.

(Decreto-lei n. 4.471, de 14 — D. O. de 16-7-942).

OFICIAIS DA RESERVA CONVOCADOS — (licenciamento)

Os oficiais da reserva de 2.^a classe convocados para o serviço ativo poderão, após um ano de incorporação, requerer licenciamento que será concedido ou não a critério do ministro da Guerra.

(Aviso n. 1.194, de 8 — D. O. de 10-7-942).

ORDEM DO MÉRITO MILITAR — (nomeação)

Foram nomeados para o Quadro do Corpo de Graduados Especiais dessa Ordem os seguintes oficiais do Exército do Chile:

— com o grau de "Grande Oficial" o General de Divisão Oscar Escudero Otárola; — com o grau de "Comendador" o General de Brigada Nelson Fuenzalida O'Ryan.

(Decreto de 1 — D. O. de 22-6-942).

Silva Fontes & Cia. Ltda.

Comissários e Exportadores

Depositários de Borracha de todos os tipos para fins Industriais

Rua Conselheiro Saraiva, 14

Telefone 23-2986

Rio de Janeiro



Aproveitem as grandes vantagens da nossa tradicional
LIQUIDAÇÃO ANUAL

Rua do Ouvidor - esquina Gonçalves Dias

BAZAR SANTIAGO

Ferragens, tintas, louças, cristais, artigos de fantasia para presentes, material elétrico, colégial e materiais de construções. Encanamentos de ferro e chumbo. Páliha para cadeiras e materiais para ilustração.

Por atacado e a varejo — ENTREGA A DOMICÍLIO — Preços Modicos

SERAFIM DE SANTIAGO

R. DA ALEGRIA, 578 A-(Bemfica)

Tel. 28-3948

RIO DE JANEIRO

CASA FRANCESA

LINGERIE

Cinelândia - RIO

CAPILOON LOÇÃO DE PERFUME AGRADAVEL

Para caspa e queda do cabelo e mau cheiro de axilas.

Loção premiada na Exposição de Roma de 1915, com Medalha de Ouro

Expedidor: R. Barão de São Felix, 69 — Tel.: 43-6059

Armazem Progresso

Líquidos e Comestíveis de primeira qualidade. — Vinhos de meza, etc.

ENTREGAS A DOMICÍLIO — VENDAS A DINHEIRO

Fernando Ferreira da Silva

357, Estrada da Taquara, 357 - Jacarépaguá

— Distrito Federal

PROMOÇÃO DE SARGENTOS — (declaração)

No intuito de regular definitivamente a questão do acesso de praças de pré às graduações de primeiro sargento e sargento-ajudante, declara o Sr. Ministro:

a) a promoção às graduações acima serão feitas nas Diretorias de Armas e Serviços e na Secretaria Geral do Ministério da Guerra, satisfeitas as seguintes condições:

- 1) capacidade física, comprovada por inspeção de saúde;
- 2) boa conduta;
- 3) cursos regulamentares;
- 4) um ano de exercício funcional na graduação.

b) Em princípio as promoções se farão para o próprio corpo, observado o seguinte critério:

- 1) O interesse do serviço prima toda e qualquer outra consideração.
- 2) As Diretorias de Armas e Serviços e a Secretaria Geral do Ministério da Guerra verificam trimestralmente quais as vagas existentes e quais os sargentos em condições de serem promovidos.

3) No último dia útil da março, junho, setembro e dezembro, as Diretorias de Armas e Serviços e a Secretaria Geral do Ministério da Guerra promoverão os sargentos nas condições acima, adotando os princípios de antiguidade e merecimento, combinadamente, a exemplo do que se faz para os subtenentes.

4) Os sargentos promovidos serão classificados no mesmo corpo, e caso não haja aí a competente vaga, serão então classificados em corpos ou estabelecimentos da mesma Região Militar, afim de evitar-se os grandes deslocamentos que prejudicam o serviço e se tornam por demais onerosos.

5) Sempre que houver deslocamentos, nas condições retro explicadas, os responsáveis pelas promoções revêm consultar os interessados, conciliando assim o interesse geral com o interesse individual, da maneira que se não promova a quem não convenha ser transferido, perdendo então, neste caso, o interessado o direito que lhe era assegurado. Concorrerá, todavia, às promoções seguintes.

6) Serão observadas, nas promoções a primeiro sargento e a sargento-ajudante, o mesmo mecanismo atualmente existente para a promoção a subtenente.

c) Só em casos excepcionais poderão ser suspensas as promoções acima, se assim aconselharem as condições econômico-militares e ainda assim por tempo nunca superior a um ano.

d) As Diretorias de Armas e Serviços e a Secretaria Geral do Ministério da Guerra tomarão como guia de seleção dos sargentos aptos à promoção, além das condições agora expedidas, as constantes dos arts. 18 do Estatuto dos Militares (decreto-lei n. 3.864, de 24-12-1941), 393 e 401 do R. I. S. G. (decreto n. 6.031, de 26-6-1940) e 49, 50, 51, 68, 72 e 74 do R. I. Q. G. (decreto n. 3.408, de 5-12-1938).

(Aviso n. 1.777, de 7 — D. O. de 9-7-942).

PROMOÇÕES DE SARGENTOS — (monitores)

Declara que nas promoções de que trata o Aviso n. 1.777, de 7 de julho corrente, os sargentos monitores das diversas escolas e Centros de Preparação de Oficiais da Reserva concorrem às promoções como se pertencessem às Diretorias de Armas e Serviços, respectivos.

(Aviso n. 1.854, de 16 — D. O. de 18-7-942).

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Paga e recebe até às
5 $\frac{1}{2}$ HORAS DA TARDE

—
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua da Alfandega, 50

Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes

O EMBLEMA DO SEGURO NO BRASIL



Incendio, Transportes, Acidentes do Trabalho,
Acidentes Pessoais, Automoveis, Fidelidade,
e Responsabilidade Civil.

QUARTEL GENERAL DA 9.^a R. M. — (contingente)

O efetivo do contingente do Quartel General da 9.^a Região Militar, constante do Quadro 15 dos aprovados para a organização do Exército no corrente ano, por Aviso n. 3.677, Quadro 63, de 11 de dezembro de 1941, fica aumentado de um primeiro sargento e suprimido de um segundo dito. (Aviso n. 1.863, de 16 — D. O. de 18-7-942).

REGIMENTO DE ARTILHARIA MONTADO — (constituição)

O 8.^o Regimento de Artilharia Montado (Pouso Alegre), tem, a partir da presente data, a constituição seguinte:
Bateria Extranumerária; 1.^o Grupo; 2.^o Grupo (destacado).
(Aviso n. 1.768, de 6 — D. O. de 8-7-942).

RESERVA — (convocação)

E' autorizado o Comando da 3.^a Região Militar a convocar, na conformidade do decreto-lei n. 4.237, de 8 de abril último e instruções baixadas para execução do citado decreto, a disponibilidade para o Exército ativo, afim de preencher os claros existentes, no efetivo orçamentário, dos Corpos de tropa naquela Região.

— E' autorizado o Comando da 9.^a Região Militar a convocar, na conformidade do decreto-lei n. 4.237, de 8 de abril último e instruções baixadas para a execução do citado decreto, a disponibilidade para o Exército ativo, afim de preencher os claros existentes, no efetivo orçamentário, dos Corpos de tropa daquela Região.

(Avisos n. 1.829-1830, de 11 — D. O. de 14-7-942).

RESERVISTAS ARTÍFICES — (encorporação)

Os reservistas artífices, operários de fábricas e arsenais, convocados para o serviço ativo do Exército na conformidade do decreto-lei n. 4.237, de 8-4-942, são encorporados nos Contingentes dos estabelecimentos militares em que servem.

(Aviso n. 1.868, de 16 — D. O. de 18-7-942).

RESERVISTAS DE 2.^a CATEGORIA — (alistamento)

E' autorizado o alistamento de reservistas de 2.^a categoria especialistas e artífices, com vencimentos de mobilizáveis, para preenchimento de claros em todas as armas. Os reservistas devem satisfazer às exigências de lei para o alistamento de voluntários (idade, saúde e conduta) podendo ser encorporados em unidades da arma de origem ou de outra qualquer arma, segundo a especialidade.

— E' autorizado o alistamento, na 7.^a Região Militar, de reservistas de 2.^a categoria, das classes em disponibilidade ou não, com destino aos Corpos da 7.^a Região Militar. Os reservistas em apreço devem satisfazer às exigências de lei para o alistamento voluntário.
(Avisos n. 1.660 e 1.661, de 26 — D. O. de 29-6-942).

SEMANA DO SERVIÇO MILITAR — (comemoração)

O Ministro de Estado da Guerra resolve aprovar as Instruções que com esta baixam, para a comemoração da "Semana do Serviço Militar", de conformidade com os artigos 214 e 215 do decreto-lei n. 1.187, de 4 de abril de 1939.

As comemorações da "Semana do Serviço Militar" devem constar, em princípio, das seguintes atividades cívicas:

1) Ampla divulgação, pela imprensa, das finalidades do sorteio militar, e sua essência democrática.

2) Sempre que possível, palestras cívicas pelas estações rádio-difusoras, nos estabelecimentos de ensino, estabelecimentos fabris, clubes esportivos, etc., onde quer que seja oportuna a divulgação e propaganda.

A' Marca do Cinema Brasileiro

D. F. B.

DISTRIBUIDORA DE FILMES BRASILEIROS S/A

A primeira e maior organisação Nacional

Séde: RUA MEXICO, 21 — RIO DE JANEIRO

Filials e Agencias nas principais Cidades do País

Banco do Distrito Federal S/A

CAPITAL REALIZADO 10.000:000\$000

CONDIÇÕES PARA CONTAS DE DEPOSITOS:

MOVIMENTO — (sem limite).....	4 %
DEPOSITOS POPULARES — (limite 10:000\$000).....	6 %
LIMITADA — (até 50:000\$000).....	5 %

PRAZO FIXO

3 meses	5 1/2 %
6 meses	6 %
12 meses	7 %

AVISO PRÉVIO

Sem limite.....	5 1/2 %
-----------------	---------

Séde: RIO DE JANEIRO — Rua 1.º de Março, 93

Sucursais: BELO HORIZONTE — BAÍA — SÃO PAULO

Agência: Oliveira - MINAS

- 3) Concurso de trabalhos escritos, entre estudantes de cursos primário e secundário, de estabelecimentos de ensino público, constante de frases (para o primário), e composições literárias (para o secundário), versando sobre o serviço militar, sua necessidade e utilidade cívica.
- 4) A organização das bases para o concurso de que trata o item anterior, bem como a das comissões julgadoras e de outras mais minúcias que interessarem ao certamen, são da atribuição dos Chefes das Circunscrições de Recrutamento.
- 5) Da comissão organizadora das comemorações faz parte, compulsoriamente, o comandante da Região onde as mesmas tiverem lugar.
- 6) As comissões organizadoras estabelecem prêmios, em dinheiro, relativos aos três primeiros lugares, cuja classificação é atribuição privativa das comissões julgadoras.
- 7) A importância dos prêmios correrá à conta de 5 % da renda bruta proveniente das multas e cobrança da taxa militar.
- 8) As comemorações da "Semana do Serviço Militar" se encerram com a cerimônia inicial do sorteio.

(Portaria n. 3.410, de 23 — D. O. de 25-6-942).

SERVÍCIO DE RADIOTELÉFONIA — (uso)

Fica reservado exclusivamente ao serviço oficial das altas autoridades militares o uso da radiotelefonia por intermédio das estações deste Ministério.
(Aviso n. 1.677, de 29-6 — D. O. de 1-7-942).

SERVÍCIO DE RECRUTAMENTO — (recomendação)

Considerando que, com a saída dos Capitães da ativa do Serviço de Recrutamento, das Diretorias e das repartições, terão eles de ser substituídos pelos da Reserva, estes em número insuficiente para as necessidades, e que, assim sendo, é forçoso recorrer aos Tenentes da Reserva, idôneos e capazes;

Considerando que, atualmente, de todos os órgãos do Serviço de Recrutamento se exige um intensivo regime de trabalho;

Fica estabelecido o seguinte:

- a) As convocações para o serviço ativo do Exército de Tenentes da Reserva de 1.^a Classe ou de 2.^a Classe (oriundos de sargentos) e do Exército de 2.^a Linha só podem ser feitas para corpos de tropa e para as seguintes repartições: Diretoria de Recrutamento; Chefias de Circunscrição de Recrutamento; Estações das redes de transmissões rádio-telegráficas.

Os Tenentes da Reserva ou reformados que forem nomeados para quaisquer outras repartições ou estabelecimentos militares o serão como empregados, nas condições da letra b).

- b) Os oficiais da Reserva ou reformados que forem nomeados Delegados do Serviço de Recrutamento, o serão como empregados, percebendo a gratificação *pro labore* prevista no artigo 220 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército.

- c) Em consequência sejam licenciados os Tenentes da Reserva de 1.^a Classe que hajam sido convocados contrariando o disposto nesta resolução, continuando como empregados nas condições da letra b).

(Aviso n. 1.579, de 4 — D. O. de 7-7-942).

SERVÍCIO DE VETERINÁRIA — (instalação)

É mandado instalar em Fernando de Noronha o Serviço de Veterinária de Guardião, organizado na conformidade do disposto no art. 24 e seu

COMPANHIA VALE DO RIO DOCE S. A.

SUBSCRIÇÃO DE AÇÕES

Encampando as Companhias Brasileira de Mineração e Siderurgia S. A. e a Itabira de Mineração S. A., pelo decreto-lei n.º 4.352, de 1-6-1942, o Governo Federal criou a Companhia Vale do Rio Doce S. A., destinada à exploração, comércio, transporte e exportação do minério de ferro das minas de Itabira e exploração do tráfego da E. F. Vitoria a Minas.

Para que todos os brasileiros e capitalistas participem da sua constituição, estão à venda, agora, as ações da Companhia Vale do Rio Doce S. A.

É uma excelente oportunidade para aqueles que desejam empregar o seu dinheiro em negócio lucrativo, seguro e patriótico.

COMPANHIA VALE DO RIO DOCE S. A.

(Decreto-Lei n.º 4.352)

CAPITAL: 200.000.000\$000

Subscrições abertas ao público nos estabelecimentos bancários, na Caixa Econômica Federal desta capital e nos escritórios da

110.000 contos em ações ordinárias nominativas, no valor de 1.000\$000 cada uma.

90.000 contos em ações preferenciais nominativas, no valor de 1.000\$000 cada uma. Estas ações gozam de 6% preferencial, além das mesmas vantagens das ações ordinárias. (Dividendo de 15%).

AS AÇÕES PREFERENCIAIS SÃO REALIZADAS EM CINCO PRESTAÇÕES DE 20%, SENDO A PRIMEIRA NO ATO DA SUBSCRIÇÃO E AS RESTANTES EM PRAZO NÃO INFERIOR A 18 MESES.

COMPANHIA VALE DO RIO DOCE S. A.

AVENIDA GRAÇA ARANHA, 182 - 6.º ANDAR

Armazem Santo Antonio

SECOS E MOLHADOS DE PRIMEIRA QUALIDADE. BEBIDAS FINAS NACIONAIS E EXTRANGEIRAS. — PREÇOS CONVIDATIVOS

MANOEL CARREIRA

R. Cândido Benício, 629-Jacarépaguá — Rio de Janeiro

parágrafo único do Regulamento aprovado por decreto n.3.558, de 6 de janeiro de 1939.

(Aviso n. 1.890, de 17 — D. O. de 20-7-942).

SUNGA — (distribuição)

Autoriza a distribuição de uma sunga e de um gorro de Cavalaria Transportada observando-se o que estabelece a 7.^a Observação da Tabela I, das Instruções para Distribuição de Fardamento.

(Aviso n. 1.864, de 16 — D. O. de 18-7-942).

SUPRIMENTOS TRIMESTRAIS DE ETAPAS E FORRAGENS

— (determinação)

Para que a Diretoria do Serviço de Fundos do Exército possa realizar, no devido tempo, o controle do emprego dos suprimentos trimestrais de etapas e forragens, recebidos pelos Estabelecimentos de Subsistência, apresentando ao meu Gabinete, no primeiro dia útil de cada mês a demonstração das despesas correspondentes às rações fornecidas no mês anterior, determino:

- a) que os corpos e estabelecimentos, possuindo rancho organizado ou animais forragens, comuniquem em rádio ao Estabelecimento de Subsistência, no penúltimo dia do mês, depois de conhecido o arraçoamento para o dia seguinte, o total das etapas arranchadas, de rações de forragem e de quantitativos de invernada, vencidos no mês que finda;
- b) que o Fiscal Administrativo ordene o preparo e submeta à assinatura do Agente Diretor a comunicação da alínea a, uma vez que, trazendo contreladas as rações fornecidas desde 1.^º, apenas terá de adicionar as do último dia do mês, para obter os totais a serem comunicados;
- c) que nesse último dia do mês, com os totais recebidos das unidades administrativas, os estabelecimentos de Subsistência comuniquem à Diretoria do Serviço de Fundos do Exército o total de etapas e rações de forragens, vencidas na Região durante o mês, com a indicação referente aos animais invernados;
- d) que no caso de falta ou atraso das comunicações, por parte de qualquer unidade administrativa, a comunicação dos Estabelecimentos de Subsistência mencione tal circunstância;

As medidas de que trata o presente Aviso são consideradas urgentes, devendo o Serviço Rádio do Exército providenciar para que os rádios sejam transmitidos no horário que se seguir à sua entrega nas estações das redes e sub-redes regionais.

(Aviso n. 1.736, de 3 — D. O. de 4-7-942).

TRANSPORTE — (requisição)

A delegação de atribuições para requisitar transporte, de que trata o artigo 2.^º, § 2.^º das Instruções, aprovadas por decreto n. 22.596, de 30 de março de 1933, só deve ser concedida a oficiais, de preferência aos que forem auxiliares imediatos dos comandantes ou dos chefes da Repartição.

(Aviso n. 1.826, de 10 — D. O. de 13-7-942).

UNIDADES DE INFANTARIA — (efetivo tipo)

E' autorizado o Comando da 7.^a Região Militar a dar efetivo-tipo, à medida que dispuser das necessárias instalações para a tropa, às unidades de infantaria da respectiva Região, convocando, para isso, por corpo de tropa, os reservistas das classes (1.^a e 2.^a categorias) em disponibilidade para o Exército ativo, na conformidade do decreto-lei n. 4.237, de 8-4-42,

Proteção absoluta

com o material
contra incêndio
AMERICAN-LA-FRANCE-FOAMITE



A luta contra o Incêndio requer ação rápida que sómente equipamentos adequados e eficientes podem proporcionar.

Como representantes exclusivos da American-La-France-Foamite Corp. estamos habilitados a fornecer não só aparelhos de tipos pequenos para proteger casas de família, como também equipamentos para qualquer ramo de indústria, até aos mais completos para o próprio Corpo de Bombeiros, todos garantidos pelos cem anos de experiência que tornaram famoso o nome desta fábrica em todo o mundo.

— PEÇAM CATALOGOS E ORÇAMENTOS —

MESBLA S/A

• RIO DE JANEIRO •

S. PAULO - B. HORIZONTE - NITEROI - PTO. ALEGRE - PELOTAS

Agosto-1942

A DEFESA NACIONAL

e das instruções baixadas pelo Estado Maior do Exército para execução do citado decreto-lei.

(Aviso n. 1.770, de 6 — D. O. de 8-7-942).

USINA E. DE BICAS — (contingente)

O efetivo do Contingente da Usina Eletrotécnica de Bicas, constante do quadro n. 24 dos aprovados para a organização do Exército por Aviso n. 3.677, Quadro 63, de 11 de dezembro de 1941, fica aumentado de vinte soldados.

(Aviso n. 1.855, de 16 — D. O. de 18-7-942).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A DEFESA NACIONAL recebeu, no período de 20 de Junho a 20 de Julho, as seguintes publicações: "Visão Brasileira", n. 47, Junho, Rio. "Heleia", Escola Preparatória de Cadetes, Porto Alegre, Rio G. do Sul. "Revista Municipal de Engenharia", n. 1, Janeiro de 1942, Rio. "Revista de Educação Física", n. 53, Junho de 1942, Rio. "Aspiração", Colégio Militar, n. 1, Julho de 1942, Rio. "Revista Militar", n. 1 e 2, Janeiro e Fevereiro de 1942, Lisboa, Portugal. "Alerta", Junho de 1942, Montevidéu, Uruguai. "Boletim Jurídico Militar", n. 3 e 4, Abril de 1942, México. "Revista Militar", n. 5, Maio de 1942, Buenos Aires, Argentina.*

 Um ano de observação no Extremo Oriente

Ten. Cel. LIMA FIGUEIRÉDO



Sem o porte - 13\$500

Biblioteca da A DEFESA NACIONAL

Livros à venda

Anuário Militar do Brasil, 1935	17\$50
Anuário Militar do Brasil, 1936	22\$50
Anuário Militar do Brasil, 1937	17\$50
Anuário Militar do Brasil, 1938	22\$50
Anuário Militar do Brasil, 1939	22\$50
A Campanha da África Oriental — Gal. Waldomiro Lima	31\$50
A Campanha da África Oriental — Gal. Waldomiro Lima (para oficiais)	21\$00
Anuário Militar do Brasil, 1940	27\$50
Aspetos Geográficos Sul-Americanos - Ten.-Cel. Mario Travassos	6\$00
A. C. P. — Cap. Geraldo Cortes	16\$00
A. C. P. (blocos para o)	3\$00
Acentuação gráfica — Cap. Antônio Pereira Lira	2\$50
Atestado de Origem e Inquerito Sanitário de Origem — Ten.-Cel. Dr. E. Marques Porto	4\$00
As Condições Geográficas e o Problema Militar Brasileiro — Ten.-Cel. Mario Travassos	5\$50
Boletim n.º 2 — Ten.-Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo	11\$00
Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes	11\$00
Balística Externa — Cel. A. Morgado da Hora	65\$00
Cadernetas de ordens e partes	11\$00
Cadernetas de ordens e partes (blocos para)	3\$00
Caderneta do Comandante	1\$50
Cannae e nossas batalhas — Cap. Wiederspahn	8\$00
Caxias (Eduardo Berlink)	20\$00
Coletânea de Leis e Decretos de 1544 a 1938 - Maj. Bento Lisboa	13\$00
Combate e Serviço em Campanha — Ten.-Cel. Araripe	13\$00
Contribuições para a História da Guerra entre Buenos Aires e Brasil — Trad. do Gal. Klinger	13\$00
Código da Justiça Militar — Cel. José Faustino da Silva Filho	27\$00
Dispersão do Tiro — Ten.-Cel. A. Morgado da Hora	13\$00
Duque de Caxias — Cap. Orlando Rangel Sobrinho	2\$50
Do Brasil à Itália — Gal. Newton Braga	7\$50
Defesa Pessoal — Cap. Waldemar de Lima e Silva	17\$00
Ensaio sobre Instrução Militar — Cmt. Braillon — Tradução dos Caps. Garcia e Salm	13\$00
Elogio de Caxias	2\$50
Escola do Pelotão — Ten.-Cel. Araripe	13\$00
Equitação em Diagonal — Major Osvaldo Rocha	13\$00
Exemplo de Sessões de Estudos de Elementos, lições de Educação Física e Jogos — Cap. Jair Jordão Ramos	3\$00
Estudos sobre granadas de mão e de fuzil — Ten. Moacir Nunes de Assunção	11\$00
Educação Física Feminina — Cap. Jair	3\$00
Educação Física Militar — Cap. Guttenbergh Ayres	10\$00
Exercício de Combate de Companhia — Maj. Alcebiades Tamoio	18\$00
Fichário para Inst. de Ed. Física — Cap. Jair Jordão Ramos	16\$00
Formulário do Contador — Cap. José Sales	5\$00
Formulário Processual — Major Niso Montezuma	7\$00
Guia para Instrução Militar — Cap. Ruy Santiago — 1940	13\$00
História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — Gal. Tasso Fragoso	70\$00

Redação e Administração:
QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO
Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas.
O Gerente é encontrado diariamente das 14 às 17 horas.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Srs. Sócios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio-de-Janeiro.

- a) Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoais ou militares.
- b) Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio-de-Janeiro.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diretor: Cel. Orozimbo Martins Pereira
Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 32, Ministério da Guerra. As colaborações deverão ser encaminhadas ao Ten.-Cel. Lima Figueirôdo, Caixa Postal, Ministério da Guerra, ou Escola de Educação Física do Exército, Barra do Rio de Janeiro, Urca.

P R E Ç O S

Oficiais e sub-tenentes	ano	30\$000
	semestre	15\$000
Sargentos	ano	25\$000
	semestre	14\$000

Os assinantes avulsos, caso desejem que a revista siga registrada, e os assinantes do estrangeiro, devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os oficiais que desejarem ser sócios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.

Colaboram neste número:

Cel. Ascânio Viana
Cel. Onofre Muniz Gomes de Lima
Ten.-Cel. Armando P. Vasconcellos
Ten.-Cel. Arthur Carnaúba
Maj. Heitor Paiva
Maj. Augusto Maggessi
Maj. Olímpio Mourão Filho
Cap. Danilo da Cunha Nunes
Cap. Argemiro de Assis Brasil
Cap. Gilberto Pessanha
Cap. Valmir de Araripe Ramos
1.º Ten. Umberto Peregrino
1.º Ten. Fernando Belfort Bethlehem
Ten. João Lannes Leal



4\$000